BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 7 — JULHO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

Os salões, pelo exc.mo snr. visconde d'Ouguella — Uma viscondessa que não era — Bibliographia — Para a historia de D. João 4.º — Inedito de Manoel Severim de Faria — O Manoelinho poeta — Um baile dado a Junot, em Lisboa — Que saudade! — Carta a respeito... d'aquella cousa — Nil admirari.

OS SALÕES

CAPITULO V

TENEBRAE ERANT

Portugal era olhado com desdem e sobrecenho pelas mais nações da Europa, como tendo, desde o ápice de sua grandeza e poderio, baixado rapidamente aos termos derradeiros da sua degradação. Quando lord Tyrawley foi mandado pelo gabinete inglez a Portugal, pouco antes da guerra de 1762, a descripção, que fizera d'este reino, desenhava-o incapaz de nenhuma resistencia, e pouco distante da barbarie.

LATINO COELHO.

Nous sommes au seuil d'un monde nouveau.

L. JACOLLIOT.

> Dans l'histoire humaine, parfois c'est un homme qui est le chercheur, parfois c'est une nation. Quand c'est une nation, le travail, au lieu de durer des heures, dure des siècles, et il attaque l'obstacle éternel par le coup de pioche continu. Cette sape des profondeurs, c'est le fait vital et permanent de l'humanité. Les chercheurs, hommes et peuples, y descendent, y plongent, s'y enfoncent, parfois y disparaissent. Une lueur les attire. Il y a un engloutissement redoutable au fond duquel on aperçoit cette nudité divine, la Vérité.
>
> VICTOR HUGO.

Foi em Alcacer-Quivir que rolou a corôa de Portugal pelos areaes d'Africa. Deus sabe o que havia de grandioso, que sonhos esplendidos de futuro iam na mente de Sebastião — *o Desejado!*

Os formosos palmares da India, a opulencia fascinante da Asia, as sumptuosas magnificencias do berço da humanidade, as lendas fabulosas do Preste João, os riquissimos e legendarios templos de Brahma, e dos deuses mysteriosos da cosmogonia secular d'aquella raça, e todos os sonhos e sedenta avidez d'uma nação pobre, habituada a lutas heroicas, e obscuras com os musulmanos d'Africa — fascinaram, e enlouqueceram, por tal fórma, os guerreiros e fronteiros de Ceuta, Tanger, e Arzila, que, aos primeiros des-

cobrimentos dos navegadores do seculo XV, os portuguezes invadiram o Oriente, abandonando aquella escóla de valor e de heroismo, onde expirou o infante santo, e onde a cruz do Redemptor era o incentivo e estimulo das mais nobres façanhas, e dos feitos mais esforçados.

Quiz D. Sebastião, com a mystica lenda do Golgotha, salvar Portugal do ignobil desdouro, do scepticismo miseravel, da louca ambição de riquezas, e da cobardia e enervação, que ia corroendo e gangrenando os nobres na sordida mercancia das especiarias da Asia?

Sabe-o Deus.

Sabel-o-hia a historia — se os aios, e confessores de principes e de reis, em vez de serem bonzos, fakires e derviches d'um credo intolerante e sangrento, e que tem no seu proprio symbolo o germen da sua total aniquilação, fossem chronistas severos e verdadeiros da corrente das idéas, e das leis immutaveis do progresso, na marcha logica e fatal do desenvolvimento da humanidade.

Havia, de certo, um profundo pensamento politico detraz d'este fervor religioso, que arrastava a christandade para lutas e pelejas com agarenos.

Uma geração enervada e corrupta, uma no-

breza effeminada e devassa deixou abater o pendão das quinas, em terras de berberes, quando as intrigas, a sordida cobiça, e traições de Castella almejavam por esta derrota d'um principe christão.

Os Philippes de Hespanha iam projectar a sua sombra sinistra n'este estacionamento inexplicavel das gerações europêas.

A historia um dia dirá — a historia escripta pelo povo — se foi sómente o fanatismo religioso que arrastou o moço rei aos campos de Alcacer-Quivir, ou se o herdeiro do sceptro de D. João I quiz arrancar ás devassidões e torpezas da India uma nação, que cobrára em Africa pundonorosos alentos, esforços guerreiros, e energicos brios com que escrevêra a mais esplendida e brilhante pagina dos feitos memoraveis nos seculos XV e XVI.

Não foi a purpura real que rasgaram os leões africanos, não foi o throno do Occidente que cahiu despedaçado e partido nas vastas planuras da Lybia. O sôpro ardente das tempestades do deserto varrèu mais do que um throno, abrazou mais do que uma purpura; abateu, humilhou, e arrancou a seiva a um povo cheio de pundonor, e coroado de gloria, arremessando-o de abatimento em abatimento, de humilhação em humi-

lhação, de desventura em desventura até á invasão franceza, até á fuga do rei portuguez, até á mais ignobil vassallagem prestada á soberba Albion, pela nação mais cavalleirosa, emprehendedora e aguerrida dos extremos da Europa.

Dizia a Polonia, quando se debatia nas vascas da mais dolorosa agonia — a agonia d'um povo que vai morrer: «Deus está muito alto, e a França muito longe!»

E nós? — Tratados como os rajahs do Indostão, como os nababos, e como os parias, tambem, da India ingleza, dobravamo'-nos, submissos e obedientes, como colonia britannica, á fé punica, á avidez implacavel e inexoravel politica da nossa fiel alliada.

A Veneza dos inquisidores e dos doges immergira-se nas lagôas do Adriatico, quando nós invadimos o mar Vermelho, para deixar erguer este colosso da Grã-Bretanha, a quem Cesar appellidára barbara nos seus formosos Commentarios. O leão de S. Marcos escondeu as garras, ao tremularem as nossas quinas no berço da nossa raça, na vastidão do esplendido Oriente, para mais tarde os ferozes leopardos bretões serem a taboleta do commercio da Asia.

Na immensa grandeza do nosso heroismo, nós, cavalheirosos, desinteressados, e impruden-

tes avassallamos os reis de Calecut e Cochim, escreviamos *Os Lusiadas*, empenhavamos as barbas de D. João de Castro, deixavamos agonisar, cheio de affrontas, Affonso d'Albuquerque, na barra de Gôa, algemavamos Duarte Pacheco, enchiamos de odio o nobre coração de Fernando de Magalhães, e recusavamos, com desprezo e altivez, a nobilissima dedicação de Christovão Colombo, a quem Americo Vespucio, mais tarde, roubou o nome e parte da gloria.

De affronta em affronta, de vilipendio em vilipendio, de ingratidão em ingratidão degeneramos tanto, que, em 1817, viviamos como parias e ilotas da soberba Albion, sob o mando e dominio do marechal-general Beresford.

Trasbordava o calix das humilhações.

Portugal era um paiz conquistado. Pouco importava que fossem as aguias do imperio ou os leopardos britannicos que subjugassem este solo.

Haviamos tocado os extremos da ultima abjecção.

As industrias fabris jaziam completamente arruinadas, a agricultura estava reduzida á maior miseria, o fanatismo religioso campeava sobranceiro por sobre este ignorantissimo povo, as arcas das rendas publicas e particulares iam caminho do Brazil, o paiz achava-se recortado em

bens vinculados, entregue aos morgados, aos possuidores de bens da corôa e ordens, e aos opulentos mosteiros de todas as religiões, que escravisavam o solo; o governo fomentava as intrigas politicas, enganava a corôa, escondida n'outro hemispherio; e o exercito, governado e dominado por officiaes inglezes ás ordens da Grã-Bretanha, curvava-se aqui ao mando e poderio do muito alto e poderoso lord Beresford.

As citações, que vou dar em seguida, serão mais judiciosas do que todos os meus commentarios.

Diz Gervinus, na sua *Historia do seculo dezenove:* «Esta ruina da economia politica de Portugal caminhava parallela com a sua decadencia moral e intellectual.»

Era assim.

O governo para sustentar uma dignidade ephemera, um simulacro de authoridade, que não tinha, carecia d'um exemplo efficaz e energico, embora o sangue das victimas espadanasse a jorros encharcando o solo da patria.

Inventou a conspiração de 1817.

Presentiu o desgosto profundo que ia no povo, apoiou-se nos maus instinctos, e na perfida politica do regulo da Grã-Bretanha, revolveu, com a sua abjecta espionagem, as ultimas cama-

das da plebe, escutou e deu vida a todas as invejas, a todos os odios, e a todas as ruins paixões, que fermentam sempre no coração de todos os intrigantes, e de todos estes reptis immundos e repugnantes, que se criam e desenvolvem n'este torrão luxuriante e vivificador. Aqui, como nos juncaes e densas selvas dos tropicos, existem, com face humana, o tigre real de Bengala, a vibora dos pantanos do Indostão, a hyena das margens do Ganges, a mosca venenosa dos tremedaes e terrenos paludosos da Zambezia, e os cascaveis hediondos das florestas da America, ao lado das virgens mais puras das creações do budhismo. Estas regiões, que vivem em maior contacto com o nosso astro supremo, mais aquecidas pelo sol, não admittem, nem consentem transições. Cortam bruscamente os crepusculos — não teem longos esvaimentos de luz — não desenham penumbras. Quando o sol se immerge no oceano adensam-se rapidamente as trevas.

Onde não ha a nobreza do sentimento, o estimulo das mais nobres aspirações, e o exemplo tocante da mais completa abnegação — é porque as sombras do cynismo se espalharam sobre a intelligencia do homem, é porque a ignorancia e os maus instinctos sepultaram, e apagaram a luz viva, o facho ardente, a idéa primordial, que vi-

nha irrompendo na alma humana; e a consciencia do individuo, o senso moral confundem-se nas trevas, que escondem para todo o sempre estes arreboes divinos do ente creado.

Assim foi, e assim será sempre.

O tenente-general Gomes Freire de Andrade era a synthese d'estes soffrimentos, que minavam todos os membros corroidos da nação. Era o alvo de todas as invejas. Era a voz da patria, n'este estertor em que se debatia, e agonisava um povo inteiro. Por isso foi o martyr. Parecia, talvez, que, ao torturarem aquella alma nobilissima e generosa, Portugal ficaria sujeito e submisso como o ultimo ilota dos banquetes de Sparta.

Diz o author da *Memoria sobre a conspiração de 1817* (livro que não foi estranho ás solicitudes de Beresford): « O tenente-general, Gomes Freire de Andrade, ha sido preso pelo desembargador ajudante do intendente, João Gaudencio, acompanhado de um forte destacamento da guarda da policia, commandado pelo tenente-coronel da mesma, Joaquim José Maria de Sousa Tavares. Depois de cercarem a casa do tenente-general (que morava no alto da calçada do Salitre) arrombaram a porta da rua, e foram arrombando as de mais até chegarem ao gabinete onde

elle se achava; assim que foi arrombada esta, os soldados entraram no quarto, apontando as armas contra o general, o qual não fez a menor resistencia, nem se mostrou assustado, e por detraz dos soldados gritou o dito tenente-coronel: — «V. exc.ª está preso» — ao que Gomes Freire respondeu: «Assim se entra com tanta insolencia e desafôro em casa de um tenente-general? — e vossemecê não me póde prender, porque não tem a minha patente.» Então appareceu o desembargador, e mostrando-lhe a ordem, o general se deu á prisão sem nada dizer ao desembargador; mas voltando-se para o tenente-coronel, chamou-lhe um fraco, e insolente, ajuntando, que o seu comportamento não era nem de um official, nem de um cavalheiro, mas sim, de um esbirro, aguazil ou vil agarrador.»

O tenente-general foi conduzido logo para a torre de S. Julião, acompanhado pela mesma escolta de cavallaria da policia, que o fôra prender. As outras victimas d'esta perseguição foram conduzidas uma parte para o Limoeiro, e a outra para o Castello. Começou immediatamente o processo, diz o author da *Memoria*, «com aquellas tenebrosas formalidades do costume.»

« Parece, que os governadores do reino, acrescenta o mesmo apologista de Beresford, pro-

jectaram implicar, na conspiração, todos os maçons, para com este pretexto se desfazerem d'algumas pessoas a quem não eram affeiçoados.» Esta infernal lembrança era uma inspiração do secretario D. Miguel Pereira Forjaz.

Vejamos os maçons.

Á paginas quarenta e uma dos *Annaes e codigo dos pedreiros livres*, lê-se o seguinte:

«1814

«N'esta época foi iniciado *José d'Andrade Corvo*, sendo capitão d'infanteria n.º 10, ás ordens do conde de Rezende, na loja *Virtude* ao oriente de Lisboa. Como então trabalhasse sómente a dita loja, e a *Regeneração*, ás quaes se tinham reunido poucos membros, receosos de que o governo renovasse as perseguições de 1809 e 1810, e houvesse falta de irmãos para os differentes cargos da loja, conferiram-se a José d'Andrade os graus de companheiro e mestre, e pouco depois elegeram-no secretario. Incansavel nos trabalhos da maçonaria, Corvo recrutou muitas pessoas, e encarregou-se de propôr á viscondessa de Juromenha, D. Maria da Luz, o ser iniciada na maçonaria, o que se fèz no fim do mesmo anno, na quinta que antes era do marquez d'An-

geja, no Lumiar, em sessão magna, a que assistiram alguns personagens respeitaveis, e que n'aquelle tempo occupavam postos e empregos eminentes na capital. Esta iniciação teve por fim o saber-se pela viscondessa quaes os sentimentos do marechal Beresford a respeito da liberdade; mas por fim ella, Corvo, e João de Sá atraiçoaram todos os maçons, e só serviram Beresford. O refalsado Corvo continuando a fazer muitos e valiosos serviços á maçonaria, e a distinguir-se mesmo entre os mais diligentes, obteve alguns dos graus superiores, e na installação da loja *Philanthropia* ao oriente de Santarem, foi elle um dos tres deputados mandados pela grande loja para a installação. Esta loja nomeou-o depois seu representante, e em consequencia d'isso lhe deram o grau de Rosa-Cruz. Entramos em todas estas particularidades porque este homem de execranda memoria, pagando tantos favores com a mais negra ingratidão, e perfidia, atraiçoou a ordem, e denunciou o infeliz grão-mestre, Gomes Freire de Andrade, para o levar ao patibulo. »

Digamos quem era Corvo. Depois verêmos Gomes Freire.

Continua o author dos *Annaes*:

«1824

«Em 30 d'abril o infante D. Miguel prende el-rei D. João VI, no paço da Bemposta, e assoalha *que os pedreiros livres o queriam matar.*

«Appareceram tambem duas cartas, que por serem pouco conhecidas, as vamos transcrever:

«Carta de José d'Andrade Corvo a seu irmão em Torres-Novas

«*Meu Francisco.* — Saberás que o bravo infante acaba de salvar a patria, descobrindo uma facção que tentava assassinar el-rei e toda a familia real: toda a tropa d'esta capital esteve hontem em armas, e o *dia 30 d'abril será um dia memoravel nos fastos da historia portugueza.* Já estão presos os malvados, e entre elles os condes de *Villa-Flôr*, *Paraty*, e da *Taipa*, etc.

«Eu appareci immediatamente a cavallo n'aquelle dia, e andei sempre ao lado do infante, o mais bravo homem que tenho conhecido, e *portei-me como Corvo;* porém, meu Francisco, qual foi o meu desgosto por tu aqui não estares? Quando vi entrar o teu regimento, e te não vi, *correram-me as lagrimas.* Vai logo ter com o juiz

de fóra, e faz com que ahi se acclame el-rei, e que se ponham luminarias, e se cante *Te-Deum*. Paiva Raposo foi quem descobriu tudo ao infante, e agora *levará o diabo* os pedreiros livres, e triumpharão os homens de bem. —Teu mano, etc.»

Parece que o judas de Gomes Freire sentiu lagrimas nas faces. É para crêr que o Rosa-Cruz da maçonaria desejava que o diabo levasse os pedreiros livres. Aqui fica José d'Andrade Corvo.

A segunda carta que apontam os *Annaes*, diz assim:

«*Carta da rainha a el-rei, estando em Salvaterra.*

«*Meu amor.* — Agora me dizem, que os nossos inimigos teem espalhado em Lisboa, que eu pretendia fazer esta manhã uma revolução para ficar regente com o nosso filho Miguel, e mandar-te para Villa-Viçosa: isto é uma aleivosia muito grande, e n'ella por certo entrará o dr. Abrantes; e por isso te peço ordenes ao intendente, que proceda rigorosamente a este respeito, pois tu bem sabes que eu não desejo senão viver socegada, e que tu sejas feliz. D'esta tua — *C. J.*»

«Esta carta escripta de Queluz — continúa o author dos *Annaes* — e sem data, confirmou mais el-rei na existencia da conspiração contra a sua pessoa, por se recordar de que outra identica lhe tinha escripto a rainha para o Alfeite em 1807, por occasião da conspiração tramada em Mafra.»

O livro a que me refiro tem a seguinte nota:

«Estas cartas acham-se hoje impressas na *Policia secreta*, publicada pelo intendente da mesma.»

Voltemos a Gomes Freire. Tinha nascido em Vienna d'Austria em 27 de janeiro de 1727, filho de Ambrosio Freire d'Andrade e Castro, embaixador de Portugal, e da condessa de Schafgoch. Descendia, por tanto, d'uma familia entroncada na antiquissima casa dos condes da Trava, e na dos Pereiras, Forjazes, e Bobadellas, e entre os seus antepassados contava Jacintho Freire d'Andrade, o panegyrista de D. João de Castro. Reputado o melhor general de infanteria portugueza, servira na Russia com um valor inexcedivel, combatêra no Roussillon em honra da patria, e depois de ter deixado o seu nome ligado ás glo-

rias do imperio voltára para Portugal em seguida á paz do continente.

Os odios e invejas accendiam-se, e abrazavam em torno d'esta illustre victima.

Um dia o povo ha de narrar este prologo afflictivo da liberdade de Portugal.

Na madrugada de 25 de maio de 1817 entrou preso, na torre de S. Julião, o heroico martyr portuguez. Posto em um calabouço, sem meios de subsistencia alli, sem providencias tomadas para a sua alimentação, sem uma manta que o cobrisse ou lhe servisse de leito, arremessado para uma masmorra lageada e humida viveu assim cinco mezes — nos primeiros dias da caridade ingleza, mais tarde dos meios que pôde obter pelos seus haveres. A generosidade do governo viera, no fim de seis dias d'encerramento, em seu soccorro, arbitrando-lhe a sumptuosa somma de doze vintens diarios, no caso que elle não possuisse dinheiro ou qualquer outro meio para se sustentar á sua custa.

Desamparado, na carencia absoluta de todos os confortos, coberto de pustulas ou lepra hedionda, que lhe alastrava pelas faces, abandonado de tudo e de todos, offendido, injuriado, e calumniado até pelo proprio clero, é para crêr, e affirmam-no alguns, que perdêra a razão.

Continuemos as citações:

«Um desembargador e um escrivão foram repetidas vezes interrogar o réo na sua masmorra sem outras testemunhas, senão os tormentos, e angustias que o cercavam. Quem tolhia, que entre o desembargador, e o escrivão houvesse intelligencia, para fazer constar o que o preso nunca disse, nem imaginou dizer? Quem nos ha de garantir, que isto não aconteceu assim? O seu amor pela justiça? A sua humanidade, e compaixão?... Mas sabem todos que desde o momento da prisão até ao momento da morte, os *officiaes*, e *ministros* de justiça, que tiveram contacto com elle deram publicamente bastantes provas de serem seus algozes. João Gaudencio disse publicamente a alguem, que lhe representou a *inhumanidade*, com que era tratado Gomes Freire: «Nós não conhecemos essa palavra.» Acresce mais a difficuldade, que todos reconheciam em Gomes Freire de se explicar bem em portuguez; este inconveniente, unido ás dôres que soffria o desgraçado general, procedidas de uma inflammação do rosto, por lhe não quererem permittir que se barbeasse (*o que o tinha continuadamente em um estado de delirio*), é que deu causa a que o marechal Beresford recom-

mendasse ao marechal Archiball Campbell, que vigiasse sobre o estado das suas faculdades mentaes; dava toda a facilidade ao desembargador, que lhe fez as perguntas de o surprehender á sua vontade, fazendo-lhe dizer o que elle desembargador quizesse, sem que o réo d'isso se precatasse.»

Basta. Turva-se a intelligencia perante tantos horrores. Apressemos o desenlace d'este medonho drama. Digamos rapidamente como terminou este supplicio hediondo.

A execução de onze desgraçados fez-se no dia 18 de outubro no campo de Santa Anna em presença da plebe fanatisada e escrava.

O tenente-general Gomes Freire foi enforcado sobre a esplanada da torre de S. Julião ás nove horas da manhã do mesmo dia. Levaram-no d'alva vestida, e descalço. Os odios dos seus algozes careciam d'estas ultimas affrontas.

Ainda a 16 d'outubro escrevia elle a seu primo, Antonio de Sousa Falcão: «No caso que se não attenda aos embargos, então, peço-te, que o letrado faça um requerimento em meu nome, para que em vez de me enforcarem, me fuzilem. Quero a morte do soldado. Peço-te que ponhas n'isto toda a efficacia possivel, que é a ulti-

ma vontade, que te pede um amigo verdadeiro com o ultimo adeus. — *Gomes Freire.*»

Baldado pedido — derradeira illusão d'aquelle grande espirito! Quizeram que a morte fosse affrontosa na forca, e assim terminou a existencia um dos mais distinctos generaes portuguezes.

O illustre soldado subiu ao patibulo sereno e impassivel. Proferiu algumas palavras. É para crêr que foram as ultimas aspirações d'aquella nobilissima alma, pela independencia e liberdade da patria. Mas os padres que o acompanhavam romperam em vozeria tão escandalosa, e descomposta que não se poderam recolher as intenções solemnes e derradeiras do martyr.

Descido da forca, foi o cadaver queimado em presença d'alguns dos seus verdugos, e as cinzas lançadas ao mar na conformidade da sentença.

Todos os actores da cruenta tragedia receberam o premio do serviço.

Mas a patria soube guardar-lhes os nomes execrandos para os transmittir immorredouros ás gerações futuras.

Quizera e devêra, talvez, deixar, aqui, impressos os nomes dos ignobeis judas d'este torpissimo martyrio. Mas a penna recusa-se-me a este sacrificio.

Não é bom tocar em nomes de carrascos.

*

Ennodôa e macúla remexer os tremedaes do cynismo que se transmitte e contagía como o virus das febres paludosas e epidemicas do Mexico e do Ganges.

A urna cineraria d'este grande vulto foi o oceano.

Aceitemos ainda o oceano, como o vasto salão da nossa fiel alliada — a Inglaterra.

VISCONDE D'OUGUELLA.

UMA VISCONDESSA QUE NÃO ERA

(EPISODIO DAS PODRIDÕES MODERNAS)

Como quer que eu andasse jornadeando, ha cinco annos, por aldêas do Minho, intransitadas e menos conhecidas, encontrei um sahimento, que, ao principio, cuidei ser procissão.

Afóra a cleresia, que era numerosa, realçavam com as suas côres rubras, amarellas e rôxas os balandraus de tres irmandades. Seguiam-se as

alas dos visitantes da familia anojada mui bem postos e quasi serios com as suas casacas de gola enroscada e canhões arregaçados para evitarem os pingos de cêra. A espaços, palmilhava o chão juncado de rosmaninho, espadanas e hortensias, um anjo que atirava as pernas compassadamente ao rythmo da musica, bamboando as saias, as plumas e as azas relampejantes. Seriam seis os anjos, de varios tamanhos e significações imaginosas, parecendo-me todos tão pouco celestiaes, quanto alguns d'elles tinham escanhoado as queixadas para se darem o imberbe rubor de quem fingiam ser. Eram deveras funebres e apropriados ao cortejo. Na vanguarda do prestito ia a banda musical trovejando marchas funebres de metal e bombo; no remate negrejava o esquife, roçagando baeta-crepe, levado á mão por quatro sujeitos de casaca e catadura adequadas.

Apeei, e desviei-me a um recanto da estrada, em quanto perpassava o sahimento; depois, perguntei a um homem retardado da comitiva quem era o defunto.

— Era a snr.ª viscondessa — disse elle.

— Viscondessa de quê? — volvi eu.

— De quê?!

— Sim; pois ella havia de ser viscondessa de alguma cousa.

— Isso não sei, nèm me consta. Acho que era só viscondessa.

Não prosegui na ociosa averiguação; mas, d'ahi a pequena distancia, encontrei uma casa grande com seu portal de ferro, e na cimalha da padieira esta legenda em letras bronzeadas: *Viscondessa do Salgueiral.*

Eu não conhecia este titulo.

Parei defronte da vetusta capella, ornamentada de pedra de armas, por onde inferi que o titulo, se era moderno, acrescentára uma corôa a fidalgos antigos. Compunha-se o brazão das quinas de Portugal em campo de prata, e um cordão de S. Francisco á volta do escudo; timbre uma aguia de azul, de azas abertas, com cinco bezantes de prata no peito. Eram as armas dos Eças.

Em quanto alli me quedei a esboçar o brazão, não ouvi chorar ninguem, como é costume, em quanto dobram os sinos, e rebôam gementes nas quebradas dos montes. Acertou de passar então um pegureiro que vinha do pasto com a *mundice* [1], e perguntei-lhe se a snr.ª viscondèssa, que morrêra, era nova.

— Era já velhota — respondeu o rapaz, tan-

[1] O rebanho de ovelhas, fato de cabras, e manada de gado bovino chama-se em algumas partes do Minho *mundice,* talvez corrupção de *immundicia.*

gendo um boi que se preparava para escornar o meu Terra-Nova.

— Ella não tinha familia? — tornei eu.

— O quê?

— Se não tinha filhos...

— Filhos, acho que não; tinha o snr. doutor.

O pastorinho foi andando, e eu tambem, em sentido opposto.

Ao cahir da tarde, cheguei á aldêa onde havia de pernoitar em casa do abbade, meu condiscipulo em latim.

Disseram-me que elle ainda não tinha recolhido do enterro; mas, tendo-me visto no caminho, mandára por atalhos avisar que me hospedassem.

Não se demorou o abbade.

— Cá pela aldêa — disse-lhe eu — os cadaveres titulares levam tempo a enterrar.

— Não foi isso. E' que eu, na qualidade de testamenteiro da defunta, fiquei presidindo á arrecadação do espolio miudo. Bem sabes que dez contos e quinhentos mil reis em cruzados novos e peças levam tempo a contar...

— Tambem herdaste?

— Herdei tambem um relogio de algibeira de repetição com musica, uma livraria padresca em latim que deve pesar vinte quintaes, e duas

imagens de martyres de pau preto, que parecem martyrisadas a machado; mas o ditoso herdeiro d'esta senhora é... Olha lá, não te recordas dos nossos condiscipulos na aula do padre Lixa ha vinte e cinco annos?

— De dous ou tres.

— Lembras-te d'um rapazinho louro, que entrou quando nós iamos sahir do latim, chamado Cordeiro, que andava sempre a lagrimar e a babar-se de saudades da mamã?

— Não me recordo d'esse rapaz que se babava de saudades...

— Chamavamos-lhe nós a *meiga-giboia.*

— Agora, sim!... Estou vendo-o debaixo do alpendre do padre Lixa a scismar com a lingua de fóra. *Meiga-giboia*, sim, senhor; parece-me até que fui eu quem lhe poz a imaginosa alcunha, porque nenhum de vossês, os meus condiscipulos, tinha phantasia para tanto.

— Pois ahi tens o herdeiro da viscondessa... que não é.

— Que não é o quê?

— Viscondessa.

— Ora essa! Um lavrador disse-me que ella era viscondessa *tout-court*, viscondessa de nada. Vens tu, e confirmas o lavrador, dizendo-me que

não era viscondessa a tal finada! Mas eu li o letreiro no portão de ferro...

— E' verdade, o letreiro lá está. Depois de cêa, se o somno te não apertar, ouvirás a historia d'este titulo.

— Se tem historia, é um bom titulo; que eu sei de centenares de titulos sem historia. Cearemos de modo que o espirito se não comprometta na digestão.

.˙.

Depois de cêa, o abbade, acautelando as portas á curiosidade das irmãs que ainda eram moças e casquilhas, contou-me este conto:

— Havia em Braga um chapeleiro muito rico, pai de duas meninas. A sua mania era casal-as com fidalgos; e depressa concorreram alguns oppositores ás noivas. Um d'esses, que militava na qualidade de tenente de milicias, era João Ferreira d'Eça, dono da casa onde viste o brazão. O chapeleiro, que não dava a filha sem mandar examinar por pessoa competente os pergaminhos do pretendente, convenceu-se de que o alferes era primo em segundo grau dos condes de Cavalleiros. Deu-lhe, por tanto, a filha e sessenta mil cruzados.

D. Antonia, poucos annos depois, viuvou, sem ter filhos. Era bonita e muito rica. Outros fidalgos se lhe offereceram em segundas nupcias; mas a inconsolavel viuva nem recebia visitas nem respondia ás cartas.

A outra filha do chapeleiro maridára-se tambem fidalgamente; porém, o marido, que aceitára o desigual enlace para resgatar os bens hypothecados, nem resgatára os bens, nem perdoára á esposa ter-lhe dado o abundante ouro com que elle alargou a área dos vicios. Esta senhora tinha tres filhos. D. Antonia d'Eça pediu-lhe o mais velho, e desde logo o considerou seu principal herdeiro.

O pequeno tinha oito annos quando veio para o Salgueiral, e orçava pelos dezeseis quando foi ser nosso condiscipulo em grammatica latina. Aquelle choramigar e scismar com a lingua de fóra, como tu observaste, eram o resultado do amor extremoso com que a tia o creára. Ella não queria largal-o de si; mas as raras pessoas que a visitavam arguiam-na de ser causa a que seu sobrinho, embora rico, ficasse para alli tão estupido como os seus criados.

Alvaro Cordeiro não era incapaz de aprender; mas resistia ás maneiras quer brandas quer violentas do professor. Não havia pagina de livro que

não tivesse para elle uma cabeça de Medusa a carranquear-lhe.

Quando chegou aos vinte e dous annos, induzido pelas descripções da vida airada que os estudantes levavam em Coimbra, disse á tia que se queria doutorar. D. Antonia exultou, encheu-o de caricias e dinheiro, e mandou-o com a sua ama secca, com o seu escudeiro e com o seu cavallo para Coimbra.

As estouvanices de Alvaro deram brado entre 1851 e 1858. O dinheiro que a tia lhe enviára fôra tanto que, a final, nem o extremado amor que lhe tinha a impediu de se espantar e doer do abuso.

Findos seis annos de Coimbra, apresentou-se á tia dizendo que era doutor em philosophia e direito. Logo em duas faculdades tão desirmãs! Pasmei do reviramento e actividade d'aquella preguiçosa intelligencia!

Todos lhe chamavamos doutor, sem offender-lhe a modestia nem a consciencia. Por muito tempo o julguei mais ou menos conscio das duas faculdades; mas, acaso, um dia soube em Braga que o doutor do Salgueiral não fizera, sequer, exame de latim.

Nada revelei aos meus patricios, nem a elle o esbulhei do grau de bacharel. Era-me penoso ma-

goal-o sem precisão, crear um inimigo, e abrir occasião a que a boa tia, arrependida de o beneficiar, o desherdasse.

Pouco tempo se deteve por aqui. Logo que o inverno assomou com as primeiras nevoas ao espinhaço dos outeiros, Alvaro pediu licença a D. Antonia para ir a Lisboa requerer um emprego na diplomacia. A senhora contrariou-lhe o intento, allegando que seu sobrinho não carecia de ser empregado; mas elle replicou razoavelmente que as suas duas faculdades deviam ser utilisadas no serviço da patria, e que, por meio da diplomacia, lhe adviriam os lugares de maior honra no estado. D. Antonia quiz ouvir o meu parecer a respeito da diplomacia. Fui conforme ao intento do doutor, e approvei que seguisse essa carreira, por ser a que mais se dispensava das duas faculdades em hypothese.

Foi Alvaro para Lisboa; e, volvidos quinze dias, deu parte a sua tia que fôra nomeado addido á embaixada portugueza em Paris, primeiro degrau para subir a ministro, onde esperava chegar em menos de tres annos. Esta jubilosa carta concluia por estipular a sua tia a remessa mensal de cincoenta libras, que tanto era necessario á decencia e ao luzimento d'um diplomata em França.

Fui chamado a votar sobre a clausula das cin-

coenta libras. Ora, como eu de antemão sabia que a ternissima senhora lhe daria cem, se elle as pedisse, accedi á necessidade das cincoenta. Ella fingiu-se afflicta, lastimou o vacuo do seu peculio, prophetisou, sem fé, a ruina da sua casa, e encarregou-me de ir ao Porto arranjar banqueiro por onde se transmittissem as mezadas.

Foi Alvaro Cordeiro de Magalhães para Paris, como tu e eu poderiamos ir, se tivessemos tias parvoas, ricas e extremosas. Quem não soube da sua partida foi o governo, que nunca tivera minima idéa d'este addido. Perguntando eu mezes depois, em Braga, a um secretario de embaixada se conhecia em Paris o addido Cordeiro de Magalhães, disse-me que conhecera lá um Cordeiro de Magalhães addido sim, mas a uma *cocotte*, e que, a julgar do abysmo pelo cairel, o pobre rapaz dentro em pouco estaria de volta para a sua aldêa sem dinheiro nem honra.

Agora, um episodio que prende com esta historia. Um tio materno de D. Antonia era capitão de infanteria, quando os francezes invadiram o reino. Dizia-se que este militar entrára nas fileiras de Napoleão, seguira o grande exercito e nunca mais voltára a Portugal, nem dera noticias suas á familia.

D. Antonia escrevera ao sobrinho recommen-

dando-lhe que indagasse em França se existiriam descendentes de seu tio Geraldo de Carvalho, que já era coronel, quando se expatriou com o exercito francez.

Respondeu Alvaro que seu tio morrera general em Waterloo; e mais nada, quanto a descendentes. Toma tu nota d'esta digressão que ha de vir a ponto frizar na historia. Já dormes?

—Essa pergunta hei de eu fazer ao leitor quando lhe repetir o teu conto.

.·.

As cincoenta libras mensaes tinham subido a cem, quando D. Antonia, ao cabo de dous annos, em apuro de paciencia, fez saber ao sobrinho que não podia continuar a mezada.

O pseudo-addido, que já se dizia secretario de embaixada nas cartas á tia, sahiu de Paris, trazendo comsigo a franceza, a quem amava com a cegueira já descabida nos seus trinta e cinco annos, mas natural de um coração mal compleicionado.

Chegou Alvaro ao Salgueiral, deixando a franceza no Porto.

A tia recebeu-o com a sua inalteravel ternura, e levemente o arguiu de perdulario. Queixou-

se elle de lhe ser cortada uma brilhante carreira. D. Antonia consolou-o antepondo á vaidade de o vêr ministro o contentamento de o ter comsigo. Alvaro contrafez o prazer de se sentir tão querido, e nunca fôra tão amoravel para sua tia.

Esta senhora herdára da indole do pai a mania de se afidalgar. Muitas vezes me pediu que lhe lêsse uns códices genealogicos, escriptos no seculo XVII, relativos ás proezas dos avós de seu marido; e coriscava-lhe então nos olhos o enthusiasmo, como se o inclito sangue dos façanhosos Eças se lhe infiltrasse das arterias do chorado esposo.

Uma vez, contando-lhe eu que o filho de um socio de seu pai acabava de ser agraciado com o baronato, D. Antonia, por entre gargalhadas de sisudo espirito, revelou despeito, e talvez cubiça de ser ridicula como o filho do socio de seu pai.

Não me espantei, pois, quando Alvaro Cordeiro me disse que ia a Lisboa agenciar o titulo de viscondessa para sua tia. Dei os parabens a D. Antonia, persuadido de que o titulo seria negocio feito, desde que o agente levava ordem franca para negociar a mercadoria.

Passadas algumas semanas, D. Antonia de Eça recebeu a participação de que era agraciada por sua magestade, em attenção á illustre ascenden-

cia e serviços de seu marido, com o titulo de viscondessa do Salgueiral, em uma vida.

Fui eu o encarregado de transmittir mil libras ao sobrinho para pagar os direitos de mercê, luvas, etc.

Ora, seria uma offensa á tua critica dizer-te que Alvaro estava em Cintra com a franceza, dissolvendo em prazeres as mil libras da excellente creatura, e forjando cartas de aviso e alvarás de viscondessa.

Fazia tristeza a pobre mulher! Só eu sabia que ella era enganada pelo sobrinho, porque tive pessoa que procurasse informações na respectiva secretaria. Todos a tratavam de viscondessa, e eu tambem. E o titulo desconcertára-lhe por tal maneira o siso que, ás vezes, fallando-me do marido defunto, chamava-lhe *o seu visconde,* tornando a graça retroactiva uns bons vinte annos. O letreiro, que lêste na porta, mandou-o ella gravar tambem no jazigo de familia, na baixella, nos reposteiros da sala, que nunca os tivera; e então a corôa essa appareceu mal pintada em tudo, desde os escabellos antigos do salão-de-espera até aos portaes de todas as quintas.

Um dia, escreve-lhe o sobrinho de Lisboa, contando-lhe o seguinte: que, ao sahir de Paris, encarregára o seu ministro de continuar indaga-

ções ácerca dos descendentes de seu tio o general Geraldo de Carvalho, morto na batalha de Waterloo; e acrescentava que a final o visconde de Paiva descobrira em Saint-Nazaire uma neta do general, menina de muitas prendas e virtudes, vivendo de uma prestação do estado, proposta ao parlamento por Napoleão III. Continuava Alvaro pedindo licença á palerma da velha para ir visitar sua prima, e offerecer-lhe em nome de sua tia viscondessa passar um verão no bello Minho.

D. Antonia rejubilou com esta nova, e fez-me participante da sua alegria. Que repugnancia eu senti em obtemperar a esta novissima velhacaria de Alvaro! Mas eu sentia que o descobrir-lhe uma trapacice me obrigava moralmente a descobrir-lhe as outras.

Entretanto — pensava eu — quem sabe? Póde ser que exista a neta do general Geraldo. Porém, não seria acertado averiguar primeiro se existiu semelhante general?

Escrevi a um sabio de Braga perguntando-lhe se tinha noticia de tal nome na historia militar de Napoleão I. Respondeu-me o sabio que consultára miudamente a *Historia do consulado e do imperio*, e entre os generaes vivos e mortos não se lhe deparára tal Geraldo, nem ainda entre os officiaes subalternos; mas que, consultando homens de

mais de oitenta annos, de Braga, soubera que Geraldo, cunhado do chapeleiro, capitão de infanteria, morrera na defeza de Badajoz em 1811.

Como quer que fosse, á volta de trinta dias, Alvaro Cordeiro estava no Salgueiral com sua prima mademoiselle Cora de Carvalho, para quem D. Antonia se mostrava infinitamente graciosa. Uma franceza velha acompanhava a nova sob o titulo de aia, honestando assim a viagem de uma menina solteira com seu primo.

Escuso talvez dizer-te que...

— A franceza era a *cocotte* — atalhei para acabar hesitações a respeito da minha perspicacia.

— Mas uma rapariga diabolicamente bonita, com uns tregeitos sarcasticos, que me pareceram a expressão de escarneo e zombaria d'aquella senhora tão digna de menos ignobil sobrinho.

Era bonito ouvil-a fallar de seu pai, gentil-homem picardo, e de sua mãi, que vinha a ser filha do general Geraldo de Carvalho. E o que mais me espantava era a menina palavrear o portuguez menos mal, tendo fallado, um mez antes, com o primeiro portuguez que encontrára em sua vida!

D. Antonia brindou-a com parte de suas joias, foi com ella a Braga mostral-a aos seus parentes; e tanto se lhe devotou que a mim me chegou a

dizer que não levaria a mal que seu sobrinho a desposasse.

Eu não pude então conter-me, que não exclamasse: «Deus nos livre!»

Ella instou por saber o motivo da exclamação involuntaria. Contentei-a dizendo-lhe que as francezas não podiam afazer-se á vida campestre; e que, a final, a snr.ª viscondessa viria a ficar sem o sobrinho, por a esposa lh'o arrebatar para França.

.·.

Planeou-se uma visita ao Palacio de crystal, no Porto. A «viscondessa» nunca tinha visto aquella bonita cousa. Eu tambem fui convidado.

Mandou-se fazer o jantar no restaurante do palacio.

Quando estavamos á mesa, e nas alturas da lingua grelhada, entrou um grupo de francezes, rapazes esturdios, de cachimbo de espuma, e rosa de Alexandria na lapella. Um d'elles, olhando a fito mademoiselle de Carvalho, estacou; e ella, que de relance o vira, purpurejou-se até aos lobulos das orelhas. Alvaro Cordeiro não foi estranho a esta scena muda, por quanto, guinando entre os dous a vista inquieta, empallidecera.

Os francezes abancaram gargalhando e proferindo phrases que eu não entendi. Apenas sentados, estralaram as rolhas do champagne, e a vozeria gralheava em chascos faceis de perceber nos olhares esconsos que dardejavam ao nosso grupo.

Alvaro, antes de concluido o jantar, pediu a conta. Observou-lhe a tia que a sobremesa ainda não tinha chegado, e que ella queria pudim de laranja e o seu chá.

N'este comenos, um dos francezes, galante rapaz, ergue-se da mesa, vem defronte de nós com um copo de vinho, e solta uma trovoada de palavras, com um ar mixto de zombaria e seriedade, as quaes eu, ignorante da lingua franceza, quando francezes a fallam, não percebi; mas as ultimas proferidas muito de espaço, entendi claramente: *A ta santé, Cora Pearl! Je felicite le beau Portugal et le beau portugais! Voilà un bijou de la corruption française que leur y manquait!*

— E Alvaro que fez? — atalhei eu.

— Alvaro que fez? o que eu fiz. Olhou para o francez como se elle estivesse representando um monologo. Lá na mesa d'elles as gargalhadas eram estridentes...

— E a franceza?

— Levantou-se com a soberania de rainha da sua especie, e fez um gesto de retirada a Alvaro.

—E D. Antonia?

—Pasmou, abrindo a bocca tumida de feijão carrapato, e jogando com os olhos pelas caras dos circumstantes.

—E tu?

—Eu estava a traduzir. Sahimos todos silenciosos, e entramos no hotel Francfort. N'essa mesma noite, partimos para o Salgueiral. Alvaro explicou a sua tia o incidente:—aquelle francez amára sua prima que o desprezára; e o infame, que a perseguira desde Saint-Nazaire, vendo-a alli, a insultára. Ouvi estas explicações, e achei-as plausiveis; mas as que me deram depois no Porto foi que o francez havia sido uma das ludibriadas victimas de Cora Pearl, a qual tambem era uma das mais despejadas e absorventes devassas de Paris.

∴

D'ahi a poucos dias, a hospeda da «viscondessa» mostrou-se enojada da aldêa, e fallou em retirar-se para França. A carinhosa *tia* pediu-lhe que ficasse até ao inverno; ella, porém, não pôde disfarçar o seu fastio tanto da aldêa como do amante. A meu vêr, a cobardia de Alvaro, na scena do Palacio, devia encher-lhe a medida do

tedio. Chegou-lhe a nostalgia dos cafés e dos bosques. Não havia demovêl-a.

Era justo que o primo a acompanhasse a Saint-Nazaire. A tia forneceu-o de dinheiro abundante para seis mezes de ausencia, recommendando-lhe que, se encontrasse o francez, o mandasse ao diabo, e não tivesse testilhas com tão malcreado homem. Bem se via que o sangue ardente dos Eças não se transfundira no corpo burguezmente pacato d'esta senhora, nem Alvaro Cordeiro desmentia os pacificos pundonores do avô chapeleiro.

Ha seis mezes que Alvaro foi para França, e por lá está.

D. Antonia adoeceu ha quinze dias, e morreu antes de hontem, legando todos os seus haveres, que montam a cem contos de reis, a seu sobrinho, e as preciosas joias a sua sobrinha Cora de Carvalho, neta de seu tio o general Gonçalo de Carvalho.

Que conclues d'esta historia?

— Que ha infames felizes, e que é preciso acreditar no inferno de além-mundo.

— Eu não tiro essa conclusão assim absoluta. Infames são aquelles que convertem a sua perversidade em desgraça alheia. Alvaro Cordeiro logrou sordidamente a sua honrada tia; mas, logo que ella morreu na ignorancia do seu logro,

a responsabilidade do sobrinho é menor do que seria, se lhe tivesse feito chorar uma lagrima. Pelo contrario, fêl-a viscondessa, e deu-lhe a consolação de ter um tio general que morreu bravamente em Waterloo.

CONCLUSÃO

Alvaro Cordeiro de Magalhães está hoje na sua quinta do Salgueiral, casado com uma senhora de casa muito illustre, e pai de algumas crianças educadas religiosamente. Nos letreiros que diziam VISCONDESSA, subtrahiu as tres ultimas letras; mas é visconde a valer. Fez uma economia na fundição dos caracteres. Ao meu amigo abbade, seu commensal e confidente unico, diz elle que a sanguesuga que lhe defecára o sangue da podridão original e dos vicios da educação, fôra Cora Pearl.

.˙.

Esta Circe de illustres cerdos ainda hoje exercita as mesmas funcções depurantes em Paris. Houve, todavia, uns apopleticos de ouro que ella

vampirisou até os matar exangues. Se succede uma sanguesuga introduzir-se na larynge, é mister recorrer á bronchotomia — á incisão da parte anterior do pescoço; mas o mais ordinario n'estes lances é morrer o doente. As bichas da natureza de Cora Pearl, quando se mettem na alma de um homem, deixam um só recurso: a operação do suicidio. Felizes aquelles que, á imitação de Alvaro Cordeiro, apenas foram sangrados!

E' a sorte que eu desejo aos meus leitores plethoricos.

BIBLIOGRAPHIA

(Pedro Ivo — Pedro de Amorim Vianna — Alberto Pimentel — Visconde de Castilho — Pinho Leal).

Pedro Ivo. *Contos.* Porto, 1874. — Formoso livro! Dir-se-hia que Julio Diniz, o viajor eterno das regiões luminosas, deixou na intelligencia e no coração dos que mais de perto o conheceram

e amaram, as serenas imagens das suas visões, as maviosas figuras dos seus quadros, a suave indulgencia e conformidade com que elle florejava de nenuphares os pantanos da vida.

Quando eu li alguns d'estes contos no *Commercio do Porto*, e lhes não conhecia author, nem acreditava na authenticidade de Pedro Ivo, disse sempre commigo: «E' a continuação do gentil espirito de Gomes Coelho. Ha de haver muita gente que passe inadvertidamente por estes graciosos romancinhos, reveladores de poderosa vocação; porém, quando o author chegar á meridiana da sua gloria, estes contos — aurora d'um dia esplendido — serão relidos com renovado prazer.»

Reli hoje os que já lêra, e os que vem de primeira mão no livro. No correr aprazivel da leitura, quando senti o alvoroço das lagrimas, ao passo que as paginas commoventes eram singelissimas, saudei o amavel romancista, e dei-lhe o culto sincero e raro da minha admiração, como daria um beijo na face de meu filho, se elle um dia legitimasse a minha vaidade de pai com um livro d'este valor. Invejo estas santas alegrias ao snr. José Carlos Lopes.

Memorias de M.me Lafarge, traducção de PEDRO DE AMORIM VIANNA, *com um estudo moral ácerca da authora, escripto pelo traductor.* Porto, 1874. 2 tom. — Ouço dizer que a sciencia do snr. Amorim Vianna se prolonga até ás fronteiras do hebraico. O que elle desconhece em linguistica é os idiomas francez e portuguez. Isto, porém, não impede que o digno professor de mathematica saiba tudo mais. Eu duvidaria da authenticidade do traductor, se o estylo do *Estudo* não apparelhasse tão consoante com o da versão: tamanha é a disparidade de um nome celebrado nas letras com esses dous volumes imperdoaveis a um alumno de lingua franceza.

Versão e *Estudo* ajoujam-se frizantemente. Quanto á primeira, se algum incredulo me quizer obrigar pela palavra, demonstrarei que rara é a pagina em que os erros não orcem pelas linhas, — erros de interpretação franceza e de grammatica portugueza.

M.me Lafarge escrevia com a sublimidade e correcção classica de Jules Janin. Desfigurada pelo traductor, dir-se-ha que a franceza escrevia francez como o snr. Amorim escreve portuguez.

Pelo que respeita ao presumido *Estudo moral*, o que d'ahi se deprehende é que Lafarge foi ladra e envenenadora porque lia romances. O

snr. Amorim, no processo de seu estirado estudo, revela farta leitura de romances; e todavia, os seus costumes são exemplares, penso eu. Verdade é que o insigne professor declara que Méry lhe faz nauseas, e que a reputação de Balzac se deve *á corrupção do seculo, ao rebaixamento dos espiritos, e desfallecimento dos brios no publico* (pag. 176). E que *Balzac se fanatisou pelo crime desenhando-o com o nome de Vautrin, etc.* Conta que Lafarge tivera *mil pretendentes á sua mão depois de condemnada e presa;* e explica este fanatismo por ser ella o *producto das más paixões da época.*

Se Méry faz nauseas ao snr. Pedro de Amorim, quer-me parece que o author da *Guerra do Nizam*, não preferiria o perfume... litterario do snr. Amorim aos aromas das florestas indianas. Balzac, posto em pedestal de corrupção para ser admirado, é um deploravel paradoxo que eu teria pejo de vêr na minha lingua, se o snr. Amorim Vianna escrevesse lusitanamente. Que, ao menos, estes absurdos se não possam tirar a limpo d'entre locuções mascavadas.

Que Lafarge tivesse *mil pretendentes á sua mão*, porque *era mau producto das más paixões da época*, é phantasia do snr. Amorim. Um ou outro poeta lhe fez versos, sem lhe pedir a mão;

houve um enthusiasta que lhe propoz a fuga do carcere; e presume-se que um dos seus advogados casaria com ella, provada a sua innocencia, que esteve indecisa entre a ignorancia de tres medicos e a sciencia de Orphila.

Isto sommado não dá mil pretendentes; não chegamos sequer a liquidar um. A estas hyperboles são atreitos os sabios enfronhados na derramada florecencia dos idiomas do Oriente.

Por concomitancia de crimes, o snr. Amorim lembra-se da virtuosa duqueza de Praslin assassinada pelo marido. Espanta-se das nobilissimas cartas da duqueza, em que brilham elevados sentimentos de amor conjugal, e acrescenta: *Custa a crêr que em classe tão depravada se dê tão grande virtude; que uma fidalga possa escrever com tanta alma.*

O cheiro de inepcia, que recende d'este dizer, chega a despontar a iniquidade da injuria. Uma fidalga a escrever honrados sentimentos de esposa e mãi é cousa que não lhe entra na democracia do snr. Amorim. Vamos vêr d'onde vem ao figado do professor estes extravasamentos de succo bilioso contra a classe heraldica.

Derivando nas torrenciaes enchentes da corrupção de França, o snr. Amorim poja nas praias portuenses, e acha isto cá peor; clama contra os

escandalos d'esta cidade, e nomeia-os para se não parecer com Jeremias e com os outros que iam botar discursos vagos debaixo dos muros de Jerusalem e Ninive.

Dá pregão de que um sujeito, acompanhado de outros de boas familias, perpetrára um rapto; que o juiz indecentemente os não condemnou; que a mãi da raptada, movida por sentimentos de christã, perdoára ao raptor, cuja mãi afflicta lhe pedia a liberdade do filho. Assenta que estes dous sentimentos santos, em tal caso, tinham alguma cousa impia; e, em summa, que os réos deviam ser condemnados, a despeito das lagrimas de uma, e do perdão da outra mãi.

Averiguado o rastilho d'este velho odio, apura-se que o snr. Amorim ainda não póde perdoar aos cumplices do raptor, porque um dia, na sua aula, o desauthoraram.

Depois, descamba para a vida particular do raptor, e narra com a mais rustica indelicadeza a miseranda catastrophe que abriu uma sepultura, sobre a qual a caridade e a justiça estendem o seu manto misericordioso.

Os adros e cemiterios ruraes tem uma grade que defende o ingrésso aos esfossadores de sepulturas. Não se podem levar estes empeços a todos os remexedores de cinzas, que são o residuo

de enormes incendios, cinzas sagradas pelas dôres que as reduziram a isso.

O snr. Amorim espanta-se que Vieira de Castro *ainda depois de morto conserve o favor popular*.

Ás doridas paginas que se escreveram a favor d'esse grande infeliz, chama o snr. Amorim, *lóas*. E cita ao proposito as jogralidades do *Puff* de Scribe, e diz que a *unica moeda corrente é a da peta*.

Impropera de consciencia larga o eminente orador, porque *elle elevou ao pinaculo da virtude um homem rico, só porque se mostrou caridoso depois de morto. Todos applaudiram o panegyrico e com tudo ninguem ignorava a vida do elogiado.*

Allude ao conde de Ferreira. Isto quando não seja indecencia, é ingratidão. O snr. Amorim Vianna devia lembrar-se que, sem o legado do conde de Ferreira, não se estaria a esta hora martellando no hospital de alienados na Cruz da Regateira. E eu, á vista do exposto, receio que o author do *Estudo moral* ácerca da Lafarge esteja no caso, como outros mais sisudos, de aproveitar os favores d'aquelle estabelecimento.

O Livro das flôres (legendas da vida da rainha santa), *por* ALBERTO PIMENTEL. Lisboa, 1874. — Não é livro para mysticos peculiarmente. E' um ramilhete de lendas mais formosas que authenticas enfeitando paginas de historia vernaculamente escriptas. Guiou-se da mão dos chronistas o snr. Pimentel; porém, quando as moutas das flôres lhe esmaltavam o caminho, parava a colhel-as, e tecia com ellas nova corôa á memoria da dulcissima rainha, mensageira do céo, entre inimigos descaroados. Lê-se muito a sabôr este livro, e aproveitam-se na leitura, como estudo, os lances capitaes do reinado de D. Diniz, e a selecta linguagem respigada entre as rudezas das chronicas antigas.

O snr. Alberto Pimentel sabe a sua lingua como raros, e ha de escrevel-a com primor dos que melhormente a sabem, e de quem vamos aprendendo todos os que não viemos a este mundo com fadario de burros, não desfazendo em ninguem.

Theatro de Molière. Quinta tentativa. O Misanthropo, comedia em 5 actos, versão liberrima, pelo snr. VISCONDE DE CASTILHO. Lisboa, 1874. —

Ainda não pude affazer-me á convenção de que estou lendo Molière quando estudo estas chamadas *versões liberrimas.* Seria preciso que, a intervallos, o torneio da dicção peregrina, a allusão ethnographica, o particular relevo da nacionalidade franceza me trasladasse ao tempo de Luiz XIV e ao meio das condições especiaes de vida em que Molière photographou os seus grupos. Estas mui de siso chamadas *nacionalisações* renovam-se tão portuguezas do fecundante engenho do nosso poeta, derivam tão affins da graça e donaire lusitanos de Gil Vicente, Ferreira e Antonio Prestes, que não posso interpôr aos antigos mestres e ao mestre, em que todos os passados rebrilham, a inspiração forasteira de Molière.

O Misanthropo é outro livro que o snr. visconde enfileira na bibliotheca das nossas riquezas litterarias. Estes cinco dramas hão de crear maior numero de affectos e affeiçoados á lingua patria que toda a grave e ponderosa communidade de classicos, inculcados nas chrestomathias. Não havia meio de amaciar as asperezas do estudo da lingua, senão este de offerecer á juventude negligente o fructo em cabaz de flôres.

Depois de Molière, o valente pulso de Castilho vai medir-se com o formidavel Shakspeare. O *Sonho d'uma noite de S. João*, editorado pela activis-

sima casa-Chardron, já está no prelo. Seguir-se-ha *A tempestade*. Seguir-se-hão as juvenis glorias de um talento que reflorece cada anno afim de que o cantor da *Primavera* não sinta na quadra final que um anno lhe passou sem flôres. Abençoado sejas da posteridade com o amor que te consagram os teus discipulos, mestre generoso que tanto mais nos amas quanto nos liberalisas as riquezas do teu espirito!

Portugal antigo e moderno, diccionario heraldico, geographico, estatistico, chorographico, archeologico, historico, biographico e etymologico, etc., por Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal. Lisboa, 1874. — Estão publicados dous tomos e algumas cadernetas, abrangendo as letras A—F. As pessoas que estudam e avaliam a natureza do trabalho arido e ingrato a que o snr Pinho Leal dedicou o maior numero dos seus annos, sabem aquilatar o merito d'aquella obra de tamanho fôlego. Para essas pessoas as imperfeições de tal escripto não lhe desluzem o merito nem esfriam o reconhecimento que se lhe deve. Quem compulsou as obras do mesmo genero anteriormente publicadas e apre-

ciadissimas no mercado, agradece ao laborioso archeologo a grande melhoria do seu trabalho, e ao benemerito editor o alento raro com que o tirou a lume. Já vi arguido o snr. Leal de inexacto em miudezas topographicas, sem lhe descontarem que elle aceitou as noticias divulgadas em livros que os censores não haviam previamente corrigido com a sua esclarecida censura. Com toda a certeza, o meu amigo Joaquim Martins de Carvalho conhece as cousas antigas e hodiernas de Coimbra mais de fundamento que o snr. Pinho Leal; mas seria impertinente exigencia obrigar um chorographo a jornadear muito de espaço nas terras que descreve para convencer-se de que as descripções que o precederam e guiam eram menos exactas. O que é de todo o ponto certo é que eu tenho consultado com aproveitamento o *Diccionario* do snr. Pinho Leal em variados pontos da sua ampla área. Não sei de outro armazem onde tão variadas noticias se encelleirem, e tão de prompto se deparem ainda aos mais versados. Com muita satisfação me glorío de ter cooperado com o meu sincero voto para a editoração d'esta obra subsidaria de todos os estudos respeitantes á historia, á geographia e ás antiguidades de Portugal. Quem, depois do infatigavel author d'estes livros, escrever outros com mais primorosa penna, tem de cons-

tituir-se em divida e gratidão immensa ao snr. Pinho Leal que está carreando as achêgas para o futuro edificio. Duvido, porém, que n'este paiz em que um livro de 300 paginas representa o supremo esforço da nossa indole preguiçosa, haja quem immole trinta annos de sua existencia, e os bens do seu patrimonio, a um lavor que nas demasias do seu zelo, a critica desconceitua. Deixam-se correr desafogadamente quantas parvoiçadas soltas e rimadas por ahi coriscam de cerebros borrascosos; porém, se um escriptor de indefessa lida concorre ao mercado das frandulagens com os seus suados e tressuados livros, topa logo pela frente o vigilante piquete dos sabios, que só n'estes lances sahem da tenda, como Achilles. Cumpre-me declarar que tenho a maior consideração pelas correcções do snr. Martins de Carvalho, quanto á topographia de Coimbra; mas não a tenho menor pelas improbas fadigas do snr Pinho Leal com cuja amizade me honro e desvaneço.

PARA A HISTORIA DE D. JOÃO IV

(DOCUMENTO INEDITO)

E' notorio que o infante D. Duarte de Bragança, que em 1640 militava no exercito de Fernando III, imperador da Austria, foi traiçoeiramente preso a instancias de Francisco de Mello, seu parente, portuguez, e embaixador de Castella em Vienna.

Uns historiadores dizem que seu irmão D. João IV se inquietára quasi nada com a prisão do infante; outros, mais exactos, asseveram que o rei alguns esforços empregou para o libertar. Isto é verdade; mas os esforços eram tão diplomaticamente frouxos que, vistos á luz da sã razão e da boa politica, os historiadores que negam parece ganharem a partida aos historiadores que affirmam a solicitude de D. João IV.

O infante estava preso na roqueta da torre de Milão, encadeado de modo que nem sequer podia adormecer, quando o rei de Portugal, mediante o seu embaixador em França, pedia, em

1643, á regente Anna d'Austria, na menoridade de Luiz XIV, solicitando de sua magestade christianissima a liberdade do infante D. Duarte em troca de alguns importantes prisioneiros castelhanos que o governo francez tinha a bom recado.

Ahi está a arrojada tentativa que fazia o rei de Portugal no resgate de seu irmão: — requer a uma nação alliada que arranjasse lá isso, desfazendo-se dos seus prisioneiros, em escambo de um principe, que, ao parecer de João IV, valeria tanto como dous ou tres hespanhoes aprisionados em batalha!

E, ao mesmo tempo, pedia emprestado dinheiro á França, como se uma só prova de pusillanimidade bastasse a envilecel-o no conceito do cardeal Mazarin, e solicitava ainda que o governo francez lhe protegesse o bispo de Lamego, em Roma, e lhe restituisse integralmente o dominio da ilha de S. Lourenço (*Madagascar*) onde os francezes, em 1642, se tinham estabelecido com feitorias [1]. Eis a resposta dada por Chavigni, um

[1] Madagascar, ou ilha de S. Lourenço primitivamente, foi descoberta em 1506 por Tristão da Cunha, e não por Lourenço de Almeida, como diz Ellis na *History of Madagascar, compiled chiefly from original documente.* (Londres, 1838).

dos plenipotenciarios que tratavam com o embaixador portuguez [1]:

RESPOSTA ÁS MEMORIAS DO EMBAIXADOR
DE PORTUGAL (*versão*)

El-rei se fará informar particularmente do negocio da ilha de S. Lourenço para tomar tal resolução qual convenha á amizade e alliança que ha entre sua magestade e el-rei de Portugal.

Sua magestade seria contentissimo em poder contribuir segundo sua affeição para com el-rei de Portugal, no livramento do infante D. Duarte seu irmão, mas pelo que toca á troca que elle fez propôr dos prisioneiros dos inimigos para em lugar do dito infante, roga a vossa magestade que considere que os inimigos tem tambem francezes entre suas mãos, e que todos os dias a fortuna da guerra póde fazer cahir outros, os quaes não podem sahir senão por uma tal troca; que sua magestade é obrigado a os conservar e grangear a fim de que elles se empreguem mais animosamente em o serviço de

[1] Documento inedito, que falta na collecção dos publicados pelo visconde de Santarem, e não sei se faz parte dos ineditos do marquez de Nisa existentes na bibliotheca publica de Lisboa.

sua magestade e em adiantamentos de causa commum; elle fará, com tudo, tudo aquillo que depender do seu poder pela liberdade do infante D. Duarte, ao qual não tem elle menos affeição que el-rei de Portugal mesmo [1].

El-rei fez despezas tão excessivas para o entretenimento de seus exercitos, tanto de mar como de terra, e por assistir a seus alliados, segundo os tratados que lhe havia parecido bem fazer com elles por lhes dar tanto mais de meios para se esforçarem poderosamente pelo bem publico e causa commum, que sua magestade teria antes necessidade de ser alliviado de taes despezas que de se empenhar em outras novas, o que a elle lhe é totalmente impossivel; de sorte que tem grande desprazer de não poder ajudar de dinheiro ou mesmo de emprestimo a el-rei de Portugal, como fizera de bonissimo coração, se o estado dos seus negocios lh'o permittira.

Sua magestade dá ordem á esquadra dos seus navios na Arrochela de tomar ao snr. bispo de Lamego, embaixador de el-rei de Portugal, vindo de Roma para o levar... [2]

1 Parece uma ironia, se não é antes uma censura, dissimulada em fineza.

2 Palavras desfeitas e inintelligiveis.

Pelo que toca ás bandeiras dos navios reaes e mercadores em os portos de França e de Portugal, este negocio se remetteu ao conselho de marinha, e as Memorias se podem metter em mãos do snr. Habrgue (?) com o qual se póde tambem conferir aquelle da ilha de S. Lourenço. Feita em Paris a 21 de março de 1643. = Chavigni.

O infante D. Duarte de Bragança morreu, ao cabo de oito annos de prisão, algemado como facinoroso, em um antro destinado aos supremos criminosos.

Do mesmo passo que D. João IV pedia dinheiro para se arrostar com as difficuldades da guerra, e conter o exercito hesitante, um insigne historiador, Rebello da Silva, escreve que elle offerecêra 400:000 cruzados pela liberdade do irmão. N'este depoimento falta o testemunho coevo, e critica mais desassombrada que a do conde da Ericeira, cuja authoridade é medianamente veneravel.

As letras de cambio, que D. João IV firmou, ninguem as quiz descontar em Amsterdam; e, quando iam ser protestadas, o judeu Jeronymo

Dias da Costa as pagou... em recompensa de lhe haverem queimado os parentes em Portugal [1].

INEDITO DE MANOEL SEVERIM DE FARIA

O primeiro bibliophilo portuguez, o snr. Innocencio Francisco da Silva, ácerca da livraria e dos manuscriptos ineditos do doutissimo chantre Manoel Severim de Faria, escreve o seguinte:

«As (obras) que ficaram manuscriptas passaram, depois do seu fallecimento (1655), juntamente com a sua copiosa e escolhida livraria a enriquecer outra, ainda mais abundante e numerosa, qual era em Lisboa a do conde de Vimieiro, riquissimo thesouro litterario que foi como tantos outros reduzido a cinzas pelo incendio sub-

[1] Veja o *Testamento politico de D. Luiz da Cunha,* sujamente impresso com o nome de *Carta,* por A. Lourenço Caminha.

sequente ao terremoto de 1755.» (*Dicc. bibliog.*, tom. VI, pag. 106).

Alguns traslados de pouquissimos ineditos de Severim vieram á minha mão com os manuscriptos do jurisconsulto Pereira e Sousa. Os caracteres são coévos do sabio antiquario; mas a pessima orthographia accusa traslado de mão imperita. Não obstante, como as idéas não padeceram com a ignorancia do copista, dou afoutamente esta copia corrigida orthographicamente. E' documento historico, além de these engenhosamente concertada; por onde se deprehende que o desbarato de D. Sebastião e da flôr da fidalguia em Africa redundou em beneficio de Portugal.

Senão, vejam:

«*Observações dos males que Deus permittiu para bem de Portugal, escriptos e expostos pelo chantre da cidade de Evora, Manoel Severim de Faria. Em 20 de setembro de 1649.*

«Permittiu Deus que se perdesse el-rei D. Sebastião, e ficasse toda a fidalguia portugueza captiva de mouros, porque estando os portuguezes muito soberbos com as victorias que houveram por todas as partes do mundo, não as reconheciam

já a Deus; mas cuidavam que eram alcançadas só por seu valor. Castigou Deus esta soberba com aquelle miseravel captiveiro, e depois com a entrada dos castelhanos, que conhecendo nós pela experiencia que as victorias que alcançavamos, não era por nossa fortaleza, senão pela misericordia de Deus, nos humilhassemos e fossemos exemplo ao mundo d'este conhecimento, e ficassemos capazes de receber outra vez o reino e a liberdade da sua divina mão.

«Permittiu Deus que o conde de Vimioso, D. Francisco, perdesse a vida e a casa defendendo a liberdade de Portugal, e que o conde de Basto e o marquez de Castello Rodrigo ganhassem estes titulos entregando o mesmo reino; e ordenou depois, que as casas de Basto e Castello Rodrigo se perdessem, e a de Vimioso se restaurasse pela mesma valia do conde de Basto, que casou sua filha com D. Luiz, e pela fazenda de Castello Rodrigo, que casou outra filha com o conde D. Affonso, para mostrar a todos com tão raros exemplos, que os que fazem o que não devem, cuidando ganhar para seus filhos, os deixam perdidos, e os que fazem o que devem ainda que de presente padeçam, não deixam seus filhos desamparados, antes acrescentados na opinião dos homens e na protecção divina.

« Permittiu a guerra dos hollandezes, no Brazil, para haver capitulações e soldados praticos n'este reino, que soubessem pelejar contra a milicia dos castelhanos.

« Permittiu que obrigassem aos senhores portuguezes a dar soldados para Catalunha, para que tornassem a Portugal praticos depois da acclamação, e isto em tanto numero que por conta tem entrado em Portugal, de Castella e Flandres quasi seis mil homens de guerra.

« Permittiu o escrever das fazendas (cadarso), para que com essa occasião se levantassem os de Evora, e entendessem os castelhanos que cá em Evora, havia dez mil homens armados sem a nobreza do reino, e por isso mandavam que sua milicia não passasse de Badajoz e tiveram por felicidade a reducção.

« Permittiu que chamasse el-rei de Castella todos os grandes e fidalgos a Madrid para com isso ficarem só em Portugal os que haviam de acclamar a liberdade, estando ausentes os que lhe haviam de resistir, principalmente todos os senhores, que por entregarem Portugal, alcançavam titulos de el-rei de Castella.

« Permittiu a destruição da armada de Oquendo para que não houvesse forças maritimas em Castella que excedessem a Portugal.

« Permittiu os desafôros que os castelhanos fizeram em Catalunha para se alevantarem os catalães e se entregarem aos francezes, para que el rei de Castella ficasse opprimido com outra guerra mais perigosa, o que lhe não deu lugar para acudir á de Portugal, estando principalmente com a opinião das grandes forças d'este reino; porque, se de Evora sómente lhe disseram que tinha dez mil homens contra elle, quando não tinha comsigo a nobreza, quanto maior poder seria agora o do reino todo junto !...

« Permittiu Deus que el-rei de Castella com a inveja que tinha a sua magestade, sendo duque o obrigasse a ir a Almada, com o titulo de governar as armas, parecendo-lhe que d'este modo o desauthorisava. Para que com esta occasião, o visse e tratasse toda a nobreza do reino e se penhorasse com novos desejos de o reconhecer por seu principe.

« Permittiu que el-rei de Castella obrigasse a todos os nobres que fossem militar a Catalunha, ou perdessem as honras e fazendas que possuiam. E tendo-se no reino experiencia que os que partiam para este desterro, não tornavam, entraram em desesperação e com ella se resolveram a acclamar o verdadeiro rei, e deixarem o estranho.

«Permittiu Deus que este reino chegasse ao mais miseravel estado que nunca esteve, sem armas, sem soldados, sem armadas, e sem fortificações para. que, dando-lhe n'esta miseria um rei, vissemos que esta obra não era alcançada por nosso poder e forças, senão pela misericordia divina, pois que estavamos sem gente de guerra nas quatorze praças que os castelhanos tinham n'este reino e os navios armados que estavam em Lisboa.

«E pelo contrario, que as empresas que acommettemos com maior poder, como foi a de Andaluzia com tres armadas, não tivessem effeito: e as das ilhas, que intentando libertal-as com duas armadas, nenhuma d'ellas chegou a tempo; e os naturaes com suas pequenas forças rendessem os castelhanos; com que ficou conhecida a victoria por divina, e os da ilha recuperando a reputação, que no tempo da outra successão perderam.

«Permittiu que estando os castelhanos, os primeiros mezes quietos sem Portugal romper contra elles; elles rompessem a guerra com Portugal, com muito pouco poder, com que os portuguezes ficaram melhorando-se, com alcançarem d'elles muitas victorias, e fazendo-se com ellas muito praticos, o que sem esta occasião não podia ser.

«Permittiu que antigamente désse o snr. rei D. João, o primeiro, quasi a terça parte do reino ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira, para com este grande patrimonio se poder conservar a descendencia real da casa de Bragança com estado grandioso: e agora succedido na corôa, torna-se tão grande parte do reino a unir a ella.

«Permittiu que muitos senhores e titulos cahissem no crime de deslealdade, para que com suas rendas e fazendas se ajudar a sustentar a guerra contra Castella.

«Permittiu que o marquez de Castello Rodrigo largasse a commenda-mór de Alcantara, para se lhe dar em Portugal satisfação em muitas commendas da ordem de Christo: e que o duque de Villa Hermosa se acommodasse só com a de Alcantara.

«D'estes dous homens vagaram grande numero de commendas, com que poder premiar aos leaes, que estavam servindo.

«Permittiu que vagassem quasi todos os bispados e arcebispados do reino: e que em Roma os não quizessem prover, para com os fructos d'elles se poder mais facilmente sustentar a defensa do reino, e serem pagos os soldados.

«Permittiu que em Roma intentasse o embaixador de Castella affrontar o de Portugal, para

que sahisse o de Castella na fugida; e com a reputação perdida desamparasse á vista de todo o mundo a mesma côrte de Roma, acrescentando-se grandemente com isto a reputação do nosso embaixador e do reino de Portugal.

«Permittiu que no tempo da acclamação ficasse Ceuta com Castella para nos não dar n'aquella occasião maior gasto de dinheiro e gente.

«Permittiu que quasi a quarta parte de Castella fossem portuguezes, e que depois da acclamação padecessem tantas vexações, que muitos d'elles tornassem a Portugal, com que Castella perdeu muita gente, e Portugal a ficou ganhando, assim em numero como em riqueza, com dinheiro que de lá trouxeram.

«Finis laus Deo.»

Deus permittiu tudo isto. Uma nação que assim está debaixo da fiscalisação divina, com as inscripções a 46 $^{3}/_{8}$, e o snr. barão de Zezere na municipal, não póde cahir como Carthago ou Roma.

O MANOELINHO POETA

Cumprindo a promessa do numero antecedente, dou traslado da *Representação* metrica, enviada a Philippe IV de Castella pelos conjurados de Evora. Onde o sentido das allusões rebuçadas me parecêr menos obvio, aventurarei algumas notas explicativas que o leitor versado emendará, se as achar mal entendidas.

A EL-REI NOSSO SENHOR

Senhor, vosso Portugal,
de vossos paes estimado,
e sempre d'elles tratado
como amigo tão leal,
hoje, em miseria fatal,
está pobre e lastimoso;
e o governo rigoroso,
que tanto o tem perseguido,
lhe nega, sendo offendido,
o allivio de ser queixoso.

N'esta dos tempos mudança,
n'esta da sorte dureza,
na mantuana princeza
tinha librada a esperança.
Em fim, chegou; mas alcança
que já esperar não convém;

pois tão ruins lados tem
n'este imperio desigual,
qúe só póde fazer mal,
e não sabe fazer bem.

Algum que este povo unido
desejára apedrejado,
e em fim foi d'aqui lançado
a todos aborrrecido [1],
de novo agora admittido
exerce imperio violento;
que, para commum tormento,
n'este governo acontece
que o que castigo merece
agora é merecimento.

Este, agora, por fartar-se
de tyrannias, é tal
que governa Portugal
como quem só quer vingar-se;
pois não só quer odiar-se
c'os naturaes; mas tambem,
sem ser justiça, detem
aos estrangeiros no mar,
até mandar-lhes queimar
o proprio barco em que vem [2].

De dous bachareis se informa
mui diversos na nação [3],

[1] Diogo Soares, secretario dos negocios de estado, fazenda e justiça.
[2] Successos occorridos com embarcações francezas.
[3] Nascimento.

O Salazar e o Leitão [1]
que só differem na fórma;
só com estes se conforma:
vêde o effeito qual será;
porque um e outro está
sinalado com deshonra [2];
e quem não guarda sua honra
como a vossa guardará!

Este ministro cruel
já em tudo se intromette.
Olhai que cousas promette
junto co'o hollandez Sinel!
N'estas almas de pichel
tudo póde e tudo manda.
Ai! do reino, pois tal anda
o governo portuguez
que se val de um hollandez
contra os rebeldes de Hollanda [3].

Este, pois, governo errado,
para poder conservar-se,
trata de perpetuar-se
em dous polos estribado.

[1] João de Frias Salazar, desembargador do paço, e o dr. Francisco Leitão, o *Guedêlha* de alcunha, de quem dá larga noticia o romance intitulado *O Regicida.*

[2] Dr. Leitão, era filho de uma notoria meretriz, e havia casado com outra, a celebrada Vicencia, filha de uma certa Barbara, alcaiota da rua dos Cabides.

[3] A historia escripta não nos esclarece a obscuridade da allusão.

*

Mas, ai! que está mal fundado
em tão perversa doutrina;
que onde a ambição domina
é sempre o imperio violento,
sendo aos filhos fundamento
o que aos paes foi ruina!

Porque aquelle pai que eu sei
por infamia e por traição
até quarta geração
foi julgado pela lei;
d'este um filho (ó alto rei!)
sacrilego bispo é! [1]
Outro, digno de galé,
excluso já por bargante
da companhia triumphante
assiste a julgar a fé [2].

Vêde como a julgará
quem sempre sua fé quebrou;
e o que só vicios guardou
como ovelhas guardará!
Grandes simonias ha,
senhor, n'estes provimentos!

1 D. Sebastião de Mattos e Noronha, áquelle tempo, bispo de Elvas; hespanhol de nação, e um dos governadores do reino, em quanto o duque de Bragança, exaltado ao throno, não chegou de Villa Viçosa. Morreu, como conspirador, no carcere da torre de S. Gião.

2 O inquisidor D. Francisco de Castro, um dos conspiradores contra a revolução de 1640, perdoado e reposto no seu officio por D. João IV, em premio de delatar os seus cumplices.

Examinai os augmentos
dos que medram com ambição,
por que eu sei bem que não são
taes os vossos pensamentos.

E, por não parar o extremo,
d'estes o mais vil ladrão
bebado, torpe e bufão
é secretario supremo!
Com que a vosso reino temo,
senhor, grandes precipicios;
pois não só vendem officios
a inuteis, fracos judeus;
mas vendem a honra de Deus
e seus santos beneficios.

Que muito! se, nos sagrados
dormitorios de Enxobregas,
provocou a acções bem cegas
ao seu rancho e aos seus prelados!
E, para os vêr profanados,
certas gaitas ordenaram,
com que todos celebraram
a bacchanal, suja prole;
e foram gaitas de folle
porque os ôdres não faltaram [1].

[1] Não posso rastrear a satyra, se ella entende com Miguel de Vasconcellos. Póde ser que n'esta copia falte a *decima* que prendia com o caso picaresco de Enxobregas. Presumo, pelos versos seguintes, que o satyrisado seria o bispo de Elvas, D. Sebastião de Mattos.

E quem isto faz, senhor,
como é possivel que possa
conservar em graça vossa
do vosso reino o melhor!
E não é damno menor
affirmar-vos sem vergonha
que é parente do Noronha
por lhe roubar o que tem,
e com malicia tambem,
que está doudo vos proponha.

Pois aquella rica prenda
n'este reino sentenciada,
por grande Caco lançada
do tribunal da fazenda!
Não me espantarei que venda
por baixo preço a valia
da patria e da monarchia,
pois, nas mudanças que faz,
falso traidor e sagaz
toda a sua esperança fia [1].

[1] Francisco de Lucena, apedrejado pelas regateiras do Porto, em 1628, como executor do tributo das *maçarocas;* secretario das mercês de Filippe IV em 1638; secretario de estado de D. João IV em 1641, e degolado, como traidor, em 1643. Da sua innocencia diz D. Luiz da Cunha na sua conhecida *Carta* a D. José I: «... Conhecendo elle (D. João IV) a innocencia de Francisco de Lucena, seu secretario de estado, o deixou condemnar á morte, porque os fidalgos o fizeram passar por traidor, não podendo soffrer que elle lhe aconselhasse que lhes não devia alguma obrigação em lhe pôrem a corôa na cabeça, por que lhe era devida, a fim de que se não julgassem credores de grandes recompensas.» Veja o romance historico *O Regicida,* pag. 227, onde se impri-

Senhor, estes inimigos
são dos melhores sujeitos
que não permittem seus peitos
conservar sabios amigos.
Crêde que em grandes perigos
vos hão de precipitar;
e sirva-vos de exemplar
tantos reinos assolados
porque foram governados
de homens de baixo solar.

E' um em tudo guiado
de um forneiro mecatrefe;
de um pendolista bodefe
é o outro governado.
Serão suas razões de estado
sempre tisnadas e feias
qual corre o sangue nas veias;
fazei d'estes expulsão,
que um é corrêa de cão,
o outro cão para corrêa. [1]

Com vossos poderes regios
estes traidores astutos
torcem vossos estatutos,
quebram nossos privilegios.
Não faltam homens egregios
para governar melhor.
Informai-vos, vós, senhor,
que não falta quem mereça,
quem fiel vos obedeça,
quem sirva com mais amor.

miram pela primeira vez os conselhos de Francisco de Lucena a D. João IV, que lh'os pagou briosamente.

[1] Não pude attingir as referencias.

Assim, para commum damno,
e para proprios proveitos
convém que busquem sujeitos
para o governo tyranno;
de sorte, que n'este engano,
viveis, senhor, offendido,
e d'este reino esquecido;
pela divina verdade,
que não ha perpetuidade
no reino que é dividido.

Falta um justo conselheiro
que por commum liberdade
ante vossa magestade
vá com zelo verdadeiro,
qual o grande cavalleiro
Egas Moniz em que igual
foi valor e zelo tal,
que, vendo a patria opprimida,
arriscou a propria vida
pelo bem universal.

N'esta universal fadiga,
quem manda, fallar não deixa;
pois até do pobre a queixa
como culpa se castiga.
Pois como ha de haver quem diga
que a tyrannia insolente
inda fallar não consente!
E nossa fortuna quiz
que se sinta o que se diz;
mas ninguem diga o que sente.

Em fim de tanta crueldade
vos avisa o reino junto,
Portugal que, por defunto,
se atreve a fallar verdade.

Vossa altiva magestade
mostre agora seus poderes;
que, entre tantos pareceres,
qual póde o governo ser,
se, á conta d'uma mulher,
governam tantas mulheres!

Manoelinho o fez com approvação do senado todo junto.

Comparando o torneio e estylo d'esta poesia com as que tenho impressas dos poetas d'aquelle tempo, é muita a semelhança que corre entre ella e os poemetos de Duarte Ribeiro de Macedo, que foi melhor prosador.

UM BAILE DADO A JUNOT, EM LISBOA

Os monographos da invasão franceza em Portugal não descrevem nem ao menos citam o baile dado a Junot, no theatro de S. Carlos, na noite de 8 de junho de 1808.

Esta omissão, de nenhuma importancia ao primeiro aspecto, significa o receio de ferir as pessoas que assistiram ao obsequio prestado ao general de Napoleão. O resguardo era racional, quanto aos noticiaristas coevos do baile; mas hoje em dia a deferencia é escusada, visto que os filhos e netos dos jacobinos de 1808 se prezam de procederem dos homens mais liberaes d'aquelle tempo.

Ao baile de S. Carlos concorreram familias da mais selecta sociedade da capital, e muitas lá não entraram por falta de convite ou carta de admissão, difficil de obter. Entre outras de menos porte, avultavam as familias dos condes de Almada, de Sabugal, da Ega, de Peniche, e de Castro Marim; de D. Francisco Xavier de Noronha, dos desembargadores Lucas Seabra da Silva, Manoel Nicolau Esteves Negrão, e Abreu Girão; dos marquezes de Abrantes, Marialva, Penalva e Valença; concorreram alguns bispos e principaes da patriarchal.

A fim de avaliarmos as curvaturas abjectas por que passou o escol da fina sociedade n'aquelle baile, vamos vêr que as cortezias foram de antemão promulgadas como decreto, e rubricadas pelos generaes *Brenier*, *Thiebault*, e *Margaron*.

O programma foi enviado na lingua do con-

quistador ás familias duas vezes conquistadas, quando não eram tres, como certas condessas e viscondessas respeitaveis por sua fragilidade e amor cosmopolita. Um curioso contemporaneo, bem ou mal, traduziu, e acertadamente guardou o programma, tal qual se offerece aqui aos espiritos de boa fé que nos estão apregoando sempre o patriotismo de nossos avós:

«ANNUNCIO

«A funcção, que o exercito francez de Portugal dá ao snr. duque de Abrantes, quarta feira 8 de junho, consistirá em um baile de ceremonia.

«Esta funcção se fará na sala do theatro de S. Carlos.

«As pessoas mais notaveis das differentes classes do reino serão convidadas por convites pessoaes, e que servirão de bilhetes para a entrada.

«Entrar-se-ha pelo peristillo grande, e vir-se-ha alli dar pela rua de...

«As senhoras convidadas serão recebidas pelos mestres das ceremonias, que lhes darão a mão até ao seu lugar.

«M.mes Thomières, Trousset, et Foy, farão as honras do baile.

«As pessoas convidadas para a funcção, como tambem as que tiverem alcançado camarote, virão das 7 horas até ás 10 da noite.

«Chegando s. exc.ª ao theatro, será recebido pelos snrs. officiaes presentes á funcção, os quaes irão adiante d'elle até ao peristillo de baixo.

«S. exc.ª ao entrar na sala, achará todas as se-

nhoras convidadas sentadas nas frizas em bancos, ou cadeiras, o interior da sala estará vazio, e os homens encostados todos ao pano da bocca do theatro.

« No instante em que elle apparecer, se ouvirá uma musica guerreira, e todas as senhoras se levantarão para lhe agradecer o seu comprimento.

« Assentado que seja s. exc.ª, a orchestra executará a cantata composta em seu louvor; acabado este pedaço será s. exc.ª convidado a dar volta á sala, e depois tomar-se-hão as suas ordens para a primeira contradança, que se dançará só, e que estará composta d'antemão.

« Esta contradança será só de quatro figuras. Immediatamente depois começará uma contradança franceza com tantas quadrilhas, quantas o lugar permittir.

« Cada uma d'estas quadrilhas será de quatro pares e de seis figuras.

« Seguir-se-hão as contradanças, as valsas, e as inglezas.

« Quanto ás inglezas, para que todos os pares dancem sem as prolongar demasiado, ellas começarão ao mesmo tempo pela cabeceira e pelo centro das columnas, e durarão até ao ponto em que os ultimos pares da cabeceira e do centro tiverem dançado; o que observarão os snrs. mestres das ceremonias.

« Se houver duas columnas, as senhoras estarão sempre dentro do circulo.

« As inglezas e as valsas serão dançadas sem escolha de lugar; o que chegar ultimamente se porá depois do que lhe tiver precedido.

« As contradanças francezas não se poderão dançar senão com bilhetes, o que torna impossivel ter-se feito antecedentemente algum ajuste.

« Os mestres de ceremonias, que não dançam, serão encarregados d'esta distribuição, e terão o maior cuidado em fazer que successivamente dancem todos os cavalheiros e todas as senhoras; as quadrilhas terão

além d'isto dous mestres do baile, para dirigir as figuras.

«Depois da quadrilha, da valsa, da ingleza, que acabará ao rodar da meia noite e meia hora, os snrs. commissarios convidarão as senhoras a sentar-se, os cavalheiros as conduzirão para a porta da entrada, e o interior da sala ficará inteiramente vazio.

«Feitas estas disposições, se levantará o pano, o mordomo passará por entre as abas da tenda, e dará parte, que a cêa de s. exc.ª está prompta; logo as abas da tenda se levantarão, s. exc.ª abrirá a marcha, precedido por um dos generaes commissarios que lhe mostrará o seu lugar.

«Todas as senhoras serão conduzidas pelos cavalheiros; as que não poderem sentar-se á mesa serão servidas na sala. Á mesa não haverá homens, senão os que tiverem sido designados pelos commissarios, e a quem isto tiver sido participado pelos mestres das ceremonias.

«Acabada a cêa, entrar-se-ha na sala do baile em uma ordem inversa da em que tiverem d'ella sahido, e a tenda se fechará.

«Levantada a mesa da cêa, se porão no seu lugar mesas de jogo; a tenda se tornará a abrir, ficando assim maior a sala do baile.

«Quando s. exc.ª se retirar será tornado a conduzir á sua carruagem pelos snrs. officiaes, que o receberam.

«Os generaes commissarios

«*Brenier, Thiebault, Margaron.*»

Este Junot foi tão desmedido ladrão em Portugal que nem propriamente os francezes lhe disfarçam as manhas. A historia de França parece envergonhada quando roça pelo nome infamado

do duque de Abrantes. Principiára valorosamente a sua carreira militar, como simples granadeiro de voluntarios. De Lisboa sahiu locupletado e cobarde. Na campanha da Russia, em 1812, contribuiu com o seu indolente sybaritismo para a completa queda de Napoleão. Em 1813 ensandeceu, precipitou-se de uma janella, e morreu da queda.

Malè parta malè dilabuntur. Esbanjou a opulencia roubada, e legou aos filhos e á viuva o nome deshonrado, e uma quasi indigencia. A duqueza, fallecida em 1838, vivia de escrever, e não escrevia sem graça. No lardo das anecdotas nuamente contadas, consistia o merito das suas variadas *Memorias*, *Scenas da vida hespanhola*, e *Salões de Paris*.

Do duque de Abrantes ficaram quatro filhos legitimos. O primogenito, *Napoleon-Audoche*, duque de Abrantes, confirmado no titulo por Luiz XVIII, seguiu a carreira diplomatica, que descontinuou em resultado de vergonhosos processos. Fez-se litterato, abastardou-se na vida dos camarins theatraes de baixa estôfa, e morreu pobremente em 1815.

Succedeu-lhe no titulo seu irmão *Alfred-Michel*, que havia nascido em Hespanha, por 1810. Foi capitão de estado-maior, ás ordens do gene-

ral Mac-Mahon, em 1848. Militou na Africa, e ahi mereceu as divisas de «chefe de esquadrão.» Em 1854, era ajudante de campo do principe Jeronymo-Napoleão, e a 24 de junho de 1859 morreu de ferimentos na batalha de Solferino.

Josephina Junot d'Abrantes entrou em 1825 na congregação das irmãs de caridade, voltou aos salões em 1827, casou em 1841 com um tal *Amet*, empreiteiro de carroças, fez-se escriptora de obras moraes, e vivia ainda em 1861.

A ultima filha d'este mal sorteado casal chamou-se *Constance*, casou com *Louis Aubert*, redactor do *National* e prefeito da Corsega em 1848. Tambem foi escriptora de artigos de modas em diversos periodicos. Fundou as *Abeilles parisiennes* ha vinte e cinco annos; e, sem ter grangeado colmêas de *louises* com as suas abelhas, morreu pobre como seu pai, como sua mãi, como seus irmãos.

O roubado não luz. Outros dizem que luz. Os ladrões é que sabem.

QUE SAUDADE!...

Folheando acaso a *Revista Universal Lisbonense* de 1845, li pela primeira vez a seguinte noticia:

UM DUELLO DIGNO DE LOUVOR

(CARTA)

Porto 10 de maio de 1845.

Snr. redactor. — Peza-me o não ter sido testemunha ocular de um caso acontecido aqui, a 5, pelas 4 horas da tarde, e em que se ha de fallar por muitos dias.

Tinha-se espalhado que dous estudantes da *arte amandi*, fortissimos no capitulo dos ciumes e rivaes por uma triste fatalidade (porque segundo os snrs. estatisticos ha mais mulheres do que homens, e por isso os zelos masculinos quanto

a mim deviam ser prohibidos); estes dous meninos, digo, ambos com o sangue na guelra, tinha-se espalhado que a essa hora combateriam em duello de morte (que sempre é obra mais aceada), sendo o sitio da execução o campo da *Torre da Marca*, padrinhos, outros academicos, e as armas, pistolas.

Concorreu toda a gente que pôde (eu só faltei por estar com um ataque de gotta, nos pés se entende); e não só povo, mas dous regedores, cabos de policia, um destacamento de tropa e muitas mulheres (não admira, a festa era em nome e louvor do sexo, nada prova tanto os seus feitiços como umas tripas ao sol); só faltava a tumba da misericordia, diz hoje com muita graça o *Periodico dos pobres*. Sôa a hora; apparecem os dous Quixotes montados como dous Sanchos em burros lazarentos de albarda rota e freio de corda, mas muito arrogantes na catadura (não os burros porém os campeões); um dos regedores, aliás bom homem, desapprovou com destempêro que duas figuras d'aquelle feitio, brigassem á pistola; mandou-os apear e aos soldados que os prendessem; o povo, que não queria perder as passadas, murmurava contra o regedor, muitos estudantes já começavam a vociferar, um dos duellistas procurava convencel-o em segredo; o

magistrado via-se perplexo e creio que assustado.

Apressou-se em passar por mão o negocio para superior instancia: acompanhou os zelosos á presença do administrador do bairro. Foi ahi que se descobriu a chave do enigma: — os maganões declararam que o seu unico intuito fôra fazer aos duellos a guerra do ridiculo: mostraram que as suas pistolas levavam polvora mas não bala, e affirmaram, o que era verdade, que entre os dous não havia nenhuma Dulcinéa. Afóra o regedor, todos riram muito; e o administrador mostrou ter pena de que se não tivesse chegado a representar uma farça que poderia ter, talvez, prevenido algumas futuras tragedias.

Um tripeiro velho que nunca brigou nem ha de brigar.

Falla-se ahi em *dous meninos.*

Ai! um d'estes meninos era o snr. Freitas Barros, actual secretario da administração do concelho de Coimbra.

E o outro menino era... eu!

Direi alguma cousa nos pontos em que o correspondente do Porto foi omisso.

Eu vestia casaca preta de abas em triangulo isosceles com a gola em promontorio, convexa, redonda e algum tanto sebacea. Na lapela esfarpellada alvejava uma camelia, symbolisando tenção amorosa á mingoa da charpa dos Amadis e Lancelotes, meus heroicos antecessores. Os collarinhos de papel almasso embeiçavam com os arcos amarellos dos oculos. A gravata era britannicamente branca, e absorvia-me o queixo de baixo na circumspecta gravidade dos desembargadores d'aquelle tempo. Recordo-me das luvas que eram de lã verde com um ante-braço que lhes dava uns longes de manoplas. Em uma das botas duvidosamente marialvas luzia o espigão de uma espora sem roseta. O chapéo de castor, derribado por gebadas *ad hoc*, desformára-se nas fórmas caprichosas de barretina de lanceiro. Se bem me lembro, o meu adversario Freitas Barros vestia o mesmo uniforme, tirante o chapéo que era de bicos, em arco, de alterosas badanas, um pouco desengonçadas pelo attrito de meio seculo.

E, n'este feitio, depois de presos, atravessamos a cidade, desde a Torre da Marca até á rua do Almada, bifurcados nos burros espavoridos

pela grita do gentio que exultava n'aquelle intervallo de imprevisto carnaval.

Claro é que a minha postura e a plastica do trajar eram bastantemente ingratas aos effeitos oratorios, posto que a rhetorica não fosse de todo parvoa. Dei ao meu braço direito, durante o discurso, um movimento pendular que depois vi perfeitamente arremedado no parlamento pelo snr. Martens Ferrão. E, dado que, tanto nas posturas como nas expressões, eu mantivesse a seriedade compativel, o magistrado que se chamava fulano Mendanha, não sustentou a gravidade consentanea ao acto, porque me interrompia com espirros de riso assás funestos aos golfos da eloquencia de quem quer que seja.

Não obstante, a authoridade compôz sisudamente o aspeito n'este lanço do meu discurso: «Snr. administrador! O ridiculo, na questão sujeita, póde contribuir para defecar a humanidade de um crime que a lei não evita nem pune. O duello, ill.^{mo} snr., só deixa de ser ridiculo quando ha uma victima, quando ha sangue e lagrimas; e, assim mesmo, ninguem sabe dizer qual é o honrado, se o que morre, se o que mata, etc., etc., etc.»

Lembra-me que me fiz forte com Voltaire, como se o tivesse lido. Eu não tinha ainda 19

annos; e, n'aquella idade, dou palavra de honra que era estudante sem compendios, e o mais ignorante que podia ser um rapaz que entranhadamente execrava livros, e amava o sol e tudo quanto elle cobria, exceptuados os livros e os sabios.

Finalmente, o jovialissimo Mendanha mandou-nos embora; e nós d'alli sahimos com a consciencia convicta de haver escripto um brilhante capitulo na ethologia nacional, e com o estomago palpitante de sorrisos para uma merenda condimentosa no *Rainha* da Praça Nova.

Eu não me considerei então ridiculo a despeito da hilaridade das multidões. Ridiculo me vi eu dez annos depois, quando sahia de um duello com uma cutilada; e, olhando para ella, me acudia á memoria o meu discurso ao administrador Mendanha.

....

Mas... que saudades!...

CARTA A RESPEITO... D'AQUELLA COUSA

Agradeço-lhe, meu amigo, a remessa da frioleira que o lacrimavel Silva Pinto distribuiu impressa no theatro da Trindade. Devo á solicitude de v. o conhecimento d'este papel, e a occasião que me facilita de pedir ás pessoas que lêram o n.º 6 das *Noites de insomnia* hajam de me desculpar das expressões menos limpas com que offendi o decoro das letras. Ha muitos annos que eu, forçando os impulsos da indole, algum tanto caustica, á submisão imposta pela idade, tolerava allusões injuriosas com a mais dolorosa conformidade. Quando, porém, vi que os admiradores do snr. Theophilo Braga abusavam do silencio dos velhos como de ignorantes vencidos e cobardemente resignados, fez-se mister de algum modo avisar estes homens, dar-lhes um pequeno abalo ao seu orgulho, fazer-lhes até sentir que as suas reputações litterarias estão assentes em bases pouco solidas. Os termos desabridos que usei com o pobre Silva, na verdade, sahiram-me immoderados. O homem era mais pequeno do que

eu cuidava. Enganou-me. Pensei que fosse mais mau que tolo; e, n'essa allocução á opinião publica, vi com tristeza que elle é, no rigor do vocabulo, um desgraçado que, estourando por dentro, todo o hydrogeneo sulfurado lhe subiu aos miolos. É uma doença que, se espirrasse para fóra, todo homem communicavel com Silva devia de andar ensopado em agua de Labarraque.

N'este papel, que v. me envia, diz elle que me *escalpellisa com o maximo socego*, e que eu estou *desesperado*. Podéra não estar! Tomára eu que Silva se calasse, a vêr se me despeno d'estas afflicções em que elle me traz. *Escalpellisa-me!* Vê? Do escalpello á faca de ponta a differença está em algumas pollegadas de aço. O instrumento das glorias de Bichat, posto em mãos de Silva, assusta-me como se lampejasse nas de Cartouche. Ó Pinto! ó carnifice! já sei que garotêas na rua de Santa Catharina, e te alapardas no antro n.º 335. O chefe da esquadra vigia-te a rogos do meu pavor!

Elle diz ao publico:

Que discute pelo desejo de *formular* um protesto, etc.;

Que adiante *formúla* observações, etc.;

Que tem testemunhos de sympathia publicamente *formulados*, etc.;

Que o disparate só um leitor assiduo, etc., ousaria *formulal-o*, etc.

Formúla tudo. Este abuso da *fôrma* denuncía costella de sapateiro. Quem te reformulára os aleijões a tirapé, Pinto! Pinto falso!

Diz que não me ameaçára na minha vida privada. (O *privada* é elle e d'elle. Eu escrevi *vida particular*. Não lhe quero maior castigo que a vergonha ante si mesmo de substituir cavillosamente palavras para amanhar um gracejo sujo). Não ameaçou?! Annunciou na *Actualidade* um livro escripto por um collaborador, e prometteu dar extractos na folha. Que queria dizer isso?

Diz que não escrevêra a local da *trilogia*, nem a outra ácerca do Castellar, nem a da cacophonia.

Então havia outro sandeu de igual marca no jornal? Que parelha de asneirões! Pelos modos aquelle escriptorio de redacção era uma estrebaria! Se os dous coexistem, são os meninos-siamezes da estupidez; mas o outro desconfio que é elle.

Falla de uns meus *contractos litterarios com o snr. Anselmo de Moraes.*

Ahi vai, com nojo e brevidade, a historia d'estes contractos já babujada pelo dos *Musicos*, e não sei por quantos da quadrilha.

Este Anselmo de Moraes procurou-me, ha seis

annos, para me propôr a redacção de um periodico semanal, que se chamou a *Gazeta litteraria*. Aceitei. O contracto estabelecido foi que elle me pagaria a redacção por columna; e, imprimindo em livro os artigos do periodico, me compraria, á parte, a propriedade do livro. Pagou-me oito numeros, e deixou de me pagar os restantes. Neguei-me a escrever o n.º 17, quando a divida montava a 70$000 reis, e eu já tinha pago de minha algibeira a um collaborador, o talentoso Delfim Maria de Almeida. O periodico terminou.

Não lhe pedi o estipendio do meu trabalho, porque seria baldado pedir-lh'o, como havia acontecido ao estimado escriptor lisbonense Andrade Ferreira. Esperava eu, todavia, resarcir-me com a propriedade dos meus escriptos, publicando-os em livro; mas o snr. Anselmo de Moraes, esbulhando-me d'este recurso, editorou os artigos em volume, e os pôz á venda com o titulo de *Mosaico e silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, precedidos de um prefacio, attribuido ao snr. Theophilo Braga, onde se diz, pouco mais ou menos, que o author dos taes escriptos, sentindo a imaginação fatigada para o romance, se soccorre d'aquelle genero. Era, ao mesmo tempo, espoliação e descredito.

Assim que tive noticia d'esta... irregularidade

(pacato synonymo de *maroteira*), constitui procurador que impedisse a venda dos livros, cuja propriedade me pertencia, e se apossasse da edição que se achava na casa Moré, se bem me recordo. O snr. Moraes levou d'este acto judiciario aggravo para a Relação, a qual decidiu que se entregassem os livros ao editor, fundamentando o accordão em que eu permittira a publicação do livro. Quem duvidára que eu permittira a publicação do livro? O que eu não queria consentir era que o snr. Anselmo de Moraes m'o não pagasse.

A acção judicial foi erradamente posta. Eu devia, em vez de fazer arresto por fraude, requerer arresto por *calote*.

Paguei as custas, e desisti de nova acção para não pagar outras; porque o snr. Anselmo era insoluvel. Ahi está a historia.

Falta dizer o conceito em que tenho o proprietario da *Actualidade*. Salvo melhor juizo, é um traficante na pessima accepção da palavra; mas tão parvo que me açula os seus mastins, devendo açamal-os em tal assumpto, se tivesse juizo, vergonha e consciencia.

Mas, tornando ao outro:

Pinto diz que eu o ameacei. Eu! Que me chamasse *entidade escura*, *leproso* e *ignorante*,

perdôo-lhe porque é verdadeiro, menos no diagnostico da lepra; mas escrever que eu lhe *dirigi ameaças*, é pêta que talvez me obrigue a matal-o uma d'estas bellas noites na rua de Santa Catharina, n.º 335, 1.º Ando á cata da arma, da unica arma idonea para tal burricidio: é um gato morto e putrido. Em quanto não topar o gato, Pinto póde sacudir a juba aos quatro ventos do céo.

A proposito de juba, dizem-me que elle exhibe uma guedelha *king-charles* ou á Ferré, o petroleiro. Perguntaram-lhe ahi no Porto porque não se tosquiava. — Já viu leão sem juba? — respondeu elle. — Nem urso sem pello — redarguiu o outro.

Figados e bofes de petroleo tem elle. Foi a Hespanha offerecer aos communaes o seu... estomago. As manhas que lá o sustentaram hei de pedir authorisação a um cavalheiro de Madrid, muito querido dos portuguezes, para as contar á Europa. Pinto percebe-me. Não são factos da privada, são da vida publica, vida de vergonhas que nos avexam lá fóra. Na volta de Hespanha, repulso de Lisboa, despejou-se no Porto, e cavalgou Anselmo, ou Anselmo a elle — é ponto controverso.

Era aprendiz de caixeiro, em casa do snr. Anjos, se me não engano, em Lisboa. Um dia foi

atacado da pestilencia das *piadas*. Entrou a arder em febre de asneiras. Em seus rábidos delirios, espumava injurias. Houve um innocente que o desafiou. — «Eu não me bato, insulto!» — respondeu o alentado cobarde. Moeram-no. Podéra!...

Este homem, na sua miseria, é um exemplo salutar á mocidade. É como o bebado nos festins da Laconia.

∴

Meu amigo, faz-me o favor de pedir novamente perdão á opinião publica? Vá-se habituando a pedir perdão todos os mezes.

Sou, etc.

NIL ADMIRARI

O snr. *G.* escreve um folhetim no n.º 154 do *Primeiro de Janeiro.* Louva as qualidades litterarias do snr. Pedro de Amorim Vianna, manifestadas na traducção das *Memorias de Lafarge,* e no *Estudo* correspondente. Observa que a celebre envenenadora grangeou sympathias nos salões da França, e attribue o phenomeno á corrupção da moral.

Depois, derivando aos costumes contemporaneos, escreve:

«Troppmann que em nossos dias póde ser considerado um dos maiores criminosos, chegaria a causar fanatismo, se se lembrasse de percorrer a propria França, theatro das suas tristes façanhas, e não faltaria quem se désse pressa em

procurar estender-lhe a mão com intima effusão de contentamento. »

Sentir semelhante dislate, mas não o escrever, revelaria, quando menos, um eclipse de razão; mas divulgal-o, atiral-o ao rosto da sociedade, é um insulto. Que conceito fórma da moralidade da França o snr. *G.!* Troppmann, o assassino de algumas crianças que a justiça levanta de ao pé de sua mãi cortada de golpes, percorrendo a França, *causaria fanatismo; e não faltaria quem se désse pressa em procurar estender-lhe a mão com intima effusão de contentamento!*

Que dirá o seculo XXII, quando lêr isto! Dir-se-ha que o seculo de Jayme José Ribeiro, de Belem, era um periodo de selvagismo, e que o snr. *G.*, á imitação de Boecio nas trevas da meia-idade, protestára contra os vicios do tempo, e affirmára honradamente a sua repugnancia em apertar a mão de Troppmann, com intima effusão de contentamento.

É justo que cada um exerça o direito de dizer o que pensa; mas os disparates, que ultrajam a consciencia publica, deveria o escriptor, embora anonymo, cohibir-se de alardeal-os.

Parvoiçadas d'esta laia, ditas em um botiquim, evolam-se como o fumo agro de um mau charuto de vintem; mas, estampadas em gazeta circumspecta, tornam-se immortaes como as gazetas, e arriscam perante a posteridade os *GG*, os *BB*, e todas as mais letras do alphabeto, sem excepção dos *TT*.

FIM DO 7.º NUMERO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 8 — AGOSTO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

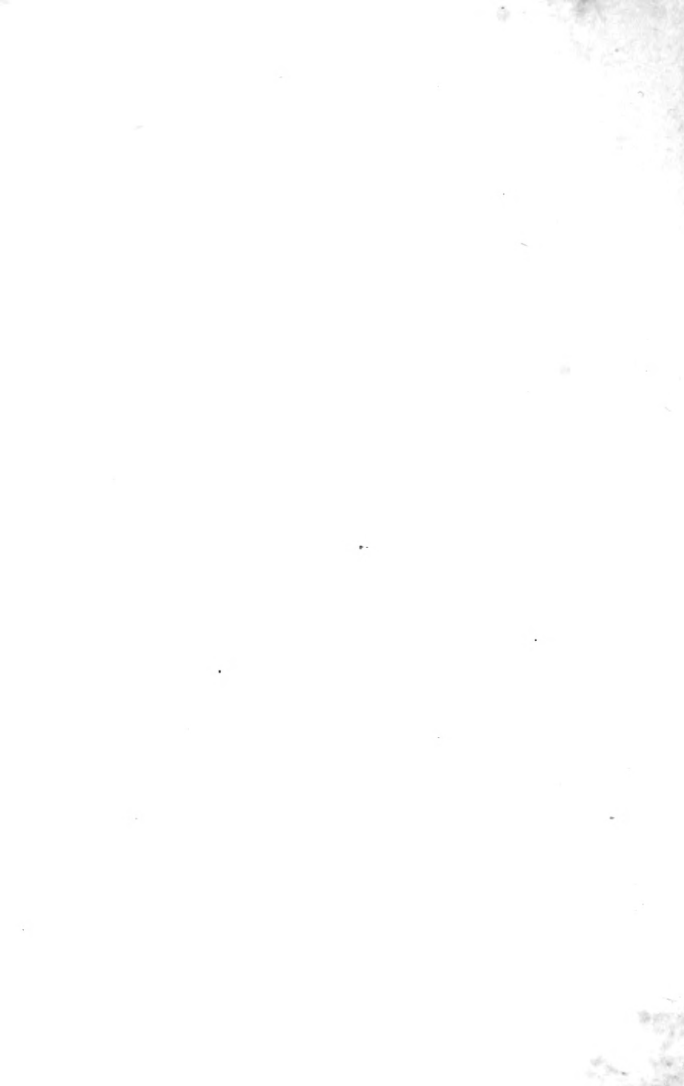
ERNESTO CHARDRON	EUGENIO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98	*4, Largo de S. Francisco, 4*
PORTO	BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

Os salões, pelo exc.^mo snr. visconde de Ouguella — Subsidios para a historia da serenissima casa de Bragança — O paço real da Ribeira — As cruas entranhas de D. Maria 1.ª, a Piedosa — D. Maria Caraca Bonaparte — Lixo — Bibliographia — Pobreza academica — Sobre Anselmo — Ao publico.

OS SALÕES

—

CAPITULO VI

UMA AURORA

Opprimé par des despotes, qui, á leur tour, étaient menés par les jésuites, et asservi sous le pouvoir sans frein des prêtres et des nobles, ce petit peuple menait ainsi, sans aucun doute, pendant la première moitié du dix-huitième siècle, l'existence la plus miserable parmi toutes les nations de l'Europe.

GERVINUS.

L'histoire n'est jamais faite, on la refait sans cesse.

VOLTAIRE.

Les hommes embrassent volontiers avec une ardeur violente les rêves qu'ils se font, mais ils ne veulent point qu'on les leur impose.

ARSÈNE HOUSSAYE.

Ignota obscuræ viderunt sidera noctes,
Ardentemque polum flammis, cœloque volantes
Obliquas per inane faces....

LUCANO.

Nos confins do globo, nas regiões arcticas, ao tocarmos as ultimas zonas habitadas, toma a

existencia proporções fabulosas. Expiram, alli, todas as ousadias, todos os commettimentos, todas as aspirações dos mais intrepidos navegadores.

E' longo o obituario dos homens illustres, que teem perecido, abandonados, n'estas epopêas ignoradas. Seriam famosas as chronicas, onde se compendiassem as façanhas, os esforços heroicos, as luctas incessantes, e a coragem inexcedivel dos martyres, que vão perdendo a vida em busca d'aquellas solidões polares.

Todas as proezas que a antiguidade nos narra: os doze trabalhos de Hercules, a entrada no formoso jardim das Hesperides, as excursões em demanda do vellocino de ouro, o ousado empenho de transpôr o labyrintho de Creta, o maravilhoso e demorado cerco de Troya, a viagem aventurosa de Ulysses procurando a patria, a retirada heroica de dez mil gregos pelo interior da Asia, as conquistas de Alexandre, as invasões de Sesostris, a fundação de Sparta, de Athenas, de Roma, e de Carthago — finalmente as narrações de Homero, Xenophonte, Herodoto, Diodoro, Thucydides, Quinto Curcio, Tito Livio, Plutarcho, e Eutropio, e ainda as creações grandiosas, que remontam aos tempos pre-historicos dos védas, do Maha-Bharata, do Ramayana, do Kalidasa, e do Boudha

Sakya-Mouni, todos estes mythos, todas estas epopêas, todas estas lendas, todas estas luctas titanicas, todas estas épicas aventuras são debeis esforços, limitadissimos exageros, vagas e triviaes descripções, em presença dos arrojos de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de Christovão Colombo, de Americo Vespucio, de Magalhães, de Franklin, de Cooper, e de não sei quantos outros navegadores e descobridores temerarios, que teem avassallado os dous oceanos, indo, alguns d'elles, povoar, com os seus esqueletos, as regiões remotas dos gelos polares.

Ha um parallelo formidavel e tremendo entre a vida physica e moral da humanidade. As leis, que regem o espirito, e a materia caminham a par.

O alvorecer da liberdade, quando um povo desperta do lethargo da escravidão, assemelha-se á luz vaga e indecisa, com que a natureza previdente, e sempre mãi, acode á escuridão das immensas noites arcticas.

Contemplemos.

Em phases astronomicamente determinadas, o facho de luz, que arrasta este globo, acariciando-o, e alimentando-o carinhosamente — como em berço de ouro, e em fachas de purpura — deixa, na solidão e nas trevas, por longas e frigidissi-

mas épocas, as regiões que sė aproximam dos polos.

Esconde-se o astro do dia. Levantam-se tempestades inexcediveis, rangem nas proprias raizes os arbustos, que uma temperatura, milagrosa para a vida humana, permitte e consente que sobrevivam a uma lucta constante; fogem espavoridos os ferozes animaes, que o Creador concedeu áquelles climas, e o homem, ainda que afeito a esta existencia inexplicavel, busca em cavernas, cavadas no proprio gelo, um refugio, um abrigo contra estas tormentas, em que a terra parece agonisar.

E quando a noite vai longa,—longa a ponto que parece interminavel,—quando a presença d'um ente organisado assusta e apavora, porque os vultos dão visões d'espectros, n'aquelles cataclysmos e inversões de todas as normas por que physicamente se governa a humanidade—do seio d'este cahos, do vacuo de todos estes ruidos, da solidão infinda de todas estas planuras assomam os lampejos d'uma luz vaga, indecisa, e bruxuleante — robustecem-se, avivam-se, condensam-se, animam-se, fulguram, e em duas columnas investem com o horisonte, aproximam-se do zenith, e desdobram-se n'uma corôa de fogo, que resplandece, offusca, e afaga na pallidez dos pla-

nos em que se desenha, os montes, pyramides e arcarias de gelo com que as solidificações da agua teem revestido a terra.

E' uma aurora polar.

O phenomeno termina.

As trevas adensam-se, os ventos impetuosos enfurecem-se, o gelo augmenta de volume, as plantas não receberam calorico que as aviventasse, e a terra conserva-se fria, inerte e abandonada.

E' porque o calor e a luz foram ephemeros, e a natureza continúa envolta no seu sudario de neve, até que o luzeiro vivificador, o centro de toda a nossa existencia venha expandir os seus raios, as suas frechas de ouro por sobre o nosso planeta.

A liberdade é como o sol.

Só ella vivifica, só ella alenta, só ella esparge os seus raios de luz pelas escuridões da intelligencia humana. Só ella rasga os véos densissimos, que entenebrecem o senso moral dos povos. Só ella exalta Galileu, Copernico, Luthero, Leibnitz, Calvino, Voltaire, Rousseau, Beccaria, Filangière, Darwin, Proudhon, Lamennais, Bentham, Comte, Stuart Mill, Littré, Michelet, Quinet, e toda esta phalange de apostolos, que evangelisam a palavra de Deus, e prégam a boa nova,

explicando as maravilhas da creação, d'envolta com os hymnos, que offerecem ao Eterno.

As auroras polares são simulacros de vida — são phenomenos meteorologicos, que fulgem e desapparecem, sem que a terra estremeça de contentamento, sem que a natureza acorde do somno lethargico das noites arcticas, sem que as regiões do gelo dispam o alvo manto, que as envolve, exhaurindo a luxuriante vida, e os ricos thesouros da sua vegetação por todos os póros dos seus ferteis e uberrimos torrões.

Quando os povos não estão ainda preparados para as grandes evoluções sociaes, quando as nações jazem adormecidas, nos pesadelos d'uma lenta e demorada tyrannia, as aspirações d'um grupo diminuto de homens, o credo da nova crença, symbolisado n'uma obscura e limitada pleiade, as esperanças do futuro, formuladas pelos videntes e vates d'uma nova era, são como a semente perdida de que falla o evangelho — não brota, não germina, não rebenta, não fecunda, não viceja: fica entalada nas pedras, ou comem-na as aves do céo.

As evoluções sociaes, sonhadas nos improvisos e imprevidencias dos homens, que anceiam por precipitar acontecimentos inopportunos ou prematuros, e que tentam arrastar os tempos,

na insensatez com que os Titans ousaram escalar o Olympo — segundo a maravilhosa lenda da mythologia grega — são auroras polares, que fulgem, brilham, e se extinguem, deixando o frigidissimo gelo da descrença no coração dos povos que imaginaram regenerar.

Assim foi a revolução de 1820.

Na noite de ignorancia, de fanatismo, de escravidão e de miseria, que ia tão longa, e tão frigida, como nas trevas dos polos, ergueu-se um luzeiro ephemero, passageiro, e rapido, que atravessou o horisonte politico da patria, e esvaiu-se e dissipou-se, como um meteoro, deixando submersa, nas trevas da mais feroz oppressão, a nobilissima Lusitania.

A aurora polar de 1820 dissipou-se.

As trevas de 1828 surgiram e adensaram-se com o nefasto nome de usurpação.

O vaticinio da emancipação dos povos, o credo dos videntes da boa nova foram afogados no completo desconhecimento da soberania popular. Ficou o Lazaro amortalhado, no sepulchro, sem escutar nem entender o verbo harmonioso da redempção.

Por vezes, no fundo d'um horisonte diaphano e transparente, recorta-se um ponto impercepti-

vel, um atomo negro, que só vistas perspicazes descortinam. Vai o baixel singrando em aguas remansadas, impellem-no ventos prosperos e adequados a uma facil navegação; e subitamente o atomo torna-se colosso, o ponto negro transforma-se em tempestade, e os elementos desencadêam-se, enfurecidos, sobre o mareante, confiado e seguro na tarde bonançosa e estival dos climas tropicaes.

Assim nasceu a revolução.

As colonias do norte da America, esmagadas pela soberba oppressão da velha Albion, proclamaram-se independentes. A França educada já nas luctas dos philosophos e encyclopedistas, affeiçoada ás theorias e doutrinas de Descartes, Voltaire, Rousseau, D'Alembert, Hobbes e Diderot auxiliou esta grande lucta de emancipação; e a Europa viu, com assombro, o Novo-mundo aceitar a republica como um systema de governo, e sustentar a democracia como uma verdade inconcussa, que parecia o complemento da missão do Nazareno.

E' que o christianismo recuára diante da escravidão. «Dai a Cesar o que é de Cesar», dissera o Messias; e a França, como n'um Sinay de luz e de transformações sociaes, formulára os direitos

do homem, e esmagára, sem remorso, todas as oppressões, e todas as tyrannias.

A França é o capitolio da raça latina.

Nem uma só vez a nobre terra das Gallias deixou de regar com o proprio sangue um grande principio. E ainda, quando arrastada pela louca ambição d'um homem desvairado, percorria a Europa, na sofreguidão das conquistas — ainda assim, cada patrona dos seus legionarios era um fóco de propaganda, e uma ameaça tremenda para os despotas ungidos pelo direito divino.

Os excessos da revolução franceza — se os houve — foram a consequencia logica e fatalmente necessaria de tantos seculos de carnificinas, d'escravidão, e de infamias. «Os grandes só são grandes, porque nós estamos de joelhos: levantemo-nos», clamava Seyés ao raiar a aurora da mais esplendida revolução, que narram os annaes de todos os povos. E o morticinio dos albigenses, a destruição dos huguenotes, as fogueiras das inquisições, os encerramentos nas torres, e nas bastilhas, o estupido orgulho, e os ignobeis e torpes privilegios d'uma aristocracia banal e dissipadora, os barbaros direitos feudaes, a miseria publica na sua hediondez, e todas as vergonhas, todos os abusos e todos os vexames dos governos absolutos foram anathematisados e pulverisados

á face dos grandes principios, que os vultos homericos da assembléa nacional e da convenção ousaram proclamar.

É d'aqui, e só d'aqui, que data a emancipação da humanidade.

A fé religiosa podéra ser — e foi — um balsamo de consolação. Era um esteio para as consciencias, era uma valvula de segurança, forjada pelo clero, pelo sacerdocio, pela theocracia, para obstar ao desencadeamento de todas as indignações, e apagar, com as adulteradas palavras de misericordia e resignação, as justas represalias legadas por milhares de gerações.

As palavras de Christo, no Golgotha: «Perdoai-lhes, meu Pai, porque elles não sabem o que fazem», ficaram sendo, na amphibologia da sua applicação, o pára-raios de dezoito seculos de abusos, de ultrajes e torpezas.

Rebentou a revolução franceza. E os raios d'este Sinay da biblia da humanidade encheram de luz a palavra justiça, em toda a severa e inexoravel verdade do vocabulo romano: «*Jus sum cuique tribuendi.*»

Os decemviros d'esta era famosa prestavam, pela primeira vez, homenagem á dignidade de todos os entes racionaes: viam e consideravam todos os homens irmãos e iguaes.

Como é triste e demorada a perfectibilidade humana! Quantos seculos de trevas, para luzir no craneo do rei da creação esta simplicissima verdade: todos os homens são iguaes!

E são.

O genio e o idiotismo formam os dous polos d'esta arca santa, d'este tabernaculo do pensamento, da vastidão do cerebro, onde a consciencia moral, quando culta e desenvolvida, desperta sofrega dos seus direitos, e irrompe-lhe a intuição generosa e espontanea dos seus deveres e obrigações.

As colonias hespanholas responderam, com enthusiasmo, a este clamor unisono da America do norte, e por sobre os dous oceanos voou a mensagem de que o Novo-mundo estremecia de jubilo ao contemplar a liberdade. Foi isto bastante para que o movimento revolucionario se propagasse na metropole. E ao passo que os autocratas da Europa forjavam uma alliança reaccionaria, com o intuito pueril de levantar um dique á torrente caudal, que trasbordava nas planuras habitadas pela raça latina, a revolução caminhava triumphante no meio dia do nosso continente, e aceitava, como modêlo, a constituição hespanhola de 1812.

Era a democracia que levantava o collo, e ar-

remessava o cartel aos privilegios de dezoito seculos. As centelhas luminosas da liberdade, as chispas d'este fogo sagrado irrompiam tão espontaneas, e tão vivazes, que pareciam vulcões abertos pelas forças temerosas da electricidade, fluidos magneticos, que em correntes subterraneas pretendiam surgir dos seios da terra, em quanto esta se debatia, agonisante, nas convulsões d'uma nova transformação.

Em 1820 estremeciam os dous mundos.

A Hespanha, o Brazil, o reino de Napoles, o Piemonte, e os proprios christãos avassallados na Grecia despertavam ao clamor da emancipação dos povos. Irradiava o sol da justiça. Dissipavam-se as trevas na consciencia humana. Desde o Chili até Boukarest coroavam-se as montanhas de fachos de luz, e como se uma só vontade, um só incentivo, um só impulso dirigisse as nações, echoava em todos os pontos o sagrado nome da liberdade. Ouvia-se o ruido das velhas instituições que desabavam. O clero e a nobreza perdiam o prestigio, a força, o poderio; e a humanidade, que ouvira absorta a palavra omnipotente da convenção nacional, estremecia jubilosa e reverente, como a virgem de Nazareth ao escutar a saudação celestial do anjo mensageiro.

Durou pouco a esperança. Detraz dos hymnos

festivaes vinham os crepes funerarios. Após esta radiante aurora seguiram-se as trevas da reacção, os carceres, as galés, as deportações, os exilios e os morticinios. A velha Europa estendeu os pulsos e deixou-se algemar.

O mais hediondo mal da escravidão é o habito torpemente adquirido de ser escravo.

O maior crime da tyrannia é educar as gerações para a abjecção moral, para a aniquilação da dignidade individual, e para a ignorancia dos proprios deveres.

Todavia as evoluções sociaes não dependem da vontade dos homens.

As legitimas penalidades, na terra, imprimem-se implacaveis e cruentas em quem pretende destruir o que de si é immutavel e eterno. O desconhecimento completo das leis physicas e moraes da humanidade arrasta, as mais das vezes, repetidos cataclysmos e sangrentas catastrophes.

A arca santa do mosaismo é o symbolo immaculado da indestructibilidade das normas, por que o universo se rege.

Todos os seculos teem uma feição propria, uma formula predominante, por que se inscrevem na historia. Assim se exprime o seculo de Pericles, o seculo de Augusto, o seculo dos Medicis, o seculo de Luiz XIV. Detraz de cada um d'estes epithetos,

que são como uma synthese, caracterisada n'uma epigraphe, transparecem grandes commettimentos, estudos longos e pacientes, como de benedictinos, luctas heroicas, trabalhos herculeos, progressos infinitos, que formam a vereda, representada pelos marcos milliarios da civilisação dos povos. Definem-se, pois, os seculos por um grande pensamento, e gravam-se com uma nova idéa. E á medida que as civilisações se multiplicam, as transformações são mais rapidas; e as evoluções sociaes precipitam-se. É assim que os phenomenos da electricidade e a força do vapor teem hoje, desde a Oceania até aos confins do occidente europeu, a humanidade perplexa e surprehendida n'um contacto constante, e as idéas transmittem-se com a velocidade da luz.

Mas as gerações que se teem ido succedendo, em seculos determinados para a sua missão — egoistas e imprevidentes, foram legando ao seculo dezenove a solução de todos os formidaveis problemas com que hoje nos achamos a braços. Nós — entregues e devotados ás sciencias d'observação, aos estudos analyticos, á razão critica, á severa e leal escolha da pureza dos elementos que constituem o nosso credo, e a encyclopedia fundamentada dos actuaes conhecimentos humanos, encontramo-nos face a face com a futura

solução de todos os problemas religiosos, scientificos, litterarios e sociaes, que a machiavelica prudencia de todos os defensores dos rigorosos principios authoritarios vai deixando accumular.

Queixem-se de si, e só de si os zelosos apostolos da reacção — phariseus de todas as épocas, e de todas as raças, — quando a democracia implacavel e inexoravel na sua marcha, arrastada involuntariamente pela sua velocidade adquirida, achar de subito a formula inteira de todas estas temerosas soluções.

Mil oitocentos e vinte é apenas uma data.

Echo remoto da revolução franceza, grito agonisante d'uma nação exhausta, indolente, ignorante, fanatisada e escrava, o povo balbuciou sem consciencia nem fé a palavra liberdade, e adormeceu de novo, no seio de theorias que não entendeu, de principios que não comprehendia, para acordar d'este somno febril e agitado nas tristes e luctuosas carnificinas do caes do Tojo.

A inviolabilidade da vida humana era uma utopia e um escarneo para uma geração, que se estorcia convulsa, ainda, no medo e pavor com que a feriam em face os sombrios e ferozes carceres da inquisição.

A democracia nem era apenas um sonho n'estes devaneios da classe media. O proletariado,

quando muito, seria uma casta de parias, que d'envolta com o pauperismo merecia os ergastulos e gemonias da preconisada republica romana.

As republicas gregas e latina não eram comprehendidas pela ausencia total das sciencias modernas. E se os vocabulos se entendiam nos lexicons da época, desconhecia-se, pelo menos, a essencia da organisação e constituição de povos tão diversos. A philologia e a ethnographia eram como hieroglyphicos para uma sociedade que apenas queria destruir. O seculo dezoito vivêra em parte dos discursos emphaticos de Raynal, Volney e Rousseau, e das historias fabulosas, escriptas pelos aulicos e cortezãos de todas as vaidades e pompas mundanas.

A democracia, na rasgada e imponente accepção do verbo supremo, havia de irromper, mais tarde, n'este luzeiro immenso, que será a redempção da humanidade.

VISCONDE D'OUGUELLA.

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA

DA

SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA

II

A VENIAGA

Sem preambular com as repetidas accusações (veja Rebello da Silva, Soriano, Pinheiro Chagas) escriptas contra a cobarde inercia de D. João, duque de Bragança, que desatravancou ao usurpador castelhano o accesso a Portugal, vou arrolar com miudas provas as verbas que representam o valor da honra e do patriotismo do avô de D. João IV.

Possuo um codice que pertenceu ao archivo da casa de Bragança, escripto em 1687, com estes dizeres na folha de rosto: *Doações do real estado e casa de Bragança, conforme se vão desco-*

brindo em papeis e documentos authenticos de que em summa se dá noticia.

Convém saber que os successores do duque D. Fernando, degolado em tempo de D. João II, nunca poderam obter de D. Manoel, de D. João III, da rainha regente, de D. Sebastião e do cardeal, parte dos privilegios que o filho de Affonso V lhes jarretára. A absoluta independencia da corôa, e o absoluto dominio em Villa-Viçosa, nunca poderam os duques extorquil o á condescendencia dos soberanos.

Obteve-o, porém, o avô de D. João IV, em fevereiro de 1581, da velhaca magnanimidade de Philippe II de Castella, quando foi comprimentar a Elvas o usurpador, que vinha entrando triumphalmente em Portugal. O primeiro passo era crear magistrados seus, instaurar tribunaes sem appellação nem aggravo das sentenças dos seus juizes, e defender o ingresso de viandantes em seus dominios, quando elles eram suspeitos de procedencia de lugares impedidos, e até quando o não eram.

A seguinte *doação* de Philippe II ao duque de Bragança, D. João, primeiro de nome, está registada no livro V da camara de Villa-Viçosa, fl. 31, pag. 2.

« Eu el-rei, faço saber aos que este alvará vi-

« rem que havendo respeito ao duque de Bragan-
« ça, meu muito amado e presado sobrinho e a
« D. Catharina minha muito presada prima resi-
« direm ora em Villa-Viçosa, e por outros res-
« peitos que a isso me movem; hei por bem e me
« praz que a pessoa que o dito duque nomear
« por guarda-mór da saude da dita villa tenha a
« alçada com o dito cargo adiante declarado. Que
« entrando alguma pessoa na dita villa, sem li-
« cença do dito guarda-mór, e constando que vem
« de lugar impedido, o possa *mandar prender, e*
« *sendo peão será condemnado a um anno de de-*
« *gredo para o couto de Castro Marim com pregão*
« *na audiencia e 2$000 reis para os captivos; e,*
« *sendo de maior qualidade, a mesma pena de de-*
« *gredo e pregão e 4$000 reis. E o mesmo nos que*
« *metterem fatos e mercadorias das terras impedi-*
« *das; e os que vierem de terras não impedidas,*
« *entrando sem licença, presos, e da cadêa pagarão*
« *2$000 reis.*

« E todas estas penas sem appellação nem
« aggravo, e que as sentenças sejam dadas em
« camara com os vereadores. E que não passe
« pela chancellaria. Ambrosio de Aguillar o fez
« em Elvas a 23 de fevereiro de 1581. Roque Viei-
« ra o fez escrever. El-rei. »

Em 2 de julho de 1582 concede o mesmo mo-

narcha ao mesmo duque *poder despender as rendas dos concelhos das suas terras no que lhe aprouver*.

Em 2 de maio de 1584 o mesmo Philippe II assigna o seguinte aviso:

« Eu el-rei. Faço saber a vós licenciado Lopo « de Abreu Castello Branco que ora o duque de « Bragança (D. Theodosio) meu muito amado e « presado sobrinho, com minha authoridade, en« via por juiz de fóra da sua villa de Villa-Viçosa, « que eu hei por bem pela confiança que de vós « tenho, que além dos poderes que por minha « ordenação são dados aos juizes ordinarios, vos « tenham mais o poder e alçada ao diante decla« rados:

« *Que nos casos crimes possa mandar açoutar « peões de soldada que estiverem assoldadados, e ou« tros peões que ganharem dinheiro por braçagem, « e escravos, e que possa degredar os ditos peões « para os lugares d'além-mar por dous annos, e « para os coutos do reino até tres annos. Que possa « degredar escudeiros e vassallos que não forem de « linhagem, e officiaes mecanicos para os lugares « d'além mar por dous annos, e para os coutos do « reino por tres annos... Que se alguns fidalgos, « cavalleiros e escudeiros de linhagem, e vassallos, « fizessem cousas por que mereçam ser processados,*

« *os empraze para que a certo tempo appareçam.*
« João da Costa o fez em Lisboa a 2 de maio de
« 1584. Rei. »

Seguem mandados confirmando e revalidando doações abolidas ácerca das rendas das feiras, que os duques de Bragança continuaram a perceber, como seus avós, antes das reformas de D. João II.

Em 1589, o duque de Bragança D. Theodosio decreta nos seus dominios isentando os ferradores e mais officiaes mecanicos de sua casa *de todos os serviços e encargos do concelho, de fintas, de talhas, montes, pontes, fontes, caminhos, calçadas, etc.; nem vá com presos, nem seja tutor, nem curador de nenhumas pessoas, nem pousem com elles, nem lhes tomem suas casas de moradas, nem adegas, nem estrebarias, nem roupas, nem palha, etc.*

N'esta fórma de decreto assigna D. Catharina, por ser ainda menor o duque.

D. João, segundo de nome, e que depois foi rei, ainda em 1635 impetrou licença de Philippe IV de Castella para crear doze misteres, especies de zeladores na cobrança das alcavalas que a serenissima casa exercia sobre os vassallos.

D. Duarte concedêra que o duque de Bragança podesse nomear juiz, quando o juiz de nomea-

ção real lhe fosse suspeito. D. Affonso V confirmou. D. João II aboliu. D. Philippe IV de Hespanha, a requerimento do duque de Bragança, que depois foi rei, confirmou a lei de D. Duarte.

Por doação de 1587 é permittido ao duque de Bragança não cumprir as cartas dos corregedores da côrte. No mesmo anno lhe é facultado avocar a si as causas das suas terras e *sentenciar como lhe parecer.*

Em 1607 é permittido ao duque de Bragança formar chancellaria e *levar direitos d'ella sobre cartas de seguro em caso de mortes negativas, ou confessativas de morte, de resistencia a officiaes de justiça, etc., em provimentos de officios e isenções de cargos.*

Esta concessão derivava do animo bizarro do castelhano que pagava ao duque de Bragança com o dinheiro dos proprios portuguezes, e do animo avarento do agraciado que se cevava na pobreza dos seus conterraneos.

Tal graça era tão pesada para os portuguezes quanto vaidosamente inepta para o duque a do tratamento de *excellencia* que obteve em 1597, por lei extravagante de 6 de dezembro, que só aos duques de Bragança e aos infantes a concedia [1].

[1] Por provisão particular de 12 de dezembro de 1605, passada em Valhadolid foi concedido o mesmo

Afóra a *excellencia*, «o duque de Bragança — escreve Rebello da Silva — por ser o mais nobre e poderoso, foi tambem o primeiro que o soberano exaltou, lançando-lhe elle proprio sobre o peito o collar do tosão de ouro, e entregando-lhe o estoque de condestavel do reino, dignidade por elle pedida em vão, como sabemos, ao cardeal-rei e aos cinco governadores.» (*Hist. de Port. nos seculos* XVII *e* XVIII).

Na acclamação de Philippe I de Portugal, «o primeiro que jurou foi o duque de Bragança, o qual depois veio beijar a mão d'el-rei.» (*Obra cit.*)

Esta preeminencia importava menos que a concessão então obtida de transportar da India uma determinada porção de especiarias isentas de direitos da alfandega.

privilegio aos duques de Aveiro, em attenção ao grande luzimento de sua casa, pois D. Jorge de Alencastre, nascido em 1481, era filho do rei D. João II e de D. Anna de Mendonça, que, — por via de regra estatuida — acabou commendadeira de Santos. Aquelle mosteiro assignalou-se como harem de odaliscas desbotadas. O referido D. Jorge, mestre das ordens de S. Thiago e Avis, senhor de Aveiro e mais terras do infantado, foi creado segundo duque de Coimbra (o 1.º duque de Coimbra fôra seu bisavô D. Pedro, morto em Alfarrobeira), por D. Manoel em 1500, ou por seu proprio pai, como diz *Portugal, De Donat. reg.* n.º 410.

Constituiu-se pois a serenissima casa de Bragança o primeiro armazem de canella e pimenta n'estes reinos; e, como não pagava direitos, a sua mercadoria era a mais procurada por duas considerações: a barateza do genero e a qualidade do especieiro.

O PAÇO REAL DA RIBEIRA

De um manuscripto, que seria optimo livro da topographia de Lisboa, se o terremoto de 1755 o não suspendesse, aniquilando talvez a mão laboriosa que o escrevia, extrahimos o capitulo respectivo ao paço da Ribeira, e edificios convisinhos. É a mais detida descripção que ainda vimos. Os escriptores, que conheceram Lisboa antes da catastrophe, á semelhança de João Baptista de Castro (*Mappa de Portugal*) poucos delineamentos particularisaram dos grandes edificios da Lisboa de D. João v. Iremos transcrevendo o que nos parecer mais grato aos antiquarios, e ainda aos que, sem grande affecto a velharias, se comprazem em reconstruir na imaginativa as feições da sempre formosa Lisboa.

«O palacio real da Ribeira, situado junto das margens do Tejo, em frente de uma das maiores praças da Europa, chamada *Terreiro do Paço*, é um soberbo e vastissimo edificio, commodo e magestoso. É obra d'el-rei D. Manoel, para o qual se mudou dos antigos paços da Alcaçova, e onde, desde então, ficaram assistindo os reis d'este reino. Fórma este real edificio dentro em si tres grandes quadras, com dilatadas galerias em roda, com admiraveis quartos, preciosamente guarnecidos, e muitos salões, os maiores dos quaes são: a casa chamada de *gala*, a sala dos *tudescos*, onde costuma estar a guarda allemã de sentinella. Esta sala é uma das maiores de toda a Europa, porque tem 130 palmos de comprimento e 76 de largura. A quadra que fica junto da igreja patriarchal, chamada *pateo da capella*, é toda rodeada de galerias de arcos sobre columnas, com janellas ao de cima bem rasgadas. Por baixo d'estas arcadas ou galerias, em toda a circumferencia, ha muitas tendas e lojas onde se acha tudo que mais precioso ha no mundo, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Sahindo d'esta quadra por um vasto portico voltado ao sul, se entra em outra quadra mais comprida que larga, tambem cercada de bellas galerias, sobre a qual abrem as janellas do quarto das rainhas. Ahi ao pé ergue-

se uma altissima e bem fabricada torre de marmore, com um magestoso sino de relogio, e dous mais pequenos dos quartos. É obra do snr. rei D. João V, o *Magnifico*. Tambem ha n'esta segunda quadra muitas lojas onde se vendem cousas preciosas. Para a parte da *Ribeira das Naus*, fórma este palacio outro grande quarto, feito á moderna, obra do mesmo monarcha, chamado o *quarto dos infantes;* e, ao cabo d'elle, abre-se uma formosissima varanda descoberta, gradeada de marmore á volta, primorosamente lavrado, sobre cujos pilares assentam vasos de jaspe cheios de murta e flôres.

«Aquella parte d'este soberbo edificio, que olha para o oriente, e abrange a largura toda do *Terreiro do Paço*, é occupada por uma espaçosissima galeria, que termina em um magnifico pavilhão chamado o *Forte*. É obra de Philippe II de Hespanha, dirigida pelo famoso architecto Philippe Terzo, podendo affirmar-se que não ha outra semelhante em toda a Europa, como confessam todos os estrangeiros que vem a Lisboa. D'aqui se descobre toda a barra, e o porto da cidade, porque fica sobre a praia do rio. É tanta a magestade d'este edificio que não vi em todo o reino de França, nem nos famosos palacios de Louvre e Versailles tão justamente encarecidos obra tão

sumptuosa; sendo para sentir que não se chegasse a concluir o risco d'esta elegante fabrica, pois estava delineado fechar toda a praça do *Terreiro do Paço* em roda, com outro pavilhão fronteiro no sitio onde hoje (1754) estão as casas da alfandega: porém, é sestro já muito antigo ficarem imperfeitas todas as obras que outros principes começaram.

«Contigua a este lanço, corre uma varanda de arcos que dá serventia para a sala dos *tudescos*, e pela fachada do sul se communica para outro quarto, não menos magestoso com suas galerias, eirados e torreões, onde assistem os infantes, irmãos ou filhos dos reis, e hoje serve de residencia á rainha-mãi, D. Marianna de Austria. Tem este quarto grandes e preciosas ante-camaras com tapeçarias e moveis inestimaveis, e pinturas dos mais insignes authores.

«Sua magestade costuma residir no quarto do *Forte*, que dá sobre o *Terreiro do Paço*, e é o melhor do palacio, cujas ante-camaras, salas e gabinetes encerram em si o mais precioso que póde a terra dar; porque as tapeçarias de ouro, prata, velludo, damasco e outras sêdas, quadros de admiraveis pinturas, e toda a mobilia, dão a conhecer a soberania da magestade que o occupa.

A casa dos *embaixadores* é a melhor da Europa. Ha n'este palacio uma notavel bibliotheca, constante de muitas casas de livros, com manuscriptos os mais raros; e, sem duvida, se estivesse em ordem como as bibliothecas do vaticano, e de el-rei de França e da Sorbona, não lhes seria inferior; para o que muito concorreu a curiosa applicação (!) e magnifica despeza do snr. rei D. João v mandando comprar fóra consideraveis collecções.

«Para o lado do rio tem este palacio um bello jardim com grande eirado, com viveiro abundante de todo genero de aves raras, especialmente pombas e rôlas de varias castas. Não se póde dar mais aprazivel espectaculo no mundo que a vista d'este jardim sobre o mar.

«O snr. rei D. João v acrescentou outro quarto a este palacio: é o que fica no *largo da Patriarchal* e corre até ao *theatro da opera*. Consta este augusto edificio de varios corpos e muitas galerias todas de apuradissima arte, obra do famoso architecto Frederico, em que os marmores apostam duração com a eternidade. Dous lanços d'este quarto abrem para o *largo da Patriarchal*, e em meio de cada um avulta um portico grandioso, levantado em grossas columnas marmoreas, com

capiteis corinthios, excellentemente folheados. Todo o restante d'este primoroso edificio é feito de polidissima cantaria, com formosos lavôres e remates, com oculos romanos na cimalha, que lhe dão graça e belleza. O saguão que vai do *largo da Patriarchal* e atravessa este quarto para a *Campainha*, é a melhor peça d'arte d'esta cidade; porque as quatro columnas de jaspe que tem na frente de duas escadas lateraes, são perfeitissimas no trabalho dos lavôres.

«Para o lado do *theatro da opera* fórma este quarto uma quadra pequena com sumptuosas galerias, para a qual se entra por um grande vestibulo fronteiro á *Patriarchal;* mas a serventia ou passagem para o *theatro* é a mais arrogante e magestatica obra de Lisboa. Aqui, os marmores são de maneira sinzelados, que nem a cêra seria capaz de mais tenues arabescos. A natureza é vencida pela arte; porque os bustos, as carrancas, os festões, os relevos, os capiteis, os frisos, as folhagens são cousa tão prodigiosa, quanto é mais de assombrar a qualidade da pedra tão rija para impressões tão delicadas. Por cima d'este vestibulo, ergue-se uma capella magnificentissima feita para uso particular dos patriarchas, tal e qual os pontifices a tem em Roma. E, posto que ainda não esteja concluida, é soberbissima pela

profusão de jaspes vermelhos, negros, brancos e outras côres que lhe dão o esmalte.»

.˙.

Este pallido bosquejo das opulencias do paço da Ribeira era escripto em 1754. No 1.º de novembro do anno seguinte, quem procurasse estas riquezas com o roteiro do incognito author por guia, encontraria um entulho, coroado de linguas de fogo, e a espaços lambido pelas vagas do Tejo. E escrevia o assombrado homem que aquelles marmores estavam alli a *apostar duração com a eternidade!*

AS CRUAS ENTRANHAS DE D. MARIA I A PIEDOSA

D. Martinho de Mascarenhas, marquez de Gouvêa, e filho do duque de Aveiro, justiçado em

1759, não tinha culpa no delicto de seu pai. Não obstante, entrou muito moço nas trevas das masmorras, e lá o retranziram frio, fomes, sêdes e terrores por espaço de dezoito annos.

Em 1777 sahiu do carcere com os outros presos. E, como não tinha de seu uma taboa — pois que a opulenta casa de Aveiro havia sido confiscada, salgada, arrazada, absorvida — foi enviado aos frades de Mafra para lá o fartarem no seu refeitorio. Os historiadores coevos não houveram noticia d'esta passagem do carcere para o mosteiro. Todos os outros fidalgos, exhumados dos ergastulos á voz de D. Maria I, tinham familia que os consolasse e restaurassem com as cariciosas lagrimas da alegria. D. Martinho de Mascarenhas não tinha ninguem! ninguem que lhe désse uma lagrima e um bocado de pão comido em liberdade! Fez como os ultimos mendigos: foi ao convento de Mafra.

Alli o encontrou o bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, quando, n'aquelle anno de 1777, sahiu tambem da masmorra de Pedrouços, e por lá passou, caminho da sua diocese; mas tão cortado de oito annos de escuridade e nudez que já em 30 de agosto de 1779 era sepultado.

Do itinerario do bispo, que tenho de letra de mão, em floreados caractéres, como brinde feito

áquelle prelado, vou extractar as linhas respectivas ao marquez de Gouvêa: [1] «...Pelas 11 horas e um quarto da noite chegou a Mafra, aonde passou o dia seguinte recebendo fraternaes obsequios da sua amada communidade. Ahi se achava o exc.mo D. Martinho Mascarenhas, marquez que é de Gouvêa, filho primogenito do infeliz duque de Aveiro. Distinguiu-se muito nos obsequios do exc.mo bispo aquelle bem instruido, amado e agradavel fidalgo, que soube tirar e trazer da sua reclusão as mais bellas qualidades de um cavalheiro christão. Deve-se a Deus a sua indole, e a um bom mestre que teve na sua prisão a educação, que o faz merecedor de toda a estima e fortuna que conseguiria na boa conservação de seu pai. Elle se chama desgraçado, e deve á sua desgraça a occasião de se fazer ainda mais benemerito pelas suas virtudes.»

N'este tempo já era morta a duqueza de Aveiro, no convento do Rato, onde servia as freiras para ganhar o seu alimento; e, por não poder comprar sapatos, andava descalça. Este supplicio era assim benigno porque se provou que ella e seu

[1] E' este o titulo do manuscripto: *Itinerario do ex.mo snr. bispo conde, restituido ao seu bispado, para o qual partiu de Lisboa no dia 11 de agosto de 1777.*

filho de todo em todo ignoravam os intuitos regicidas do duque.

O marquez de Gouvêa tinha por si a compaixão dos proprios inimigos de seu pai. Todos o animavam a pedir á rainha a restituição de alguns dos bens confiscados; e o maior jurisconsulto d'aquelle tempo, Paschoal José de Mello, encarregou-se de escrever a *Representação* a D. Maria I.

Este requerimento é um dos poucos trabalhos ineditos do eminente escriptor; e a meu vêr, como historia e como supplica eloquente, benemerito de estampar-se.

A mim me cabe o prazer de o possuir e tiral-o da indigna obscuridade.

E' como segue:

«SENHORA.

«A innocencia opprimida, digno objecto da piedade de um principe, a quem o exemplo de Deus serve de regra, se prostra diante do real throno implorando a clemencia de vossa magestade, e para mais facilmente a conseguir offerece esta humilde representação, fundada nos princi-

pios da humanidade e justiça, confirmados com uma longa serie de exemplos.

«O fim das leis consistindo em dar a cada um o que lhe toca, não alcança o juizo humano livre de illusão. Como póde sem culpa ter lugar algum castigo, nem como seria conveniente aos interesses de um monarcha justo, o desvio da imitação de Deus, privando da sua graça os innocentes? O que poderia haver para alguns de problematico n'este ponto, a lei divina o decide. Ninguem deve pagar o crime alheio por maior que seja a sua proximidade com os delinquentes, e esta verdade foi muitas vezes descoberta sem mais soccorro do que as luzes naturaes: é dito de um espirito famoso que uma cousa são leis, outra é a justiça verdadeira. E, se tambem é certo que pouco faria qualquer homem em regular o seu procedimento pelo que sómente as mesmas leis prescrevem — que pratica de virtudes se não devera esperar de um soberano para corresponder á elevação em que Deus o pôz tão distante do resto dos mortaes!? Os de maior sabedoria dados pela Providencia para a felicidade dos povos: os merecedores do nome de pai da patria, e em fim os mais felizes no governo de vastos dominios, persuadidos de que lhes venha de Deus todo o poder, e que de sua submissão ás leis divinas dependia mais que tudo a

respeitosa obediencia dos que mesmo Deus sujeitou á sua direcção, para serem tratados como filhos, acharam sempre injurioso o direito rigoroso, e o não poderam conciliar como dictames mais convenientes á magestade do throno. Os pretores antigos já foram chamados os moderadores das leis, pelas frequentes emendas do que n'ellas se permitte aos juizes, prohibido pela honra e equidade, e entre estas as que geralmente se acharam mais contrarias á recta razão e á humanidade foram aquellas em que o castigo passava além do ultimo termo da existencia dos culpados, e chegava a propagar-se até aos innocentes.

« Devendo ser as penas commensuradas aos crimes, e não havendo nenhuma proporção entre o delicto e a innocencia juntamente, pareceu estranho que, onde a calumnia não pôde inventar nada para denegrir reputações, chegassem as armas da justiça. Contra isto parece não ter cabimento nenhuma casta de pretexto. As qualidades da alma não se podem considerar hereditarias na fé do livre arbitrio: a boa ordem e o bem publico não dependem sempre da maior severidade, antes pelo contrario a experiencia em todo o tempo tem mostrado que a fortuna acompanha a clemencia, e com ella se mudaram os genios mais ferozes. E' com tudo notorio, que em algumas leis

tiveram as paixões particulares maior introducção, do que uma certa prudencia necessaria para as fazer validas no conceito de um principe christão. A famosa lei dos imperadores Honorio, e Arcadio, que impõe tão atrozes penas aos filhos dos criminosos de lesa-magestade, é derogada pelo direito divino, pelo direito natural e das gentes. Por este ultimo, porque desde que os homens principiaram a unir-se em sociedades distinctas, todas as providencias se dirigiram a preservar a innocencia das irrupções e violencias em que tinha degenerado a liberdade humana. Pelo direito natural, porque destroe o principio da rectidão que a natureza inspira a todo o ente racional, e priva a innocencia do direito que tem a impunidade, e a todos os mais actos de justiça. E pelo direito divino, porque em repetidos lugares das sagradas letras é defendida a innocencia com pena eterna. Tambem foi abolida pelo direito civil, porque os mesmos imperadores, a quem pertence, passados annos, movidos da penitencia, como dizem graves authores, reduziram todas as penas por uma nova constituição aos unicos réos dos delictos.

« D'esta lei foi deduzida a nossa ordenação, cujos termos ambiguos e a necessaria conciliação dos capitulos seguintes mostram, com bastante clareza, ser a intenção do legislador que se modere:

com effeito immediatamente a imposição das penas como perpetuas as faz transitorias, declarando não deverem ter a execução se não em quanto os que a ella sujeita não forem restituidos ao estado do seu antigo esplendor; e além d'isto a jurisprudencia julga todas as penas exorbitantes em direito simplesmente comminativas, e não executivas. Estas e outras semelhantes reflexões, que por brevidade se não expressam, moveram a religião, a justiça e piedade dos gloriosos reis que occuparam o throno portuguez a deixar na historia tantos exemplos de rebeldes executados, como de filhos impunidos; mas conservados, e restituidos á nobreza, honras, dignidades e bens de substituição: d'estes exemplos se referem os seguintes, e, por parte do innocente o infeliz marquez de Gouvêa, se offerecem á real inspecção de vossa magestade:

EXEMPLOS

«João Lourenço da Cunha foi sentenciado por crime de lesa-magestade, e confiscados os seus bens; porém o morgado de Pombeiro passou a seu filho Alvaro da Cunha, a quem foi tambem

feita a mercê do senhorio da mesma villa, possuido antes por seu pai. D'este descendem não só os condes de Pombeiro, mas a maior parte da nobreza da côrte actual; porque tres filhas suas depois da referida sentença casaram nas mais illustres casas d'este reino.

«D. Pedro de Castro, senhor do Cadaval, foi sentenciado pelo mesmo crime, e os seus bens todos confiscados; mas os morgados, e os bens da corôa passaram a seu filho primogenito D. João; cuja filha herdeira casou com D. Fernando II, duque de Bragança, de que descendem innumeraveis casas illustres, nas quaes com especialidade se inclue a de Cadaval; além d'isto a D. Fernando, filho segundo do dito delinquente, primogenito da casa de Cascaes, lhe fez depois mercê do Paul chamado do Governador, de varios senhorios de terras, e da alcaidaria-mór da Covilhã.

«O conde de Vianna, D. João Affonso Telles de Menezes, commetteu o mesmo crime, foi morto tumultuariamente pelo povo de Palmella, e foram confiscados os seus bens; mas el-rei D. João o 1.º deu depois a seu filho D. Pedro de Menezes o condado de Villa Real e capitania da cidade de Ceuta, e muitos senhorios de terras: a filha legitima d'este D. Pedro succedeu na casa de Villa Real, e D. Duarte, seu filho illegitimo, proge-

nitor de uma casa das mais illustres, conseguiu, como se sabe, depois de muitas mercês, ser conde de Vianna e alferes-mór do reino.

«D. Gonçalo Telles, conde de Neiva e Faria, alcaide-mór de Coimbra, senhor de Cantanhede, e de outras muitas terras, foi sentenciado por crime de lesa-magestade, e confiscados todos os seus bens; mas apesar d'isso possuiu a casa seu filho D. Martinho com o senhorio de Cantanhède: foi depois mordomo-mór da rainha D. Philippa, e é progenitor da illustre descendencia que ainda se conserva.

«Diogo Lopes Pacheco de que descendem as mais illustres casas, foi havido e reputado por traidor, sem que a seu filho João Fernandes Pacheco servisse isso de obstaculo para a conservação da dignidade de rico-homem, que lograva, a maior que então havia da nobreza.

«Alvaro Vaz de Almada foi sentenciado pelo mesmo crime, e confiscados os seus bens. Mas os de morgado passaram a seu filho primogenito D. João d'onde vieram a recahir na casa do conde de Valladares, e a D. Fernando, filho segundo do dito criminoso, de que descendem por varonia os Almadas do Rocio, foram dados os bens da corôa, que vagaram pelo delicto de seu pai.

«Martim Coelho foi sentenciado por crime de

lesa-magestade, e seu filho succedeu nos morgados, e da mesma fórma nos senhorios de terras possuidas por seu pai. Lopo de Azevedo foi sentenciado pelo mesmo crime; não tinha morgados, mas os senhorios de terras por elle possuidos passaram a seu filho.

«O infante D. Pedro foi julgado criminoso de lesa-magestade, porém el-rei restabeleceu seu filho em todas as honras, e dignidades antecedentes.

«O snr. D. Diogo, duque de Vizeu, foi morto, e sentenciado pelo mesmo crime, e confiscados todos os seus bens: não deixou filhos legitimos, mas um bastardo seu que por essa circumstancia de nascimento, não succedeu nos morgados, tão longe esteve d'elle prejudicar o crime de seu pai, que casou na casa de Villa Real, e lhe deram o emprego de condestavel, occupado algumas vezes pelos senhores infantes. D. Alvaro de Athayde, filho segundo da casa de Atouguia, e seu filho D. Pedro de Athayde foram sentenciados por crime de lesa-magestade, cuja sentença pela ausencia de D. Alvaro teve sómente a execução em D. Pedro que foi morto, e esquartejado em Setubal: isto não obstante passou toda a casa herdada por este ultimo de sua mãi a seu filho D. Fernando, o qual fallecendo sem successão passaram os morgados

a quem tocavam; mas os bens da corôa foram dados a D. Antonio, filho do segundo matrimonio do sobredito delinquente D. Alvaro, e este D. Antonio foi conde da Castanheira, vedor da fazenda, e grande privado de el-rei D. João III, e é por filhos e filhas avô da maior parte da nobreza d'esta côrte.

«Fernando da Silveira, escrivão da puridade de el-rei D. João II, filho primogenito do barão de Alvito, foi culpado e sentenciado pelo mesmo crime: fugiu para França aonde teve o atrevimento de escrever injuriosas cartas a el-rei, foi morto n'este reino por ordem do mesmo soberano, a quem tinha tão gravemente offendido, sendo o ministro da execução o conde de Pallas, catalão; mas não obstante tudo isso, seu filho D. João foi restabelecido, e como tal casou illustremente: foi commendador de Montalvão, governador de Ceylão, trinchante d'el-rei D. João III, e seu embaixador a França.

«D. Fernando de Menezes, terceiro filho do conde de Vianna, irmão do conde de Loulé, foi culpado e justiçado pelo mesmo crime, e confiscados os seus bens. Não consta que tivesse morgados; mas sabe-se que lhe sobreviveram seus filhos dos quaes os dous primeiros casaram illustremente e possuiram os bens da corôa que vagaram pelo delicto de seu pai. D. Diogo, segundo filho d'este

mesmo, deu principio á casa de D. José de Menezes e o terceiro filho do dito criminoso seguia a vida ecclesiastica; foi desembargador do paço, cujo emprego n'aquelle tempo era occupado por fidalgos. O conde de Penamacor foi culpado no mesmo crime, porém seu filho D. Garcia de Albuquerque foi restabelecido e teve o lugar de copeiro-mór de el-rei D. João III.

«O conde de Faro, irmão do conde de Monte-Mór foi culpado do mesmo crime de lesa-magestade, mas seu filho D. Sancho de Noronha foi restabelecido; foi conde de Odemira, senhor de muitas terras e alcaide-mór de Extremoz.

«Martim de Castro do Rio foi culpado e esquartejado por crime de lesa-magestade, porém seu filho Jorge Furtado de Mendonça foi restabelecido, casou illustremente, teve maior estimação do que antes do delicto tivera seu pai, e d'elle descenderam os viscondes de Barbacena.

«O marquez de Villa Real, seu filho o duque de Caminha, D. Agostinho Manoel, o conde de Armamar, e Fernando Telles, foram sentenciados por crime de lesa-magestade: os quatro primeiros foram degolados, e o quinto queimado em estatua: a todos se confiscaram os bens, e como só Fernando Telles tivesse filhos, a estes passaram

os morgados, e os dos outros delinquentes a quem de direito pertenciam.

«Francisco de Lucena foi julgado e justiçado por crime de lesa-magestade, da mesma fórma o senhor de Regalados, um dos Soares de Alarcão, os Mascarenhas de Montalvão, D. Raymundo, quinto duque de Aveiro, e outros foram reputados criminosos, sentenciados como taes, confiscados seus bens; alguns d'estes tinham descendentes, a quem passaram os morgados, e além d'isso conservaram a mesma estimação, e lograram as mesmas honras, que teriam se seus ascendentes permanecessem innocentes. Francisco Maldonado, e Francisco de Mendonça foram julgados por traidores, e como taes justiçados, e confiscados os seus bens; nenhum d'estes tinha filhos legitimos; mas Francisco de Mendonça deixou uma filha bastarda, que conservou a mesma estimação que teria se seu pai não commettesse o delicto; casou competentemente ao seu nascimento, com descendencia nobre de quem tomou tambem o appellido. Muitos outros factos semelhantes se omittem para não abusar da regia paciencia; só se nota não haver nenhum em contrario de pessoa de certa ordem; e é tambem de admirar que até quando por algum dos nossos monarchas foi recommendado ao seu successor que se conservas-

se inexoravel com os que deixava profundados na desgraça, nunca tiveram efficacia bastante as razões politicas d'este conselho, e triumphou contra elles a clemencia e justiça. D'ahi se seguia manifestar-se mais que nunca n'este reino a verdade importante de ser a religião o mais solido fundamento das felicidades e das glorias. Tudo n'este tempo pareceu por Deus abençoado, e d'este modo se conservou, não sómente a raça respeitavel, com que viemos a recuperar os nossos fóros nacionaes; mas concorreram tambem para a sua exaltação muitos descendentes dos proscriptos antigos tornados pelo mesmo rei afortunado ao estado venturoso.

«Estes exemplos constituem um perfeito costume, porque concorre n'elle a multiplicidade dos actos, a diuturnidade do tempo e a sciencia de principe. Se foram de justiça, não é o supplicante menos innocente, nem menos fiel e obediente ao sceptro do que aquelles em quem se não executou a lei, para que n'elle se interrompa uma tão dilatada serie nos ditos exemplos; tanto mais não lhe tendo valido até agora a opinião de muitos santos padres, de doutos juristas, canonistas e theologos, que deu occasião ás leis estabelecidas nos reinos mais policiados da Europa, dos quaes reputando-se os filhos nascidos antes dos crimes

de seus paes, livres de infecção, sómente a do peccado original são preservados de toda a pena, antes pelo contrario, tendo estado o dito supplicante expiando por excesso de rigor o crime alheio pelo tempo que se equipára á morte, por ser já de uma duplicada vida civil, e que pelas violentas circumstancias da rigorosa prisão em que padeceu, lhe teria acabado a natural, se a Providencia divina lh'a não tivesse conservado apesar dos esforços empregados para a brevidade da sua duração, —pena nunca praticada, porque nem as leis dos imperadores, nem a nossa ordenação, nem alguma outra impuzeram exorbitante castigo a semelhantes filhos innocentes.

«Se os mesmos exemplos são de graça, o supplicante prostrado diante do throno de V. M. a implora, tomando por protectores, a religião e a piedade d'um principe, que preparado de muito longe pela Providencia, com dotes proporcionados ao magestoso encargo que lhe destinava, se nos mostra possuidor em grau sublime de tantas virtudes christãs, que fazem o mais brilhante ornato da sua corôa.

«D'um principe a quem com antecipadas luzes, sendo evidente que para beneficio dos que deviam obedecer-lhe seria poderoso o seu exemplo mais do que a sua real authoridade; que por não

ter na terra tribunal que lhe fosse superior, devia exceder muito em perfeição aos homens ordinarios; e que em lugar tão eminente poderia o seu beneplacito ser a regra soberana por onde tudo fosse decidido, passou os instantes da sua preciosa vida, em um continuo exercicio do dominio das paixões e foi sempre o juiz mais severo de si mesmo. D'um principe, em fim, que com estes respeitaveis fundamentos certo de ter estabelecido o mais feliz imperio nos corações dos seus vassallos, só fará sensivel o peso immenso da sua real grandeza aos inimigos da igreja e da verdade. Não dará outro uso ao seu poder, senão para que se execute o que Deus manda; e assim como alguns, que foram a delicia dos seus povos, fará consistir a sua maior gloria em livrar da oppressão os desgraçados.

«Debaixo d'estes ditosos auspicios, d'estes augustos intercessores, espera o supplicante vêr o termo do seu abatimento, a restituição da sua liberdade, da sua honra, do seu credito e dos bens que o direito do sangue lhe conferiu pelas vocações de seus ascendentes. Esta graça humildemente pedida, será para o supplicante um novo vinculo da sua submissão. E para el-rei nosso senhor um eterno monumento da sua benigna magnanimidade.»

Esta pungente invocação á caridade da rainha, que esvasiava os repletos cofres do estado no mosteiro do Coração de Jèsus, não valeu ao desgraçado, sequer, uma esmola do real bolsinho. Braganças!... O marquez de Gouvêa viveu longos annos da caridade do seu parente conde de Obidos, e já no fim da vida recebia uma mezada que lhe dava D. João VI. D. Martinho, se bem me recordo do que li, morreu em Lisboa, em uma humilde casa, no bairro de Buenos-Ayres, por 1804.

D. MARIA CARACA BONAPARTE

Não conheci, em Lisboa, esta senhora D. Maria, bastantemente historica e benemerita de immorredoura escriptura.

Conheceu-a aquelle esclarecido arcebispo, cujos sonhos, na noite da demencia, o leitor ouviu no sublime desarranjo chamado *A catastrophe*.

Est'outro escripto, menos nevoento e cerrado das turvações do delirio, tem especies em que o

riso se trava com o compadecimento, e outras em que a compaixão d'aquelle distincto homem nos redobra o pezar de se haver perdido no vigor da idade tamanho espirito.

D. MARIA CARACA BONAPARTE, OU A BURRINHA PROTESTANTE

D. Maria Caraca teve tres estados: foi orphã, casada e viuva: seu pai morreu na guerra da Italia combatendo contra os francezes pela independencia da peninsula italiana; era natural de Milão, cantor da opera e grande enthusiasta das novas idéas da republica, que haviam volcanisado o seu cerebro até o delirio.

Quando este maestro da opera viu que a França proclamava a liberdade para tyrannisar os povos, lançou-se no partido mais hostil aos francezes da republica sanguinaria, e morreu deixando a sua morte bem vingada.

As suas idéas eram falsas e exageradas em religião e em politica; porque seguia occultamente todos os erros e absurdos de Luthero e de Calvino: o odio, que tinha ao summo pontifice era tão profundo, que o obrigava a blasphemar e pra-

guejar contra os cardeaes e contra a santa sé, contra os bispos e contra as mitras e cadeiras.

Bonaparte venceu muitos ou todos os partidos que estiveram em campo contra a França : o general da republica principiou a imperar, e a exercer a sua tyrannia nas provincias muito antes de exaltar na metropole o throno do seu fatal despotismo, como sempre acontece.

Verres na Sicilia era mais do que imperador; Cesar sempre imperou nas provincias. Se D. Affonso d'Albuquerque fosse susceptivel de ambição podia usurpar o titulo de imperador da Asia; porque o povo desejava conferir-lhe todas as attribuições do imperio.

Bonaparte no Egypto era saudado como rei do fogo; Mahomet e todos os impostores e usurpadores da sua escóla recebem a mesma baixa e servil adulação que as almas mais vis sempre se empenham em prodigalisar ao vencedor. A sciencia, e a virtude de homem grande, consiste em desprezar estas frivolas demonstrações e em saber reprimir todos os excessos do enthusiasmo, que se esvaem e perdem como o fumo.

Bonaparte passou como um cometa; a sua descendencia extinguiu-se e toda a sua parentela: existe no throno de França um homem que não tem pai nem mãi, nem alliança, nem façanhas

nem grandeza. É um homem que apenas aspira a fazer com auxilio alheio uma memoria que mereça ser approvada em uma academia.

Os protestantes urdem e tecem muitos generos de lisonja aos seus heroes; são arcos e pompas de triumpho, grinaldas, festins, e poemas, representações, e orchestras, lisonjas e desvanecimento.

Um deputado da convenção nacional disse a um seu amigo e collega, que ia para Lião em commissão sanguinaria: tu verás em Lião a minha esposa, abraça-a.

N'este tempo todos os revolucionarios levavam as suas mulheres aos horrorosos estupros do templo profanado: a mulher que servia de modêlo, e o homem que a gozava, eram escolhidos entre todos os concorrentes sem attenção ao estado nem á condição dos que eram designados.

Na Italia tributavam em quasi toda as cidades a Bonaparte a honra de o desposar com a mulher mais formosa; Bonaparte aceitava este tributo da infamia protestante, gozava e passava para outra cidade, aonde era recebido com igual torpeza.

Em Milão cahiu a nefasta sorte em Maria Caraca Bonaparte; e como era filha d'um homem morto pelo exercito francez recusou sujeitar-se

á estranha condição para que a designaram, apesar de ser tão protestante como seu pai.

Os influentes de Milão que andavam empenhados n'esta impia e baixa lisonja corromperam todos os parentes da burrinha; de sorte que cedeu de seu odio politico, e principiou a ser do conquistador.

Se Maria Caraca fosse verdadeira catholica, jámais consentiria em tão grande infamia e vileza, porque esta especie de tyrannia é mais impia e mais cruel de que era o tributo das cem virgens para o serralho e para o harem.

Uma amante ou manceba pódem nutrir uma esperança honesta, e chegam ás vezes a legitimar as suas uniões e prole; estas burrinhas são sempre a negação da moral, o escarneo do affecto, e o epigramma do amor e da sympathia. O protestantismo trata todas as mulheres como negras escravas. Despreza-as para as fazer bem vis; porque a mulher deve ser semelhante ao homem que a elege, e que a fórma e educa para sua companheira.

Os milanezes deram a um tio de Maria Caraca a espectativa de um canonicato, prometteram á sua victima dous mil cruzados de dote, e por esposo o primeiro cantor da opera de Milão.

Maria Caraca e a sua familia realisaram todas

as condições; os protestantes de Milão cumpriram as suas fielmente: o casamento verificou-se, o dote sahiu da renda da cidade, que pagou para Bonaparte ter uma desgraçada por companheira dos seus vilissimos prazeres.

Os que dispunham tão impiamente dos beneficios ecclesiasticos não podiam ter duvida em defraudar o thesouro do municipio.

Maria Caraca e seu marido seguiram o partido de Bonaparte, e na restauração dos thronos viram-se na necessidade de emigrar para Portugal: perderam patria, emprego, e até o sobrenome de Bonaparte de que usaram por muito tempo.

O marido morreu e deixou um filho e uma filha em Lisboa; o filho exerceu n'esta cidade por algum tempo com seu pai a profissão de musico: tambem morreu: eu só conheci a viuva e a filha chamada D. Thereza, as quaes moraram na rua dos Poyaes de S. Bento.

Quantas vilezas, quantas degradações, e quantas tyrannias envolve o atroz procedimento de Milão! Não ha impiedade mais provocadora, não ha infamia mais torpe, nem injuria maior feita ao mesmo tempo á igreja e ao estado, á mulher e ao esposo, ao amor e ao estado e á santidade do matrimonio.

Estas estrangeiras eram da escóla da infame

Bisardeli: conviviam com a sua amante, que foi muito tempo em Lisboa uma mulher luxuriosa e depravada, que vendia todo o fumo da perfida nunciatura d'aquelle tempo.

Eu fui conduzido em mil oitocentos e quarenta como deputado para a casa das referidas Caracas: as lojas maçonicas dispunham do meu destino traiçoeiramente para dispôr de minha vida, e vivi por mais de um anno na casa dos Poyaes de S. Bento com outros deputados, que serviam as lojas, e que me vendiam, e entregavam aos seus caprichos: por esta razão ouvi e aprendi o esboço d'esta negra historia; assim agora ouço e aprendo o seu complemento e torpissimo enredo.

A inspiração é a minha sabedoria; se em outro tempo soube alguma cousa agora declaro, que nada sei e que todas as minhas idéas são communicadas e inspiradas, do alto céo, e no seu piissimo docel.

Eu tinha trinta annos de idade, e julgava que todos os homens eram de boa fé, e amigos do seu semelhante. Bons e excellentes para a companhia e convivencia, os traidores são os mais lisonjeiros: eu tive seis companheiros de casa n'esta época: só um vive, cinco já falleceram.

Os meus inimigos, que são todos os vilissimos protestantes, fizeram as maiores diligencias para

me matar: não houve astucia, nem enredo, nem traição que não empregassem para conseguir este malevolo fim: é bem de presumir que um d'estes fosse o veneno.

A infanta e todos os usurpadores da casa de Bragança, o governo e todos os seus clientes, a maçonaria e todos os seus agentes nacionaes e estrangeiros, ora armavam contra mim o braço do cruel Mattos Lobo, ora forjavam ou fingiam revoluções e acclamações nocturnas para me surprehender no conflicto, ora lançavam sortes para me seguir de noite e para me matar nos arroios da cidade ou nas encruzilhadas: ora engajavam estrangeiros e carniceiros por grandes sommas para que me procurassem e matassem na propria casa, aonde eram recebidos pelas infames Caracas.

Um d'estes era um lanceiro, e carniceiro, que esteve na guerra do Porto, a quem deram o preço do regicidio, e o bilhete de passagem em um brigue para sahir para França logo que consummasse o attentado.

Todas estas traições e maquinações eram cumulativas, horrorosas, e tão desleaes e insidiosas, como as que se urdem ao innocente que não sabe ou não póde defender-se. Eu estava no caso da mais perfeita ignorancia porque nem sabia o que era: infelizmente a minha vida era n'este tempo

mui sujeita á fragilidade e a quedas que eu não procurava, antes tentava e não sabia evitar.

Estes monstros da tyrannia do inferno pediam e repelliam a minha eleição; porque o seu fim unico exclusivo era a minha morte; só admittiam a meu favor algumas apparencias ou disfarces com que encobriam as suas tramas e horrores: eram seducções, tyrannias, convites para lugares de traição, venenos, e armas occultas. Se viam que eu vingava como advogado em Villa Real, pediam para eu ser eleito deputado só para me atraiçoarem em Lisboa; e logo se arrependiam, e punham todos os embaraços da sua infame escóla e odiosa seita á minha eleição e elevação; se viam que eu não era morto em Lisboa desejavam que eu fosse para Coimbra aonde punham como ultima mira a cruz de meu martyrio e funeral.

Como podia livrar-me de tão infernal perseguição? Os monstros não consentiram mais na minha eleição e ainda me propozeram pelo circulo de Arganil, onde fui eleito deputado no anno de 1852, mas os infames logo se arrependeram, e cassaram ou annullaram a eleição na camara, sem me ouvir, e sem me mostrar o processo das suas infernaes tramoias.

Quem deixaria de eleger-me para todas as legislaturas depois de vêr e saber que o meu nome

era singular e unico, e que a minha representação não tinha igual em todo o mundo e redondeza?

Quando concordaram na minha eleição para suffraganeo do patriarchado entregaram a minha vida ao maldito e infernal nuncio, e ao abjecto e tredo patriarcha e ás suas seitas e partidos para se desonerarem da tarefa que os infames julgaram e declararam superior ás suas forças.

Estes monstros esgotaram toda a traição, todas as maquinações e os seus enganos, e não conseguiram o que desejavam: o perfido e abominavel ministro do anti-papa chegou a convidar todas as seitas para o espectaculo do meu envenenamento, as quaes enviaram os seus deputados e representantes para assistir a esta scena de horror que se representou na presença da diplomacia cruenta das actuaes usurpações da vergonhosa Europa e da America por duas vezes.

Só Deus omnipotente podia isentar-me de tão imminentes catastrophes. O nosso fim actual é descrever a burrinha protestante e a sua bestial condescendencia e venalidade.

Um deputado que vivia na mesma casa da viuva Caraca mandou um seu criado ao meu quarto para me offerecer uma criada da casa em que ambos viviamos; eu não sabia desviar estes

golpes, que o Senhor deixava ao meu alvedrio para o merecimento, e para que désse a devida preferencia á sua santa luz e mandamento.

O inimigo occulto era d'uma seita de usurpadores de Deus: a sua traição vingou por pouco tempo; quando me tentou com alguma pessoa da sua familia não conseguiu o que desejava; o criado fez-lhe a traição, que elle me urdiu a mim.

Os inimigos da nossa casa e dynastia recorreram a D. Thereza Caraca, e fizeram-lhe o mesmo partido, que os milanezes tinham feito á sua mãi para que me seduzisse e envenenasse.

Prometteram-lhe dinheiro, um marido, e um emprego para este, e realisaram todas estas promessas, mas eu só bebi meia taça de seu perfido veneno; na primeira occasião que tive de lucido intervallo repelli a seductora, e todas as suas seducções, e, como vi que se obstinava, sahi da casa.

O que é a verdade? esta mulher disse que estava gravida e tentou attribuir-me o seu ventre, ou isentar-se pelo aborto do seu nefando e odioso mister de calumniadora; disse-me que ia queixar-se de mim ao nuncio, ou agente occulto da junta apostolica que por este tempo estava em Lisboa, em quanto estiveram interrompidas as relações com a côrte de Roma. Eu zombei da per-

fidia e do sarcasmo d'esta mulher calumniadora e embusteira; e procurei livral-a de sua tentativa de aborto, o que felizmente consegui por dinheiro.

Esta odiosa creatura teve n'este tempo dous amantes: o primeiro era um deputado, que a seduziu para que me envenenasse, o qual morreu pouco tempo depois, e logo adoeceu tão gravemente que parecia um espectro, ou um cadaver ambulante: era um agente dos pedreiros livres.

Havia n'esta casa só duas pessoas da familia, a mãi e a filha; eu tive dous enlouquecimentos de falso amor; repelli duas tentativas da mesma perfida natureza e nojenta cavillação.

D. Thereza tocava dous instrumentos e cantava, tinha um amante para casar que a acompanhava no canto e com o violoncello: eu comprei em quanto alli estive dous pintasilgos ensinados a tirar agua com o bico, os quaes foram ambos mortos por um gato, que havia em casa.

A criada tambem teve dous amantes, um era sapateiro coxo, que a procurava e requestava para casar: ambos realisaram os seus casamentos.

A filha da viuva Caraca tinha na mesma casa um estabelecimento de capella, e inculcava-se ao respeitavel publico como modista: a mãi tinha o seu estabelecimento de hospedaria.

Eram dous estabelecimentos: a casa tinha sahida para duas ruas e duas portas para a rua dos Poyaes de S. Bento: viveram alli commigo cinco deputados, dous delegados, dous juizes do districto, dous governadores civis, dous juizes da antiga magistratura, dous Domingos dos quaes um era o atraiçoado e o enganado por todos os outros: eramos ambos deputados pelo circulo de Villa Real: os outros eram deputados por outros circulos.

Os delegados foram Domingos Vieira, e José Manoel Botelho, os juizes foram o José Maria da Chamusca e o Quesado, os governadores civis foram o dr. José Maria e João Pedro Pessanha, os juizes antigos foram o mesmo José Maria e Domingos Vieira, e não preciso dizer quem eram os Domingos, senão que eu sou já tão diverso do que era, que não pareço o mesmo. Os cinco e seis deputados formavam as cinco e seis qualidades já referidas.

Quem poderá calcular as lagrimas que tenho chorado para carpir os peccados e os erros da minha mocidade, e para os emendar com divina graça e misericordia? está-me parecendo que reunidas faziam o maior lago dos nossos passeios e jardins.

Actualmente não como carne nem peixe não

bebo vinho nem cerveja, passam-se quinze dias e tres semanas sem que prove doçura, nem chá, nem café, nem chocolate, como por medida e por peso, e não uso de carne nem de genero algum de tabaco, não passeio, nem vou aos espectaculos; prefiro andar a pé e só peço ao Senhor que se compadeça da minha alma.

A burra protestante é bem parecida com a vacca, e com o burro da seita: eu não conversava com estas em pontos ou artigos da santa fé, o seu veneno era a maior traição e os seus reconditos apenas me revelaram parte da sua historia de Milão.

Eu sempre assisti á missa mais catholica de que tinha noticia, e não suspeitava em ninguem cavillação ou perfidia tão negra e atroz, que chegasse a ostentar fé falsa da diabolica e tenebrosa consciencia: agora sei que ha muitas d'estas embrutecidas consciencias, e não duvido que as duas Caracas fossem d'este hediondo esconjuro.

Os maçons são em geral d'esta sanhuda seita do inferno; os usurpadores de Portugal pactuam com o demonio, e entregam as almas para poderem possuir as leis das santas casas do divino Salvador.

Mas estes venenosos monstros apenas gozam a presa: o direito santo e eterno foge d'elles

como foge a cerração quando nasce a aurora que vem remir o mundo.

Os mesmos inimigos recebem outro engano ou desengano semelhante quando tentam usurpar o poder da santa igreja para legitimar a sua tyrannia.

A falsa communhão dos protestantes está no estado: não póde legitimar os actos do poder usurpador e dominador.

O estado catholico está na igreja, e por isso legítima os seus poderes todas as vezes que recorre para este fim ao poder espiritual do summo pontifice. A era actual é a perfeição da disciplina.

LIXO

O snr. Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos, critico erudito e menos conhecido que merece, publicou, em Evora, um opusculo intitulado: *A imparcialidade critica do snr. Joaquim de Vasconcellos*. Allude á *Analyse critica da versão do* FAUST. A obra do critico do snr. visconde de Castilho é um livro crasso que morreu de tabardões, e jaz no *carneiro* das livrarias esperando que o dente roaz da carcôma o pulverise por modo que

as letras portuguezas se desenfezem d'aquellas escumas de ignorancia e odio.

O snr. Telles de Mattos colligiu algumas necedades graudas que denominou *vasconcellismos.*

Abre a lista, com a novidade — *declinar* verbos. Eis a passagem onde se encontra o lerdo descôco do critico de Castilho: *Nenhum doutorando dos ultimos cinco annos em Coimbra, estaria no caso de* declinar *os verbos auxiliares allemães, sem merecer palmatoada...* (pag. 26). E acrescenta o snr. Mattos: «Quando eu vi o *Sejai* e *Estejai* julguei que era erro typographico dos *germanismos* annunciados; vendo porém *declinar* verbos, percebi que o snr. Vasconcellos saberá tanto de allemão como qualquer analphabeto nascido debaixo do paternal carinho de Bismarck.»

Observa que a pag. 57 o snr. Vasconcellos inclue a Suissa na Allemanha; e acrescenta: «A Suissa pertence á Allemanha na geographia do snr. Vasconcellos; ella deve ser equiparada á sua grammatica.»

Nota que o snr. Vasconcellos escrevendo: *os manes do Olympo* (pag. 128) désse a perceber que os deuses olympicos tem manes. *Manes* tanto significam almas dos mortos como deuses infernaes. A mythologia do snr. Vasconcellos é como a geographia, e não desdiz da grammatica.

Cita, na pag. 208, o imperativo do verbo *ser*, *apud* Vasconcellos: «*Sejai* pois corajoso e apparecei como modêlo.» E a pag. 507: «*Sejai* tão infames quanto quizerdes.» E a pag. 337: «*Estejai* dentro ao golpe da sineta.» *Coup de clochette* — golpe de sineta, segundo Vasconcellos. Em portuguez, traduz-se *badalada*, ou *toque de sineta*. Desculpem esta observação os alumnos de instrucção do 3.º anno dos lyceus.

«Desço eu (diz o snr. Vasconcellos a pag. 239) sem cessar de cima para baixo.» O snr. Telles de Mattos ajunta: «Leitor, agradece a fineza: sem o pleonasmo, ficavas percebendo com certeza que se desce de baixo para cima.»

Os cães, *apud* Vasconcellos, grunhem. A pag. 273: «Tu vês um cão... elle *grunhe*.» A pag. 277: «Não grunhes, cão!» E torna: «Quer o cão... *grunhir*.» Nunca se usurpou tantas vezes a linguagem ao cevado.

Se o snr. Vasconcellos estudasse portuguez pelo *Methodo* de Monteverde, teria aprendido nas *Vozes dos animaes* do snr. Pedro Diniz como vozêam cães e porcos.

> *Muge* a vacca; *berra* o touro;
> *Grasna* a rã; *ruge* o leão;
> O gato *mia;* uiva o lobo;
> Tambem *uiva* e *ladra* o cão.

. . . .

Chia a lebre; *grasna* o pato;
Ouvem-se os porcos *grunhir;*
Libando o succo das flôres,
Costuma a abelha *zumbir,* etc.

Tambem Vasconcellos, traduzindo Gœthe, descobriu no cão um *caroço* (pag. 285). Diz-lhe o snr. Telles que *Kern* significa *pevide* ou *caroço*, quando se trata de fructos; mas, n'outras conjuncturas, é *amago*, *substancia*, etc. O snr. Vasconcellos, quando tirava os significados de *Kern*, achou *caroço*, e pespegou-o logo no cão; por isso o cão encaroçado *grunhiu* tres vezes. Podéra...

A pag. 474, escreve Vasconcellos: *ouvir por um oculo*. Eu esta phrase não a estranho. Mais me espantára, se elle dissesse: *vêr por uma corneta acustica*.

Dá-nos Vasconcellos a pag. 503 Tantalo *enterrado até ao queixo na agua*. Póde uma pessoa estar *enterrada* na agua, e estar *submergida* na terra. Tambem não estranho isto; mais me assombra a coragem da ignorancia, se é que não ha um fado irresistivel e tolo que nasceu comnosco, ou *com nós nasceu*, como diz Joaquim de Vasconcellos a pag. 339.

BIBLIOGRAPHIA

Escriptos humoristicos em prosa e verso do fallecido José de Sousa Bandeira, *precedidos da biographia e retrato do author. Porto, 1874.* — O berço da liberdade em Portugal foi embalado com as trovas politicas do redactor do *Azemel* e do *Artilheiro*. Bandeira é o patriarcha da facecia jornalistica entre nós. A sua graça era da velha escóla de José Daniel e de José Agostinho de Macedo. Não pespontava de delicadeza: ia direita aos beiços do leitor e abria-lh'os forçosamente em casquinadas de riso. Hoje em dia, o riso é mais preguiçoso, quando folheamos estas paginas do livro escripto ha 38 annos. São cinzas, e cinzas esquecidas os estadistas que José de Sousa Bandeira motejou no tumultuoso palco politico de aquelle tempo; todavia, a historia não prescindirá de consultar os *Annaes da imprensa da liberdade restaurada*, quando houver de assentar de vez os vultos dos grandes obreiros do governo representativo; e, entre todos os archivistas das luctas d'esses dias, José de Sousa Bandeira foi o mais independente e afouto. Custodio José Viei-

ra, talento insigne e apreciador inflexivel dos homens e das cousas, escreveu a biographia do jornalista com quem muitas vezes pleiteou na sua juventude de publicista. É um lavor incompleto, dado que na vida de Sousa Bandeira lhe não esquecessem os lances capitaes. É incompleto, por que as 83 paginas escriptas deviam prolongar-se até completar a historia e o proseguimento da restauração dos direitos civicos em Portugal. Custodio Vieira revela-se, n'este eloquente escripto, historiador severo. No estylo, usa as concisões de D. Francisco Manoel de Mello, e o atticismo dos historiographos que melhormente exemplificaram a arte de narrar. Se elle um dia podér furtar-se aos braços da sua amada e amantissima jurisprudencia (que amores!) póde ser que a historia se preze de brindar os portuguezes com os fastos da sua emancipação.

.˙.

No Minho, por D. ANTONIO DA COSTA. *Lisboa, 1874.* —Apenas publicado, divulgou-se o gracioso livro de D. Antonio da Costa, escriptor provado em ramos de variada litteratura. Os *Tres mundos* foi obra que affirmou os distinctos dotes revelados nos livros anteriores. Este do *Minho* é

o repousar suave de circumspectas canceiras, que asseveram meditação, estudo, espirito reflexivo e capacidade para tentativas avessas do indolente genio portuguez. Escrever 310 paginas ácerca d'estas moutas verdejantes do Minho, sem enfastiar, é condão de quem sabe quebrar com as diversões da arte a monotonia da natureza. E, depois, jornadear por estradas reaes, pernoitar por estalagens urbanas — em que não ha vislumbre de urbanidade, nem sequer misericordia — passar uma noite em Braga, é sentir-se a mais robusta e inventiva alma encodear de uma crusta de estupidez que nos faz pensar que temos no peito uma tartaruga sôrna. Braga, a scintillante esmeralda d'esta manilha de pedras finas que D. Affonso Henriques tirou do pujante braço de Hespanha, Braga sería a querida dos forasteiros de todo o mundo, se as camas das suas hospedarias não fossem alfobres de insectos *apteros* com seis patas, e *hemipteros* com azas, segundo Cuvier. Sei que no Indostão ha hospicios em que as pulgas são pensionadas e medicadas nas suas enfermidades. Sei que os indostanicos respeitam o dogma da metempsychose, e se deixam sugar devotamente por ellas; mas nem Braga é Aurengabad, nem eu sou da raça mahratta, nem tenho razões bem assentes para desconfiar que o espirito de

minha avó se compraz em me morder no hotel Real de Braga.

Não encontro memoria d'este martyrio no livro do snr. D. Antonio da Costa. Attribuo a omissão á delicadeza do martyr. Ha tormentos tão sujos que o relatal-os em gemidos é indecencia consignada no *Compendio de civilidade* do snr. João Felix. Se bem me lembro, Boileau cantou a pulga em magnificos alexandrinos; hoje em dia; nem á pedestre prosa se consente rolar uma lagrima sobre a cutis sevandijada por estes e outros carnivoros creados em um dos sete dias genesiacos... para satisfação e proveito do homem.

O meu amigo D. Antonio da Costa, convisinhando do snr. Manoel dos Malhos, que roncava impenetravel ás harpias do hotel, chorou copiosamente no capitulo intitulado: *Uma insomnia.* Quem sabe se, n'aquella noite, as luras epidermicas da casca de Manoel dos Malhos attrahiram as hordas a desenxovarem n'ellas as suas larvas e nymphas? Eu, n'aquellas estalagens, encontro sempre dous Manoeis dos Malhos, um de cada lado, e os outros bichos no meio.

Formal e substancialmente são admiraveis os capitulos d'este livro, intitulados *O Bom Jesus do Monte*, *Um castello feudal em 1873*, *A mulher do Minho*, e a *Ultima impressão*. N'estas paginas que

fecham o livro reluzem os entranhados desvelos com que o snr. D. Antonio da Costa, ha tantos annos, afaga as criancinhas carecidas da segunda alma da educação. Este capitulo é um obelisco de gratidão publica e amoravel a perpetuar a memoria de D. Maria Francisca dos Santos Araujo, abastada senhora de Leça que fez do seu ouro um quinto evangelho de propaganda caritativa. «Ah, senhora! — escreve o eloquente enthusiasmo do obreiro da instrucção — devem de ser formosos os vossos momentos, quando na escóla que edificastes vos achardes rodeada das meninas que se estão educando no vosso bafo, e não menos quando sahindo d'alli festejada por elias, ao passardes pelas ruas de Leça, chegarem ás portas todas aquellas mães com as filhinhas mais pequenas ao collo, e fordes vendo todas essas mães apontarem para vós, dizendo alvoroçadas para as crianças: *É aquella!*»

O livro *No Minho* está julgado por 1:500 leitores que o já possuem; e, todavia, annunciouse a excellente obra nos primeiros dias de julho. Não são triviaes estes triumphos em Portugal, repetidos com as mais notaveis producções do benemerito escriptor. Aquelle grave e philosophico livro dos *Tres mundos*, relido com intelligente ardor e creio que já reimpresso, attesta que renasce

n'este paiz o afan do estudo, e o gosto da instrucção solida. Deviamos vir a isto, depois do cataclysmo de palavrorio e marmanjarias com que uns sycambros andaram por ahi a querer derrancar a mocidade. Não póde o illustre escriptor frizar de todo a sua indole peculiar ao genero escoteiro — digamol-o assim — d'estas cousas levissimas e quasi futeis que se escrevem em jornadas de fronteiras a dentro. O modêlo, que Almeida Garrett imitou dos francezes, é um estorvo que desanima. O romance, interposto na viagem, era em 1840 um dôce engodo, e foi grande parte na prosperidade do livro. Estavamos ainda no periodo romantico. A menina dos rouxinoes devia ser contemporanea dos bardos que se inspiravam das proprias cabelleiras á Saint-Simon. Os rapazes d'aquelle cyclo acreditavam em Garrett, e andavam saturados do amor dos Espronceda e Musset.

Hoje, não. O livro do snr. D. Antonio da Costa é, a intervallos, condimentado das grandes questões do dia, da vitalidade regeneratriz que estúa no pulso de todas as forças. Se parte dos leitores o desejam mais futil, ha de haver muito quem assim o estime em dobro. Eu, de mim, achei n'estas trezentas paginas o sorriso alegre, a meditação melancolica, o rebate saudoso de perdidos contentamentos, o estimulo a considerações

de porvindouros beneficios a filhos e netos — consolação unica, mas santa, que a Providencia dá aos que não esperam nada da vida presente.

.˙.

Phantasias e escriptores contemporaneos, pelo VISCONDE DE BENALCANFÔR. *Porto, 1874.* — Ricardo Guimarães, com o camartello do folhetim, derruiu o carroção, no Porto, ha vinte annos. O carroção tinha, por aquelle tempo, dous seculos de moda. Fôra inventado na rua das Cangostas para uso de uma familia obesa, formada de quinze pessoas adiposas. Esta familia derreteu-se no estio de 1650; mas o carroção ficou.

No lapso de duzentos annos, o carroção, parado no largo da Batalha, com a lança vermelha atravessada nas sôgas dos ramalhudos bois, viu passar e desapparecer todos os vehiculos adelgaçados pelo cepilho do progresso. O carroção escancarou as goelas, e riu da americana, da victoria, do phaetont, do landeau, da caleche, do dog-cart, da tipoia, do coupé, do tilburi, do daumont, do brougham, do mail-coach, do poncy-chaise, do groom, do break. Ricardo Guimarães, fundibulario da hoste moderna, carregou a

funda de estylo, remessou-a ao Golias de couro; e o gigante, arrastado pelos bois que mugiam saudosos da palha-milha que comiam á porta do theatro lyrico, dispersou os membros por Barcellos, Famalicão e regiões visinhas. O milagre não fôra obra de um homem nem de uma geração de espiritos finos. Fôra o estylo de Ricardo Guimarães — o estylo que é a dynamisação de todas as forças, desde a polvora até á dynamite, desde a alçaprema de Archimedes até á machina de Papin.

Era uma delicia o escrever d'este rapaz, e outra delicia o modo como entornava no papel os brilhantes paradoxos, as hyperboles ridentes, as metaphoras originalissimas. Era meu companheiro de hotel (que hotel, ó Ricardo!) em 1855. Escrevia artigos politicos de madrugada, na cama, entre meio dia e uma hora, do seguinte feitio: tinteiro e papel no sobrado; elle adaptava-se horisontalmente ao colchão, na postura de quem espreita a profundidade de uma cisterna, descia o braço direito até ao pavimento, e escrevia lá em baixo. Assim tratava Ricardo Guimarães, de bôrco, a politica do *Nacional*, no soalho, como quem deita migalhas a uma pêga.

Depois, um dia, enfardelou os fraques e os vernizes, os retratos de algumas mulheres formosas e os economistas mais avançados, desdobrou

as azas da sua arrojada phantasia, deu um sorriso aos seus amigos, e... adeus! D'ahi a pouco, deputado, esposo, pai. Fez-se um silencio de annos na sua voga de escriptor. Os seus camaradas, que haviam afivelado com elle a espora de cana em algaras litterarias, trajaram luto quando se convenceram que o *visconde de Benalcanfôr* era o epitaphio de *Ricardo Guimarães*.

Eil-o que resurge com as feições mais accentuadas, o sorriso menos expansivo e mais hervado de ironia, a graça mais palaciana, a satyra com oculos verdes para que a não acoimem de estouvada, e as antigas imagens de sua invenção com decote que não deixe vêr a curva da espadua.

D'esta reforma, salvou o visconde de Benalcanfôr as facetas resplandecentes do estylo, deveras portuguez na palavra, francez no boleio da phrase — ligação que é uma formosura, quando o escriptor tem a consciencia d'essa difficultosa amalgama.

Tem o visconde publicado os melhores livros que possuimos ácerca de viagens. Este das *Phantasias* seria aquelle que eu mais encarecesse em quilates de graça e critica, se me não visse ahi tão amigavelmente indulgenciado em onze paginas. Ponderei, gravemente, meu caro Ricardo, n'este livro o teu capitulo, intitulado ELOGIO MU-

TUO. Tu, com certeza, antes queres de mim uma reminiscencia da juventude, que os tardios e quasi inuteis gabos feitos ao teu assignalado talento.

.˙.

BERNARDINO PINHEIRO. *Amores d'um visionario, romance historico original do seculo* XVI. *2 tom. Lisboa, 1874.* —Se a linguagem das civilisações adiantadas e os pensamentos de perfectibilidade humana podessem pensar-se e exprimir-se no seculo XVI, este romance do snr. Bernardino Pinheiro corresponderia, cabalmente, á qualificação de *historico.* A illusão desfaz-se a cada pagina, sempre que os personagens entendem na questão do progredir social. Que Antonio de Gouvêa, o heroe do livro, depois de ouvir, na Europa litteraria e convulsa de reformas, as theorias dos adversarios do papa e do dogma, propagasse idéas e palavras novas em Portugal, é possivel; mas que a freira do Salvador, e D. Margarida de Lencastre, e a escrava liberta discreteassem tão eloquentes e progressistas ácerca dos direitos do homem, da emancipação do escravo, da liberdade do pensamento, repugna aceital-o a razão, posto que de bom animo nos affeiçoemos á vehemencia e esplendor d'essas phrases intempestivas.

Mulheres illustradas, se as houve em Portugal no seculo XVI, são umas que o snr. Pinheiro nos mostra em um dos admiraveis capitulos do seu livro. As paginas descriptivas de *Uma academia feminina do seculo* XVI quadrariam em livro da mais selecta historia do reinado de D. João III. Alli estão as Sigéas, que não gozam fama de pudentissimas escriptoras, se um poema erotico as não calumnía. Pois, n'esses completos moldes que o snr. Pinheiro nos deu da sciencia feminil, está o maximo, o ultimo estadio do alcance intellectual da mulher. Soror Maria, a monja que, de escrupulosa, não ousava erguer o véo a sós com o amante, revelou incapacidade para discorrer tão liberrima, na carta a Gouvêa, ácerca das regalias do coração. Escrevendo ácerca de uma visionaria, diz a freira ao seu amado: «Os espiritos convictos são logicos. O fanatismo tem as suas leis fataes — e, por vezes, posto que raras, felizes...» E acrescenta com intelligente ironia: «Que enormissimos criminosos que nós somos: — amamo-nos, e acreditamos no evangelho puro!... Quando serão no mundo livres o pensamento e o amor?!»

A freira em 1548, podia delinquir porque era mulher; mas não saberia desculpar o seu delicto com argumentos d'aquella natureza. E soror Maria, se tivesse no corpo o demonio incubo da

philosophia, quando abriu a porta da cerca monastica ao amante, sahiria por ella, em vez de, colhida em flagrantes amorios, pedir misericordia á mestra de noviças. Teria feito o que fez depois, independente de luzes que lhe mostrassem a nullidade e tyrannia dos votos de reclusão, castidade e pobreza.

Esta macula é resgatada por nitidissimas paginas que manifestam o historiador avantajandose ao romancista. O capitulo XVIII (*Illustrações em Coimbra*) é labor bastante a graduar um espirito culto na convivencia dos varões insignes do seculo XVI. A disposição do grupo é magnifica. Alli se admiram os luzeiros que chammejaram á volta da alma negra de João III e não vingaram esclarecel-a.

O quadro do auto de fé em que Antonio de Gouvêa é salvo da fogueira pela cohorte dos escravos, é tão vigorosamente desenhado quanto inverosimil. Os frades de S. Domingos não se deixavam embair por tretas nem sancadilhas á sua credulidade, quando queimavam herejes da laia de Gouvêa. Não obstante, esse trance, pelas commoções que produz, dispensa-se dos realces da naturalidade.

Em summa, *Os amores d'um visionario* é um livro que merece graduar-se entre os bons ro-

mances portuguezes, tanto pelos predicamentos da imaginação, como pelo subsidio de historia que presta ás pessoas desaffectas a demorados estudos.

POBREZA ACADEMICA

O secretario da academia real das sciencias de Lisboa, José Bonifacio de Andrade e Silva, escreveu a monsenhor Ferreira Gordo, pedindo-lhe um donativo para ajuda de se pagar o busto do duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, que a mesma academia desejava collocar em uma das suas salas. O sabio monsenhor respondeu com circumspecção e graça por meio da seguinte carta, que está inedita:

«Poderá v. s.ª certificar em meu nome á academia, que eu estou disposto a concorrer com o contingente, que me couber, guardada a proporção arithmetica, para o monumento, que pretende dedicar á memoria sempre saudosa do seu illustre fundador, e que apro-

veitarei de bom grado todas as occasiões, em que possa dar-lhe mostras do meu reconhecimento pelo muito, de que lhe fui devedor. Mas não se achando todos os socios n'este empenho, e fallecendo á maior parte d'elles meios, para fazer donativos d'esta natureza, parece-me que a academia teria resolvido com mais prudencia, e circumspecção decretando que a despeza do dito monumento sahisse inteiramente dos seus fundos. Que póde doar sem detrimento seu um religioso, não sendo commissario da Terra Santa, prior geral dos conegos regrantes de Santo Agostinho, abbade geral do mosteiro de Alcobaça, ou ministro provincial dos menores observantes de qualquer das duas provincias de Portugal e Algarves? Que rendimento tem um professor regio de humanidades, um lente da universidade, um ministro, e qualquer outro funccionario publico, que na fallencia de bens patrimoniaes, lhe não seja indispensavel para sua mantença? Dirá alguem que a academia roga, e não manda, e isto é verdade; mas como ninguem quer o fôro de pobre, nem ser marcado com a nota de pouco officioso, esta rogativa virá a ser para a maior parte dos socios, o effeito de um rigoroso mandamento. De mais se a academia é real, se todos os seus trabalhos se dirigem a fazer prosperar, e florecer os estados de quem lhe deu este titulo, e a subsistencia, e se até agora tem gozado a singular prerogativa de ser presidida por uma personagem de sangue real, acho muito improprio, que a despeito de tudo isto, se lhe queiram dar os attributos de uma

irmandade religiosa, fazendo dependente da caridade de seus irmãos, e não do seu patrimonio, qualquer despeza extraordinaria, que emprehender. Perdôe v. s.ª como secretario a liberdade, que tomei, que como meu amigo que é, tenho certeza me desculpará, se o que acabo de escrever se encontrar com o seu parecer, que muito respeito.»

Os academicos de hoje são outra casta de gente, quanto a pelintraría. Se não fazem bustos, é porque ainda estão vivos todos os sujeitos que hão de resuscitar no marmore e no alabastro. Aquelles salões desertos hão de ser povoados de estatuas, quando as cangas de sabios que hoje lavram os baldios da sciencia, se foram a pascer nos almargens da immortalidade. Medita a geração nova no modo de os entrajar, pois que a funeral casaca destóa das arrojadas manias e sabenças de cada sujeito. Creio que deveremos apparecer, nós, os academicos, cada qual com seu caranguejo symbolico na mão operosa. O mocho, a ave de Minerva, apenas cabe de direito ao snr. João Felix Pereira, o pervigil diurno e nocturno.

SOBRE ANSELMO

Usam dizer algumas pessoas assalteadas por bandidos da imprensa: «Não respondo, porque o insultador é canalha.» Isto é um desacerto. Não ha canalha irrespondivel. Todo o infame que calumnía representa uma parcella da opinião publica. E essa parcella, malevola ou enganada, crê esmagar o calumniado quando o interprete de seus odios ou preconceitos tem no espinhaço a couraça repulsiva do escaravêlho, invulneravel aos bicos da penna e aos loros do látego.

Anselmo é um como isso. E, todavia, eu respondo a um grupo de sujeitos representados na imprensa por Anselmo. Separal-o individualmente, e atagantal-o, isso é que de modo nenhum. O

sapo esguicha um pus fetido quando lhe verberam as pustulas do couro. Não se bate em homens d'esta laia, desde que o pelourinho e o açoute foram expungidos da lei.

Convém saber que Anselmo não escreve: assigna. Theophilo Joaquim Fernandes é o tubo intestinal por onde Anselmo estrava a alma excrementicia; ao mesmo tempo que Anselmo é a testa polida (não é tartaruga: finge) em que Joaquim escreve as suas protervias a carvão. Theophilo, o ignorante que eu abafei com a critica risonha, sem lhe impôr alçada ás devassidões notorias, resfolga nas iras do outro. É a vingança negra do mais safado caracter que ainda sahiu desembolado ao curro das letras.

No impresso assignado por Anselmo de Moraes encontrei duas aleivosias que me doeram por estar conspurcado n'ellas o nome serio do snr. José Gomes Monteiro, invocado como authoridade no meu descredito. São as seguintes:

«Da cadêa começou Camillo a abrir brecha para a rapina na casa Moré, mandando ahi mostrar um romance de descompostura ao dignissimo procurador regio, que não lhe tolerou certas obscenidades no carcere; o amigo do procurador regio, gerente da dita casa, teve de pagar o romance para poupar um desgos-

to ao magistrado respeitavel. Ainda não ha muito tempo que o snr. José Gomes Monteiro se refugiou no nosso escriptorio para evitar o encontro de Camillo na loja Moré, que ia alli armar uma *escroquerie,* com o fim, dizia elle, de pagar uma decima...

«Ultimamente comprometteu a sorte de Vieira de Castro com a sua defeza; explorou a desgraça do amigo com o drama o *Condemnado,* que vendeu a dous individuos.»

Pedi ao snr. José Gomes Monteiro, antigo gerente da casa Moré, e editor do *Condemnado,* que se dignasse ajudar-me a interpretar estas deshonrosas referencias a um romance que s. exc.ª me pagára para não ser publicado, a uma fuga de s. exc.ª no escriptorio de Anselmo para se furtar a uma *escroquerie;* e finalmente á dupla venda do drama *O Condemnado* a s. exc.ª e a outro simultaneamente.

O snr. José Gomes Monteiro, na volta do correio, respondeu d'esta fórma:

Snr. Camillo Castello Branco.

Meu amigo.

Acabo de receber a carta de v. datada de hontem, incluindo o impresso que Anselmo de Moraes fez aqui circular. Apresso-me em responder-lhe.

O primeiro periodo marcado por v. allude ás *Me-*

morias do Carcere cuja editação v. me veio propôr em seguida á do *Amor de Perdição*. Ajustamos a publicação d'essa obra antes de eu ter lido o original, que só no dia seguinte me foi entregue. Li então o manuscripto aonde encontrei algumas expressões que me pareceram offensivas da reconhecida probidade do conselheiro Camillo Aureliano da Silva e Sousa, então procurador regio junto á Relação do Porto. Por este motivo tive de devolver o original a v. rogando-lhe houvesse por nulla a nossa convenção, por isso que eu não podia ser editor de um livro em que de certo por erradas informações, era maltratado um amigo meu, que eu tinha na conta de magistrado integerrimo e de honradissimo cavalheiro. V. veio immediatamente procurar-me e aceitando o meu testemunho como a expressão da pura verdade, confessou ter sido mal informado ácerca da immaculada probidade do meu amigo. Voltou o manuscripto devidamente reformado e v. não se limitando a expungir as phrases que eu havia condemnado, fez generosamente justiça ao honrado magistrado. Publicou-se o livro e elle mesmo dará testemunho da inexactidão do que se affirma no citado impresso, de que eu me vira obrigado a pagar um romance escripto por v. contra o meu amigo para lhe poupar um desgosto.

Confesso não ter guardado rigorosa reserva sobre este incidente, do que sinceramente me peza, visto que a minha indiscrição deu lugar a que os factos fossem desfigurados em desabono de v.

V. não precisa de certo que eu o justifique, nem me justifique a mim de me haver um dia refugiado no escriptorio do signatario do impresso para me subtrahir a um pedido de v. Declaro com toda a ingenuidade não me recordar d'esse grave capitulo de accusação dirigido não sei se a mim se a v. O que afoutamente posso asseverar é que nas muitas transacções commerciaes que temos tido encontrei sempre em v. a maior franqueza e inexcedivel probidade. Não é por isso verdade que v. depois de me haver vendido a propriedade do drama *O Condemnado* o tivesse subrepticiamente vendido tambem a outra casa editora. E' verdade que d'este drama se veio a fazer no Rio de Janeiro uma contrafacção, mas tenho completa certeza de que v. fôra inteiramente alheio a esta fraude, que a falta de um tratado com o Brazil infelizmente authorisa.

V. fica authorisado a fazer d'esta minha carta o uso que lhe convier.

Sou como sempre

De v. etc.

Porto, 25 de julho
de 1874.

José Gomes Monteiro.

Apraz-me grandemente o publico testemunho d'esta carta, no momento em que as minhas relações sociaes e commerciaes com o snr. José Gomes Monteiro se desatam. Eu não poderia, sem impostôra inutilidade, fingir-me amigo de s. exc.ª desde que do contexto da sua carta se deprehende que o snr. Gomes Monteiro não se recorda bem se fugiu de mim para o escriptorio de Anselmo. Figura-se-me mais consentaneo ao honesto caracter do snr. Gomes Monteiro negar-se pela palavra a um favor pedido, e não pelo escondrijo no escriptorio de Anselmo a quem, pelos modos, s. exc.ª não disse *que nas muitas transacções commerciaes que tivera commigo encontrára sempre a maior franqueza e inexcedivel probidade.*

Tirante esta feição mais attendivel do impresso, o remanescente é indiscutivel nos prelos e nos tribunaes. Tenho vergonha das infamias alheias, e respeito os nomes das pessoas que ahi se ultrajam.

No entanto, não me esquivo a tocar dous episodios da minha biographia, que lá vem contados:

Que eu guardára cabras em Villa Real.

Quer o leitor saber onde Theophilo foi esquadrinhar este indecoroso lance da minha vida? Em um livro meu, chamado DUAS HORAS DE LEI-

TURA, escripto ha 20 annos. Sou eu que, em uma carta ao meu fallecido amigo José Barbosa e Silva, conto assim o caso das cabras:

« Aos meus dez annos, levantou-se uma tempestade no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pai á sepultura; outra atirou commigo de Lisboa, minha patria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não merece chronica a outra: arrebatou-me um esperançoso patrimonio. Foi bem pregada a peça, para que eu não tivesse a impudencia de nascer, a despeito da moral juridica, filho natural de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da snr.ª D. Maria I me desherdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do peccado. Denominava-se a *piedosa,* pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou o *piedoso*... Fui educado n'uma aldêa, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão de um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita cousa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugia de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes... O meu gosto era (*hic,* cabras) pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me cousas que eu não percebia ácerca da minha dignidade, reprehendia os

meus baixos instinctos, attrahia ao seu voto o marido e o padre, e cortava-me o rasteiro vôo, escondendo de mim a clavina, o polvorinho, os salpicões, a brôa, e a cabacinha da aguardente. Não obstante, eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros.»

.·.

A respeito de cabras, não ha mais nada nos archivos impressos, que eu deva transmittir á posteridade.

Ai! meu saudoso rebanho! Provavelmente, d'este lidar com cabras é que me ficou o sestro e coragem de aparar as marradas de CABRÕES, como Anselmo.

N'essa mesma carta a Barbosa e Silva, conto eu que ajudava diariamente á missa a cinco sacerdotes. O sarrafaçal deixou escapar o ensejo de dizer ao publico que eu tambem fui sacristão.

E a historia da filha do taberneiro, que me deu um fato novo e uma moeda para eu lhe casar com a filha; e vai eu pego a fugir com o fato e a moeda e deixo a rapariguinha perdida!

Desbragada porcaria!

Ó meus amigos de Villa Real, ou lá d'onde se passou o caso infando! Procurai a miseranda menina; e, se a topardes n'alguma gafaría — derradeira paragem da espiral das perdidas — trazei-a a casa d'este Anselmo para lhe agradecer o pregão que a vinga, e para lá se rehabilitar, vendo-se honesta em contacto com certo exemplo femeal de podridão d'alma e corpo.

.·.

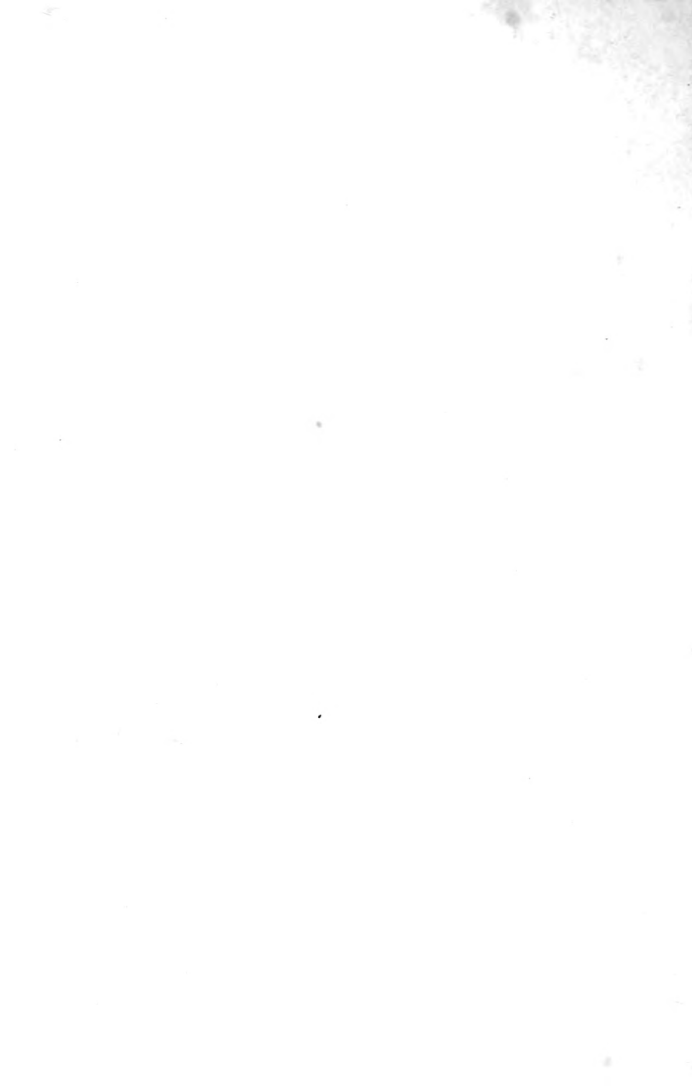
Despedi-me, ha dias, de assignante da *Actualidade.* Estou arrependido. Devemos todos contribuir com alguns cobres para que Anselmo de Moraes não seja forçado pela necessidade a *picar-nos* (giria d'elle) o paletó no cunhal da viella da Neta. Em quanto aquelle archi-pulha tiver gazeta, o seu pão, embora deshonrado, garante-nos do assalto nocturno. Não lhe leio mais o jornal; mas dou-lhe a esmola dos 240 reis mensaes. Mande-os receber em quanto a espinha em via de amollecimento me consentir subscrever com seis patacos, a fim de que elle me não liquide a cadêa do relogio.

E' verdade: affirma o impudentissimo calo-

teiro que tem lá uns titulos do saldo de nossas contas.

A fim de que esses documentos appareçam, offereço o seguinte e perpetuo supplemento a todos os numeros da *Actualidade:*

ANSELMO DE MORAES É RADICALMENTE LADRÃO, COM UM CORTEJO DE TORPEZAS ESPECIAES E RARAS NOS LADRÕES MAIS DESPEJADOS.

AO PUBLICO

AO PUBLICO

Distribuiu-se ahi ha dias com generosa profusão um libello famoso por motivos a que sou completamente estranho, mas em que nem por isso quizeram que eu deixasse de figurar.

Indignou por ahi a todos a alludida publicação, sem exceptuar os proprios amigos ou parciaes do signatario d'ella, o snr. Anselmo

de Moraes. Dou-me com isso por bem vingado das malevolas intenções que me apontaram ás iras atravessadas do insultador enraivecido. Não ha desforço pessoal que valha tanto, e, ainda que o houvesse, não seria eu que o tirasse. A dignidade nem sempre manda procurar o aggressor, antes ás vezes exige que se evite.

O meu fim é, pois, sómente esclarecer o publico, a quem respeito, como devo, e de quem quero continuar a merecer bom conceito, ácerca da perfida insinuação com que se intentou manchar a minha probidade commercial, que só d'isto posso aqui fallar sem offensa da moral publica. Obrigou-me aquella insinuação a dirigir-me ao exc.^mo^ snr. José Gomes Monteiro, que, como homem de bem, se dignou dar-me o testemunho que se segue:

Snr.

Respondendo restrictamente á carta que de V. acabo de receber, cumpre-me declarar, como o exige o meu caracter, que durante o tempo que sob a minha direcção V. serviu a casa da snr.ª viuva Moré, nunca d'ella subtrahiu cousa alguma ou quantia e prestou regularmente as suas contas.

De V.

Porto 28, 7, 74.

attento venerador

José Gomes Monteiro.

Depois d'isto seria de mais tudo quanto eu podesse dizer. Fica o publico habilitado para fazer o seu juizo.

Ernesto Chardron.

FIM DO 8.º NUMERO

EMENDAS AO N.º 7

Pag. 47, lin. 15: quer-me *parece,* emende: quer-me *parecer.*
Pag. 95, lin. 10: *king-charles,* emende: *king's-charles.*

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

OFFERECIDAS

A QUEM NÃO PÓDE DORMIR

POR

Camillo Castello Branco

PUBLICAÇÃO MENSAL

N.º 9 — SETEMBRO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

1874

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

SUMMARIO

Os salões, prefacio, pelo exc.mo snr. visconde de Ouguella — Condemnação de corpo e alma — O doutor Botija — O palco portuguez em 1815 — Bibliographia (Senna Freitas, Cunha Vianna, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos) — Que segredos são estes?

OS SALÕES

Os capitulos, assim intitulados e publicados n'estes livrinhos, vão ser reproduzidos em volume com outros, complementares da obra. Teremos, pois, um livro de mão primorosa, de extenso folego, portuguez na fórma, bem que estranho á indole nacional. Entre portuguezes, os estudos sociaes, profundos e largos, não se ajustam á irrequieta vertigem dos que navegam de costeagem com o baixel da politica.

Aqui proeja-se ao descançado porto das situações gananciosas, e deixa-se ao acaso resolver os problemas.

O snr. visconde de Ouguella revelou-se n'este severo estudo um espirito de grande alcance, e discipulo dos que melhormente professam a sciencia historica. Se algumas vezes a sua penna roça asperrima na crusta das ulceras que lhe fazem nauseas, resgata-se briosamente avoando ás regiões altas, no rasto luminoso das augustas verdades.

O livro, que ha de ser a affirmação da

honrada consciencia que nunca, desde a primeira mocidade, apostatou da religião do berço, é dedicado a uma formosa criança, Ramiro Soares de Oliveira da Silva Coutinho, filho do snr. visconde de Ouguella.

São maviosas de affecto paternal e de nobre civismo estas expressões que o pai dirige á alma que se está formando entre as caricias de uma familia virtuosa: *É incentivo, estimulo e lição, para seguir, como luzeiro e farol do seu futuro, as nobilissimas tradições liberaes, legadas por seu avô, e meu presadissimo pai, Ricardo Sylles Coutinho. Seja este tambem o testemunho do meu acrisolado amor filial.*

O prefacio que precede os *Salões* é igual a elles na elevação e rigidez da idéa, no donaire e esplendor da linguagem; mas avantaja-se ao restante como prognostico dos brilhantes capitulos que hão de proceder de tão desprendido e intransigente programma.

São raros em Portugal os escriptores que, á imitação do visconde de Ouguella, podem enlaçar a independencia com o talento, e esculpir no frontal do templo, onde os vendilhões armam tenda de bufarinheiros a legenda, que lhe compete.

Eis o prefacio:

AO LEITOR

> La pensée est pouvoir.
> Tout pouvoir est devoir.
>
> VICTOR HUGO.

Este livro tem uma missão, e tem um fim.

Escripto para o povo, a sua missão é levar a luz ás ultimas camadas sociaes. Diffundil-a no tugurio do operario, e na choupana humilde do aldeão.

Inspirado nas mais sinceras crenças da democracia, aceita, como fim, arrancar ás garras d'esse immenso desalento e d'essa torpe corrupção — que por ahi vai gangrenando as sociedades — os generosos espiritos populares, para que as almas se não gelem, e os corações — que vivem de nobres aspirações — se não atrophiem, n'este completo desmoronamento de todas as instituições existentes.

O author d'este livro não tem pretenções, nem vaidades, nem receios. Não se julga apostolo, nem propheta, nem vidente. O mais obscuro dos obreiros d'este seculo — como é, e quer ser — escuta, attento, o ruido que vai lá fóra, nos paizes onde a idéa tem um culto, onde as crenças consubstanciam religiões, on-

*

de as sociedades se debatem na agonia de organisações politicas, sociaes e religiosas, que tendem a desapparecer; e pelo facto de existir, e de se considerar obrigado ás luctas da existencia, giza o terreno em que combate, sem orgulho, sem odios, e sem rancores pessoaes.

Volta-se para os seus irmãos no trabalho, operarios tambem — qualquer que seja a fórma por que exercem a s uaa ctividade, e diz-lhes:

«Eu penso assim. Aqui tendes o producto das minhas meditações, e dos meus estudos. Dou-vos os lavores do meu espirito. Combatei-me, ou enfileirai-vos commigo.»

Eis a razão do livro.

Vêde, agora, a sua desenvolução.

O author crê nas inspirações grandiosas do povo, crê na mocidade estudiosa das escólas, e crê nas leis immutaveis, fataes, e inexoraveis do progresso, que acompanham a vida das gerações, e que nos conduzem a uma determinada somma de civilisação, a um especimen de perfectibilidade relativa, quaesquer que sejam os cyclos de descrença, de abjecto abatimento, de egoismo individual, e de corrupção momentanea em que se debatem as sociedades.

O author d'este livro é espiritualista.

Devotado ás leis sagradas e eternas por

que se rege a humanidade, curvando-se, submisso e reverente, á vontade absoluta, que governa, e dirige o universo, pronuncía a medo, e na humildade da sua existencia, o nome do Ente Supremo, e crê firmemente, que todos os homens são iguaes. Ajoelha, e adora a omnipotencia, a infinita bondade, e sublime misericordia de Brahma, Zeus, Jezeu, Elohim, Jehovah, Allah, Osiris, Jupiter, Deus, Christna, Christo, finalmente do Eterno — qualquer que seja o nome sagrado, e mysterioso, por que as gerações modernas o pretendam appellidar.

O seculo dezoito teve por missão destruir.

O seculo dezenove é a transição, que liga, e une civilisações heterogeneas, é o parenthesis aberto n'estas luctas do espirito, n'esta convulsão moral, em que as sociedades actuaes trabalham para se regenerarem radicalmente, sob um differente aspecto, e aceitando novos dogmas, e diversas doutrinas.

O author d'este livro não despreza o passado. Não o injuría, não o diffama, nem o calumnía. Explica-o até, e, por vezes, justifica-o.

Mas aceita jubilosamente a corrente das idéas do seu seculo, e louva o Eterno na effusão das suas crenças.

Todavia não volta o rosto, como a mulher de Loth, para contemplar Sodoma.

Só a magestosa omnisciencia do Ser Supremo póde avaliar os entes que creou.

Ao sentar-se nos bancos das escólas superiores, no prefacio de um livro — dado a lume por um irmão d'armas, ferido, e cahido moribundo, já, na arena da discussão, pelas luctas da palavra — escreveu as seguintes linhas:

« Pergunta-se — se os gozos, se os prazezes pertencem unicamente a um pequeno numero de homens? — se a maioria, se as classes proletarias, se os Spartacus da civilisação moderna teem de escolher entre o passamento ignominioso nas gemonias do seculo dezenove, ou nas barricadas, nascidas do desespero, que a miseria e o ardor do martyrio obrigam a levantar? Pergunta-se — se o monopolio, se a concorrencia, são os dogmas injustos e tyrannicos, que hão de destruir as massas, como o carro do idolo Jagrenat, entre os indios, esmaga o craneo dos brahmanes, ou se a associação, esse credo dos assalariados das industrias, que os economistas victoriam — póde acabar com o pauperismo, e obstar á ignorancia dos povos, palladio deshumano a que os ambiciosos se seguram? »

Ainda hoje o author d'estas linhas formúla as mesmas perguntas, com a mesma severidade, e aceita a responsabilidade d'ellas na tranquillidade constante, e inalteravel do seu espirito.

A quem o accusar de leviano, de voluvel, e de imaginoso, no seio d'este hediondo tropel de ambições, que renegam, e apostasiam a cada hora — redemoinhando, revoltas, em torno do poder, seja qual fôr a sua origem ou procedencia — responde o author d'este livro com o sorriso do desprezo, e com a consciencia segura de que não sabe, não póde, nem quer deslizar nunca da lei augusta e sacrosanta do dever.

Os espiritos, para quem a libré é mais do que um distinctivo, e uma triste e crapulosa missão, porque chega a ser um sacramento imprimindo caracter, — esses, que se curvem, que se dobrem, e que degradem a face humana, varrendo, com a fronte, o pó das alcatifas e alfombras das regias aulas e alcaceres dos principes, magnates e satrapas do poder.

Pouco importa.

O vocabulo *lacaio* tem, na sua etymologia, a justa e bem merecida ignominia.

É a pena que a dignidade humana confere á abjecção.

Um dos primeiros — senão o primeiro escriptor d'este seculo — narra o seguinte:

« Octavio Augusto, na madrugada da batalha de Accio, encontrou um jumento a quem o burriqueiro alcunhára ou appellidára *Triumphus*. Este Triumpho, dotado com a faculdade de zurrar, pareceu-lhe de bom agou-

ro. Octavio Augusto ganhou a batalha, lembrou-se do Triumpho, mandou-o fundir, e esculpir em bronze, e collocou-o no capitolio. Burro capitolino foi elle — mas ficou sempre burro.»

Eis a historia das vaidades humanas.

« O habito não faz o monge», diz a sabedoria dos povos.

As grandezas da terra são, as mais das vezes, o pelourinho de todas as ignominias — assim como do sambenito, e da cana verde da irrisão pharisaica surgem, em ondas de luz, a magestosa auréola do martyrio, e a apotheose deslumbrante, que a posteridade engrandece e divinisa.

O author d'este livro não crê nos partidos militantes, nos diversos grupos parlamentares, nas ambições e cubiças, que fervilham em torno das insignias consulares — quer se chamem opposições ou governo.

Escalar o poder pelo poder, aceital-o em todas as condições, á sombra de todas as bandeiras, na defeza de todos os codigos, e na metamorphose de todos os principios, parece ser a maxima inspiração de todas estas phalanges, ávidas e sedentas de governo, que reputam, como suprema beatitude, o ineffavel gozo de dirigirem uma situação politica qualquer.

D'aqui vem o scepticismo partidario, a in-

differença profunda, e a descrença completa do povo.

N'isto, como em tudo, o author d'este livro está ao lado do povo.

Basta.

Fecha-se este prologo com uma simples remissão ao prefacio ou introducção do livro, que fica referido.

Assim termina esta advertencia ao leitor:

«A educação, nas classes pobres da nossa terra, tem sido desprezada: o povo ignora tudo, porque tudo lhe é vedado. Convinha, pois, que á frente de um livro, que narra com singeleza as tristes vicissitudes por que a governação entre nós tem passado; que aponta, sem exagerações, como a liberdade vai sendo sophismada, fossem estampadas algumas linhas, que levassem a esperança a corações para quem a educação é um miseravel scepticismo, e a vida um sudario de pungentes dôres.»

Estas linhas, escriptas ha vinte annos, firma-as o author d'este livro, com a convicção plena de que ainda não deslizou d'estas crenças, nem renegou, n'um só momento, a religião da sua mocidade.

Em mil oitocentos cincoenta e seis, quando a pena de morte era lei entre nós, quando o homicidio legal erguia a sua sinistra, e hedionda influencia n'esta terra — terminava o author d'este livro, em presença de um tribu-

nal e em defeza de um réo, pelo seguinte modo, a sua oração:

«Quanto a mim, resta-me a honra de ter pelejado com a forca, esta peleja solemne e derradeira. Se eu ficar vencido, se triumphar o carrasco, tanto peor para o seculo em que combati, e para a philosophia que invoquei.»

Foi já rasgada a lei do homicidio. Falleceu o ultimo carrasco.

Bemdito seja Deus!

Venceu aqui a civilisação.

É para crêr, que venceu, tambem, a justiça absoluta, a consciencia, e a sociedade.

A inviolabilidade da vida humana é mais do que um principio, mais do que uma doutrina, mais do que uma lei: é um culto prestado ao Ente Supremo.

Deixai, agora, que o author d'este livro peleje pela democracia.

É esta, e só esta a verdadeira religião do futuro: é a obra sublime do Creador.

Lisboa, 24 de julho de 1874.

VISCONDE DE OUGUELLA.

CONDEMNAÇÃO DE CORPO E ALMA

A lei dos justiçados, antes de 5 de fevereiro de 1587, condemnava o corpo e a alma, não admittindo á communhão os condemnados á morte. Os juizes faziam-se intrepretes da justiça divina. Trancavam as portas do purgatorio á contrição, privando a alma do sacramento, que a theologia declarára indispensavel ao viador da eternidade, por fóra das regiões das trevas infinitas.

Não sei onde os legisladores acharam o esteio de tão cruel severidade com as almas dos justiçados. Não podemos, porém, duvidar d'este desprezo da lei de Jesus, em época tão assignalada de bons theologos, comprehendida nos reinados de D. Manoel e D. João III. Que os condemnados á morte não eram admittidos á communhão deprehende-se do tratado *De sacramentis præstandis ultimo supplicio damnatis,* do famoso jurisconsulto Antonio da Gama, já no cap. I, já na dedicatoria ao cardeal D. Henrique, impressa pela primeira vez em 1559, e não em 1554, como diz o abbade de Sever, na *Bibl. Lusit.* O mesmo se infere do *Compromisso da Misericordia de Lisboa,* cap. 36, con-

firmado por alvará de 19 de maio de 1618. Ahi se estabelece o modo de acompanhar os padecentes e de lhes assistir. Estes usos subsistiram, através de dous seculos, exceptuados os enforcados politicos a quem por misericordia matavam com pouco apparato processional.

Ainda depois da lei que permittia o Viatico aos condemnados, nem todos gozaram esse dôce prazer, essa extrema consolação que lhes abria no reino de Deus a porta da esperança. Themudo, nas *Decisões,* tom. II, decis. 155, pag. 126, n.º 3, conta que o marquez de Villa Real, cumplice na conjuração de 1641 contra D. João IV, pediu licença ao arcebispo de Lisboa para commungar, na vespera do dia em que fôra degolado. O arcebispo concedeu a licença. Á meia noite ouviu missa no oratorio, e ás tres da tarde do dia seguinte (28 de agosto de 1641) foi executado. Ao mesmo proposito, leiam os curiosos o *Commentario aos Lusiadas,* por Manoel de Faria e Sousa, cant. III, est. 38.

Os co-réos do marquez de Villa Real ou não pediram licença, ou lhes foi negada. Agostinho Manoel de Vasconcellos, poeta, escriptor galante, e mais verde de juizo do que de annos — pois já orçava pelos cincoenta e tantos — parece que não tinha absoluta confiança no sacramento, pois que morreu sem elle. Póde ser que este peccador incontrito, vendo que

os theologos do seculo XVI dispensavam os condemnados da communhão, e os julgavam irreparavelmente precítos na outra vida, fosse da opinião d'elles, e se deixasse ir até vêr o que succedia aos seus companheiros do cadafalso, passado o estreito medonho d'aquella horrenda morte.

Tenho lido romances historicos portuguezes, e de bom pulso, em que os condemnados coevos de D. João I e II, se confessam e commungam. Esta inventiva piedade dos romancistas encontra as cruezas repellentes da historia. É erro muito desculpavel. Qual é o romancista que lê os reinícolas Antonio da Gama, e Themudo, e o *Codigo Filippino*, e a *Synopsis Chronologica?!* Estes livros são escumadeiras das faculdades imaginosas. Quem se affizer a herborisar em taes charnecas, póde ser que vingue saber muita cousa obsoleta; mas toda a sua erudição, fundida na moeda miuda dos livros de passatempo, não logra captivar o leitor que lhe attribua a vigilia de uma noite. Não se é escriptor ameno e agradavel sem muita ignorancia. Eu devo a isto os meus creditos e a minha fecundidade.

O DOUTOR BOTIJA

Francisco Dias Gomes, — considerado pelo snr. A. Herculano o homem talvez de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar os meritos de escriptores — foi malquisto de uns poetas contemporaneos que lhe chamavam o *doutor Botija,* allusão tirada das vasilhas de seu commercio de mercearia.

Um dos seus medianos admiradores era o abalisado mathematico e estimavel poeta José Anastacio da Cunha. Dos seus raros amigos — pois que os não grangeava em razão de sua indole desconversavel e um tanto hypochondriaca — o mais esclarecido e provado foi Garção Stochler, então lente de mathematica, e depois barão e general.

Francisco Dias Gomes, posto que modesto e conformado com a sorte de especieiro, não se deixava insensivelmente morder pelos epigrammas de quem quer que fosse. A honesta musa que lhe inspirou os graves e soporiferos poemas constantes do seu livro impresso por ordem da academia real, algumas vezes se lhe apresentou despeitorada e de saia curta, n'aquelle desatavio que desnorteia a circumspec-

ção de um philologo da polpa de Francisco Dias.

O leitor, provavelmente, ainda não viu como este sisudo academico jogava o venabulo da satyra. A academia, se alguma topou entre os manuscriptos do seu confrade, com certeza a pospoz como damnosa aos serios escriptos com que a esposa e filhos do finado critico haviam de quebrar alguns espinhos da herdada pobreza.

Não me recordo se Stochler, na noticia critico-biographica anteposta aos versos posthumos do seu amigo, faz referencia ao espirito satyrico de Francisco Dias; o que certissimamente sei é que nunca vi impressa a satyra seguinte contra José Anastacio da Cunha, nem tão pouco a replica d'este poeta, que no proximo numero sahirá como prova do retrincado odio com que, em todos os tempos, os escriptores se expozeram á irrisão dos ignorantes, mutuando-se affrontosas injustiças.

Francisco Dias é iniquissimo no conceito que finge formar de José Anastacio, e tanto mais censuravel quanto aquelle douto e infeliz philosopho nunca desfizera na valia do mercieiro poeta, segundo se deprehende da resposta.

N'esta satyra o que muito vale é a pureza da linguagem condimentada com especies do seculo XVII, bastante avelhentadas e rancidas;

mas, assim mesmo, saborosas a paladares não de todos depravados pela malaguêta da poesia vermelha que ultimamente vige e viça.

Quanto a graça, é tão difficil achal-a em Francisco Dias como nas comedias de Jorge Ferreira. Os nossos bons classicos, quer fossem moços e mundanos, quer ascetas e encanecidos, não sei como pensavam; mas no escrever, eram todos como uns frades velhos que digeriam as suas idéas, tal qual um estomago dyspeptico de hoje em dia esmoe um paio do Alemtejo.

Ahi vai, tal e quejanda, a satyra do *doutor Botija*:

SATYRA

Vem cá, louco varrido, que diabo
Te metteu na cabeça ser poeta?
Quem te chegou a tão extremo cabo?

Não vês que toda a gente anda inquieta,
Cançada de soffrer teus argumentos,
Que te julga demente, que és pateta?

Eu nunca imaginei que teus intentos
Fossem fazer-te vão: agora julgo
Que em nada se tornaram teus talentos.

Se eu crêra em quantas pêtas conta o vulgo,
Das feiticeiras sordidas e aváras,
E outras, que aqui não digo, nem divulgo;

Dissera que perjuro te mostráras,
Que infido amante da cruel Canidia,
Seus magicos encantos divulgáras.

Que ella, por castigar tua perfidia,
Sobre as azas d'um Lémure correra
O Tauro, o Atlante, o Nilo, e a sêcca Lidia,

Onde hervas potentissimas colhêra,
Com que mixtos veneficos, horrenda,
De funestos effeitos compozera.

E porque ao fim viesse da contenda,
Pela alta noite, barbara, ullulára,
Com voz funesta, horrisona e tremenda,

Que as infernaes Deidades convocára
Do tremebundo Tartaro, formando
Mil circulos no chão com fatal vara.

Pallida, e consumida, suspirando,
As horridas madeixas eriçadas,
Com ellas murmurára um canto infando.

Alli foram de todo desatadas
As prisões, que a teu corpo o siso unia;
Alli tuas idéas perturbadas;

Sómente em ti ficou triste mania
De maus versos fazer, de argumentar
Com quantos ha, nas praças, noite, e dia.

Não deixa a gente já de murmurar
D'essa tremenda furia que te agita,
D'esse teu furioso e vão fallar.

Cuidas que, ainda que nescio, assim se excita
A celebrar-te o povo por sciente,
Elle que em tudo mofa, e fel vomita?!

E julgas que de rustico não sente
A differença que ha do branco ao preto?
Por certo que te enganas claramente.

Tu crês que só quem faz um bom soneto,
Ou decifra um enigma mathematico,
Esse só tem juizo, e é só discreto?

Se para ser qualquer da vida pratico,
Bem aviado está, se lhe é preciso,
Ser um grande geometra, ou grammatico.

Tal ha por esse mundo, e tal diviso,
Que sem saber a regra do *abc,*
E' sagaz como trinta, e tem juizo.

Como queres tu pois que não te dê
Surriadas o povo maldizente,
Posto que nunca estuda, e nunca lê?

Se elle anda já cançado longamente
De ouvir as tuas vãs declamações
Com que pretendes emendar a gente!

Se defender intentas conclusões,
Mestre em artes, de borla, ou capacete,
Porque te ouçam as tuas decisões;

Rapa a cabeça tu, frade temete:
Combaterás então mais forte e ufano,
Que um guerreiro montado em bom ginete.

Não andes pelas ruas como insano
Syllogismos em barbara formando;
Se assim queres ter fama, é grande engano.

Que quer dizer, continuo, andar fallando
Em curvas, corollarios e problemas,
Demonstrações fazendo, e explicando?

Quando te ouvem fallar em theoremas,
Escalenos triangulos, e rectas,
Espheroides, polygonos, e lemmas,

Julgam ser isso termos de patetas
Ou d'esses que tem pacto c'o diabo,
E lhe fallam em partes mui secretas.

Pois eu d'aconselhar-te não acabo,
Se por tal te tiverem, fugirás
Como cão com funil atado ao rabo.

Em vão com grande esforço ladrarás,
Distinguindo a menor, que concedendo
Quanto o povo quizer á força irás.

Que achaste, inda que tu lhe vás dizendo,
Do circulo a sonhada quadratura,
Nada te valerá, segundo entendo.

C'os rapazes e moços, gente escura,
Gente indomita em fim, tua pessoa
Não poderá jámais andar segura.

Tanto já de ti fallam por Lisboa,
Que quando vaes por uma praça, ou rua,
Grande susurro em toda a parte sôa.

Ora pois tem razão, que a audacia tua,
E teus discursos vãos, e palavrosos
Dão causa a que qualquer teu sestro argua.

Eis aqui porque chamam ociosos
Aos que ás letras se applicam, temerarios,
Phantasticos, herejes, mentirosos.

Os fidalgos os tem por ordinarios,
Baixos de nascimento, sem avós,
De humildes pensamentos, vãos e varios.

*

Se alguem com acto humilde e baixa voz
Lhe offerece o elogio em prosa ou rima,
Louco, dizem, te vai longe de nós.

De nós a poesia não se estima;
Vê se tens outra cousa por que valhas,
Falla-nos de cavallos ou de esgrima.

De cavallos, de esgrima, de batalhas,
Não d'essas verdadeiras batalhadas
Com lança e espada, aereas antigualhas.

Entra por esta brecha ás cutiladas,
Amigo, tu que n'isto és o primeiro,
Segundo já te ouvi grandes roncadas.

Não te ficou venida no tinteiro,
Nem tantas soube o Molho destemido,
De malsins espantalho verdadeiro.

Se te ouvira o Palermo esmorecido
Da côrte se ausentára, por não vêr
Com teu valor seu credito abatido.

Bem pódes pelo mundo discorrer,
Novo Roldão, armado d'armas brancas,
Mil encantos e aggravos desfazer.

Leva do teu cavallo sobre as ancas
Tua dama sentada; esgrime e clama,
Que assim tudo afugentas, tudo espancas.

Ganharás maior nome, e maior fama,
Do que andar versos maus vociferando,
Dignos dos bêcos sordidos d'Alfama.

Se a fazer versos lá do lago infando
O diabo sahisse em tons diversos,
Taes como os teus faria, impio, e nefando.

Por isso não os tenhas por perversos,
Aos que pulhas te dizem, porque em fim,
Não ha cousa peor do que maus versos.

Antes mais vale ser villão ruim,
Frade apostata em casa das mancebas,
Do que ser mau poeta, antes malsim.

Agora quero eu que me percebas,
Se alguem te applaude e rijo as palmas bate,
E' porque mais em teu vicio te embebas.

Que aqui te manifesto sem debate,
Todos esses amigos que te cercam,
Todos te tem por um famoso orate.

Quaes ha que rindo o folego não percam,
Vendo, quando andas só, teu ar profundo?
Se o gosto não lh'o invejo, caro o mercam.

Como o que anda d'um bosque lá no fundo
As féras conversando e as amadríadas
Desgostoso das gentes, e do mundo,

Quem te vê tão suspenso, outras iliadas
Julga que andas compondo, alto portento!
Outros novos altissimos *Lusiadas*.

Mas cada vez que recordar intento
Teu soberano e largo magisterio,
Fico qual nau sem leme ao som do vento.

Alli tudo decides com imperio:
Não foram tão despoticos em Roma
O tyranno Caligula, ou Tiberio.

Qualquer, de ti pendente, lições toma,
Não ousa, inda que queira, dizer nada,
Que tudo á tua voz se rende, e doma.

Alli qualquer materia é bem tratada,
Com larga voz e cópia de palavras,
Alli com teu discurso illuminada.

Antes fallasses tu em gado ou lavras,
Do que em sciencias, de que nada entendes:
Ou fosses para o monte guardar cabras.

Novos systemas se fundar emprendes,
Porque a fama no numero te conte
Dos grandes homens, que offuscar pretendes,

Pede ao bom Ariosto que te monte
Sobre o seu grifo rapido, e serás
Outro Astolfo, outro audaz Bellerophonte.

Ao concavo da lua subirás
Para vêr se descobres novos mundos,
Mas nunca o teu juizo encontrarás;

Perdeu-se como pedra em poços fundos,
Que nunca acima vem, nem nada, ou boia:
Juizos são de Deus, altos, profundos!

Não te esqueça maranha, nem tramoia,
Porque ao fim desejado te conduzas,
Mais famoso serás que Helena e Troia.

Ávante, ó novo Gama, já confusas
Com as tuas acções vejo as antigas,
E para te cantar promptas as musas.

Tem-nas da tua parte por amigas,
Materia dando a satyras facetas
Como as de Horacio, destro n'estas brigas.

Se minhas forem, não serão discretas,
Porque da rima a musica sonante
Adorna as minhas pobres cançonetas.

Inda esta nos faltava, a cada instante
Andares tu contra ella declamando!
Que mal te fez o pobre consoante?

Quando o chamas não vem logo a teu mando?
E' porque com verdade não se preza
Do teu engenho o som suave e brando.

Elles fogem de ti com ligeireza
Os consoantes, porque em ti não sentem
Para bem usar d'elles natureza.

Se as minhas conjecturas me não mentem,
Os que poetas querem ser á força,
Pouco de um secco rabula desmentem.

Em vão um pobre espirito se esforça
Porque os seus versos sóem docemente,
Por mais e mais que o pensamento torça.

Nunca ouviste dizer que Apollo ardente
Agita a phantasia dos poetas,
Para que mais seu cerebro se esquente?

Inda que ouçam razões muito discretas
Das mulheres e filhos que pão pedem,
Deixam ficar-se, assim como patetas.

Nem fomes, nem trabalhos os impedem,
Que exercitem o dom divino e raro:
Tanto em seu desatino se desmedem;

Por isso ás vezes julga o vulgo ignaro,
Que elles são intrataveis, desabridos,
Posto que os bons lhe dêm louvor preclaro.

Mas tu que nunca ergueste os teus sentidos,
Que em idéas vulgares e confusas
Sempre andaste com elles envolvidos;

Se nunca conheceste Apollo, ou musas,
Nem pintado sequer viste o Parnaso,
Para que de seus dons sem saber usas?

Se temes que o teu nome em negro vaso
Para sempre se veja sepultado;
Usa do para que tiveres azo.

Não digas mal do consoante amado
Tanto dos bons engenhos peregrinos
Dos do tempo d'agora e do passado.

Se tu fundas em Miltons e Trissinos
Teus aereos phantasticos systemas,
Assás de bons não foram seus destinos.

Poucos ou raros lêm os seus poemas;
Um triste e melancolico caminha
Farto de extravagancias mil extremas.

A musa d'outro misera e mesquinha,
Languida e fria, sem adorno e graça
Da solta prosa jaz quasi visinha.

Ninguem jámais a noite e o dia passa
Seus aridos escriptos estudando,
Por muito que o seu gosto contrafaça.

Não o nego porém, de quando em quando
D'elles se eleva um resplendor sublime,
Digno do Pindo e Phebo claro e brando.

Mas tu a quem a rima tanto opprime,
Se não sabes, aprende: o canto hebraico
Dizem que ás vezes n'ella bem se exprime.

E que por evitar o tom prosaico,
Algumas vezes d'ella se servira
O poeta syriaco e o chaldaico.

Tambem a musa grega ao som da lyra,
Lá nos tempos antigos, d'ella usou;
E o romano que a face ao mundo vira.

Novamente o seu uso renovou
Dando-lhe fórma e ser o provençal,
De nova graça a poesia ornou.

Mas isto para ti de nada val,
Que porque te foi d'ella Apollo escasso,
D'ella e dos que a usaram dizes mal.

Que mal te fez Camões e o culto Tasso?
Camões a quem as musas educaram
Na sua gruta, e virginal regaço?

Qu'o cantico divino lhe inspiraram
Em que aos astros ergueu os lusos feitos,
Que tanto pelo mundo se afamaram.

Para exprimir altissimos conceitos
Nunca jámais a rima lhe fallece
Estylo e puro culto sem defeitos.

Qualquer rustico espirito conhece,
Que quanto o Camões quiz dizer, o disse
Facil e natural, como apparece.

Quem quer que d'elle mal fallar te ouvisse,
Diria afoutamente e com verdade,
Q'isso em ti era inveja, era doudice.

Ora pois, porque tens difficuldade
Em dizer teu conceito em dôce rima,
Vituperal-a é grande iniquidade.

Julgavas facil e de pouca estima
Dôces versos fazer? amigo, não,
E' preciso trabalho, estudo e lima.

E isto sem natural inclinação,
Ou pouco ou nada val: se d'isso és pobre
Martellarás no pobre siso em vão.

A vêa natural não se descobre,
Mil glosas n'um outeiro recitando,
Mais vis que escoria vil de ferro ou cobre.

Oh quanto te escarnece a gente quando
N'elle estás como insano loucamente
«Tyrse, Tyrse!» com larga voz gritando.

Inda do consoante tão vãmente,
Te atreves, pobre infusa, a blasphemar,
Sendo tu tão vã cousa, e tão demente!

Elle nunca se deixa demonstrar
Na tão formosa lingua portugueza
A quem com diligencia o procurar:

Qualquer, inda que pouca natureza
Tenha, dirá rimando o que quizer
Em estylo corrente e com clareza.

Tanto que aqui mui bem se póde vêr
Que sendo o meu engenho rude e baxo,
Exprimo quanto tenho que dizer.

Ou bem ou mal os consoantes acho,
Tão facilmente ás vezes me apparecem
Que para os apanhar me não abaxo.

Mas julgo que os ouvintes adormecem
Co'a minha longa pratica: eu me calo,
Pois que os gostos d'ouvir-me lhes fallecem.

Em fim já sem refolho aqui te fallo;
Se os meus versos conseguem felizmente
Fazer dentro em teu peito algum abalo,

Que o teu fado se quebre em continente,
Tornando-te, de louco, homem cordato,
E acabes de ser fabula da gente.

Tuas acções medindo com recato,
Deixando versos maus, vãos argumentos
Que te fazem de todo mentecato,

Darei por bem gastados os momentos
Que empreguei n'esta misera escriptura,
Censurando os teus fatuos pensamentos,
E ter-me-hei por mimoso da ventura.

O PALCO PORTUGUEZ EM 1815

Já n'aquelle anno, em meio da bruteza das nossas platêas, se confrangiam de magoa e pejo alguns raros entendimentos que vaticinavam a resurreição do theatro nacional. Almeida Garrett orçava então pelos dezeseis annos. Florecidas mais seis primaveras n'aquelle precoce espirito, a arte nova lhe desbotoaria as primeiras flôres da grinalda.

A tristeza dos bons entendimentos, em presença do abatido e nojoso palco d'aquella época, prenunciava a aurora que alvoreceu, passados quinze annos, com o primeiro dia da liberdade. As musas, trajadas com elegancia e aquecidas ao sol de estranhos, repatriaram-se com os desterrados que lá fóra retemperaram o genio na incude da pobreza, e reviveram nos esplendores da civilisação.

Um dos liberaes, que emigraram em 1828, e cursavam as aulas em 1815, escreveu, n'este anno, uma carta ácerca do theatro nacional. Se este escripto da primeira mocidade não revela vasto estudo nem gentilezas de phrase, com certeza denota razão esclarecida. O author da carta volveu á sua patria, mais atido á espada que á penna. Uma e outra lhe cahiram simultaneamente da mão, no cerco do Porto. Não sei o nome do official que jaz obscurecido na valla dos que morreram em batalha. Apenas em uma nota que precede a seguinte carta se diz que o author d'ella, morto na rareada fileira dos mais audazes soldados do imperador, teria sido um dos melhores cultores das letras que esmeradamente seguira na emigração. Archivemos o documento que merece ser lido como desfastio aos indigestos pastelões de historia theatral com que o snr. Theophilo Fernandes (Joaquim) nos tem intestinado o tedio da leitura:

Carta escripta a um amigo em 3 de fevereiro de 1815 sobre a chegada dos comicos italianos, com algumas reflexões sobre os theatros portuguezes.

Chegou finalmente a esta cidade a companhia dos comicos italianos, ha tanto tempo esperada, e hontem fizeram o seu primeiro ensaio. Domingo gordo vão, pela primeira vez, á scena, onde a curiosidade dos *dilettanti* é igual á impaciencia com que viam o theatro de S. Carlos fechado por falta de actores. Será bem difficil que estes, que chegaram, satisfaçam plenamente a espectação publica, onde se conserva ainda bem gravada a lembrança dos excellentes cantores, que tanto nos deleitaram n'estes ultimos tempos, e que brilharam com a mais bem merecida reputação n'este nosso theatro de S. Carlos, e que illustraram distinctamente a arte da musica tão agradavel, que a nossa mesma imaginação figura os anjos, cantando no paraiso a gloria do Deus Supremo.

Geralmente os portuguezes amam a musica com extremo, e tem um gosto particular por esta arte, principalmente depois que o senhor rei D. José fez vir para o seu theatro magnifico, que infelizmente o grande terremoto do anno de 1755 devorou, os melhores cantores que então havia em toda a Italia. De-

pois d'esta época sustentou o mesmo monarcha a mesma inclinação por esta arte, em que era muito entendido, e á sua imitação a nação toda se costumou tanto á boa musica, que houve particulares que chegaram a rivalisar com os mesmos professores. Ainda hoje não teem perdido de todo este gosto, principalmente os habitantes de Lisboa, que conservam viva a lembrança do canto melodioso, suave e delicado da Crescentini, de Cafforina, e da celebre Catalana, que por uma maneira nova de cantar, levaram esta sublime arte áquelle grau de perfeição, a que ella póde humanamente chegar.

Não julgo que estes virtuosos, que vieram, sejam iguaes em talentos áquelles de quem venho de fazer menção. Como não é sómente a arte, mas a natureza igualmente que os produz, e nem sempre esta é fertil em semelhantes producções, parece-me que o seu canto não causará nos espectadores o mesmo interesse, com que todos os lisbonenses corriam para o theatro a ouvir a melodia de vozes, e a harmonia de accentos, que realisavam os fabulosos das serêas. Como dizem, porém, que vem duas raparigas que não são mal parecidas, não deixarão de serem bem applaudidas pela platêa de Lisboa, na qual a mocidade olha sempre com mais attenção para os agrados da natureza do que para as perfeições da

arte, ás quaes não paga tão grande tributo como á belleza.

É muito provavel que d'aqui em diante os bons cantores sejam mais raros na Italia, onde em outro tempo eram mais communs, não sómente porque os successos politicos tem influido consideravelmente n'esta parte da Europa sobre os progressos das artes liberaes, onde nasceram e tiveram o seu berço; mas porque o infame e detestavel costume da castração, com o fim de fazer as vozes finas, e bons sopranos, está justamente prohibida por uma lei sabia e judiciosa. Pois que barbaridade maior podia haver do que condemnarem os paes seus proprios filhos a uma mutilação que degrada a especie humana, que a inutilisa e que annulla os votos da natureza em prejuizo das suas mais admiraveis producções?

Não poderemos, pois, ouvir d'aqui em diante um novo Echiziel ou um Crescentini, que modulavam as suas vozes finas á custa do bem que tinham perdido, por umas notas successivas e prolongadas, que bem longe de moverem a alma pela força da expressão, a affligiam pelos patheticos esforços de uma modulação uniforme; mas ouviremos talvez com um prazer mais interessante os sons masculinos d'aquellas vozes fortes e animadas, que conciliem com os seus accentos a viva expressão dos sentimentos differentes da nossa alma, em

que um gosto sublime e delicado faz consistir a perfeição da musica, para o qual não é o melhor musico aquelle que se occupa só em vencer difficuldades; mas aquelle que, pelas doçuras da harmonia, inspira na nossa alma, e lhe communica os mesmos sentimentos que exprime no seu canto.

Qualquer que seja, porém, o merecimento dos novos comicos, é sempre uma especie de satisfação para os moradores de Lisboa vêrem o melhor theatro, que teem, aberto, e terem quem trabalhe n'elle, o que é sempre um grande recurso em uma grande cidade, destituida de divertimentos publicos, e onde se consome o homem, e sobre tudo os estrangeiros, á força de uma negra melancolia, não havendo outro passatempo, que não seja o de algumas sociedades particulares, onde só apparecem aquelles que possuem grandes meios, para alli ostentarem toda a sua vaidade, e quasi sempre todo o seu orgulho. É bem verdade que toda a comica representação, que alli fazem, é quasi sempre á custa da sua bolsa, pois que é descredito entre elles não jogar. Os gatunos que nunca faltam n'estas assembléas, nunca perdem a occasião de os depennarem; e os murmuradores e maldizentes de admirarem o como a fortuna faz de um tolo um homem entendido, e como transforma um sevandija em um fidalgo cortezão.

É certo que os invernos são bem custosos de passar em Lisboa sem o recurso dos theatros, não havendo outro algum divertimento publico, mais do que as assembléas acima referidas, onde nem todos podem ir, e que nem a todos é permittido frequentar. Não ha aqui, como em Londres, em Paris, em Vienna, em Petersbourg e em Veneza salas publicas de baile, onde se passem as noites, e menos cafés bem compostos, em que todo o homem bem creado acha a melhor companhia, e onde trava amizade com os homens mais distinctos e que são assás uteis muitas vezes. Os nossos costumes reservados, e os principios da politica, de os dirigir pela desconfiança ou pelo temor, em que a policia ganha porque tem menos que observar e menos motivo para temer que a ordem publica seja alterada, fazem que estas privações se soffram com toda a paciencia, contentando-se cada um que não tem os meios competentes para frequentar as companhias do melhor tom, a ir passar a noite com o seu compadre ou com o seu visinho, a murmurarem uns dos outros. Sem este recurso ficariam sempre em casa, semelhantes ás mumias do Egypto, embrulhados nos seus capotes, unico meio de que se servem para resistirem aos rigores da estação.

Não faltará quem diga que faço um quadro de Lisboa, no tocante aos seus divertimen-

tos publicos, menos vantajoso; pois que uma cidade populosa que tem tres theatros nacionaes, além do italiano, e uma quantidade immensa de grandes sociedades, que tem nas semanas dias fixos em que se ajuntam, não está de menor condição n'esta parte ás mais opulentas da Europa. Esta reflexão, se ficasse sem replica, me attribuiria talvez, na opinião geral, um espirito de maledicencia que eu não tenho; e para me salvar de qualquer imputação que n'este particular se me haja de fazer, vejo-me obrigado a fazer aqui algumas observações sobre os nossos theatros nacionaes, que pela sua construcção material e pelo genio dos actores, que n'elles representam, não constituem um divertimento que chame o gosto, o interesse e a distracção da classe mais escolhida da nação, a quem não fazem grande honra nem excitam aquella curiosidade que faz frequentar estas escólas dos costumes e do bom gosto.

Quanto á construcção d'estes nossos theatros duvido que se achem, ainda nas mesmas provincias dos reinos mais civilisados, outros semelhantes ao da rua dos Condes ou do Salitre. As incommodidades que cada um é obrigado alli a supportar, não compensam os agrados mais deleitaveis da melhor representação, ainda no caso que a houvesse. No meio da platêa arde em fogo, nas mesmas noites mais frias do

inverno, o desgraçado espectador que acha alli lugar; pelos lados da mesma platêa vem um vento encanado pelos corredores, que atormenta todo o miseravel que occupa estes assentos. Nos camarotes, que são tão mesquinhos como tudo o mais, estes incommodos são ainda mais penosos; por entre as frestas das portas entra um frio pelo inverno, que gela, e que é principio certo de catarrhos, pleurizes e constipações, que circulam amplamente n'aquelle triste recinto; e quando o espectaculo acaba, nem lugar reservado, em que se esperem as carruagens, nem modo algum de prevenir os grandes males, a que cada um fica exposto á porta da rua ou no aperto dos corredores, até que chegue a carruagem que o ha de transportar. O theatro do Salitre e o da Boa Hora teem estas incommodidades mais marcadas; de maneira que todo aquelle que se propõe a ir a algum d'elles passar uma noite, deve ir disposto a vir doente: se é de verão, pelo nimio calor, se é de inverno, pelo frio. Assim não conheço um meio mais proprio a quem está em boa saude, de estar doente, do que ir a um d'estes theatros. Ora, que divertimento póde ter n'estes espectaculos aquelle, que cuida mais em se livrar dos males a que se vê exposto, do que gozar das illusões que apresenta á imaginação uma sala de espectaculo? Se todos estes incommodos, que se com-

pram por dinheiro, fossem, comtudo, compensados pelo deleite de uma boa representação, seria ainda assim desculpavel, sacrificar ao prazer certos incommodos, de que uns não fazem caso por genio, e que outros desprezam, porque lhes insta a necessidade que sentem de se distrahirem. Mas a representação é tão insipida e tão enfadonha! Os comicos interessam tão pouco; e os caracteres que representam são, ou por falta de natureza ou por ignorancia propria, tão mal sustentados, que não valem a pena de se ouvirem á custa dos grandes detrimentos que se soffrem, principalmente quando um homem tem o seu gosto formado pelos bons modêlos da arte dramatica, a quem um actor mediocre e baixo é tão insupportavel, como uma musica desafinada e sem harmonia na sua composição. Taes são, portanto todos os nossos actores, os quaes entram n'esta carreira mais com o fim de acharem n'ella uma subsistencia segura e commoda, que com o nobre intento de adquirirem uma gloria que immortalisou os famosos nomes de Molière, de Baron, de Garrik e de le Kain.

Pois que uma casualidade impensada me chegou a ponto de fazer algumas observações sobre os nossos theatros, não quero perder esta occasião de expôr o meu juizo sobre este assumpto, que aliás é um seguro thermometro, que indica o grau em que se acha a civilisa-

ção e os costumes das nações. Como escrevo uma carta e não faço uma dissertação, cuidarei quanto podér de abreviar o meu discurso, que não terá mais que simplesmente o resultado de fazer vêr quanto Thalia e Melpomene favorece pouco os engenhos dos portuguezes nas artes a que presidem estas musas, cujas influencias são tão brilhantes e tão liberaes para outras nações, que cultivam com o melhor successo esta arte, que nos representa vivamente os vicios e as virtudes dos homens, assim como tambem os seus defeitos e os seus ridiculos.

Podemos seguramente dizer com toda a verdade, que nós, os portuguezes, não podemos ter a gloria de dizer que temos um theatro nacional, pois que não temos nem actores dramaticos nem actores capazes de desempenharem estas bellas composições do espirito humano. Não é de admirar que não haja bons representantes, onde faltam os poetas; porque aquella mesma natureza, que inspira o enthusiasmo da imaginação, não deixa de inspirar tambem o gosto particular da imitação, de modo que é observação demonstrada, que onde os engenhos sabem conceber os mais brilhantes pensamentos e estudam todos os movimentos da nossa alma, dirigida pelas suas affeições ou pelos impulsos das paixões humanas, ahi se encontram tambem aquelles talentos su-

periores e naturaes, que na scena representam com toda a energia e delicadeza aquelles mesmos movimentos; de maneira que parece realidade o que não é mais que imitação. Garrik, a cada sentimento que exprimia nos theatros de Londres, mudava de voz e de semblante, como a expressão requeria; e Molière, em França, ridiculisava com uma graça tal todas as classes de homens de que se compõe o corpo social, quando a vaidade, presumpção ou amor proprio as desviava dos principios que a razão prescreve, que todos sentiam em si o defeito de que elle ria e zombava, para se corrigirem quando se julgavam objecto dos epigrammas e dos gestos comicos do comediante. Como este mesmo era o author das suas comedias, não é de admirar que exprimisse com energia aquillo mesmo que a sua alma sentia com toda a sua força; e é d'este modo que os theatros, que são as escólas dos costumes, onde se pintam ao natural pela fealdade do vicio ou pela ridicula pratica que os degrada, preenchem plenamente o fim para que foram instituidos; pois é evidente que todo aquelle actor que não tiver meios proprios para penetrar a alma dos seus espectadores pelas mais vivas e mais naturaes maneiras, figura e gestos da sua representação, não póde produzir o effeito que esta admiravel arte de imitação é capaz de produzir, e sem o qual effeito, uma sa-

la de espectaculo não é mais do que uma camara optica em que os sentidos podem gozar de algumas momentaneas illusões, mas onde a alma jámais se deixará possuir d'aquelles prestigios do sentimento que faz amar a virtude e detestar o vicio, nas peças tragicas, e nas comicas, temer o amargoso fel da critica que corrige o homem, fazendo mofa dos seus costumes que pinta, quando são ridiculos, ao natural.

É para notar que os engenhos portuguezes, dotados, como todos os mais que gozam das dôces influencias do céo puro e crystallino do meio-dia, de uma viva e ardente inclinação para as artes de pura imaginação, principalmente a da poesia, se contentem só de a cultivarem á margem dos rios e á sombra dos arvoredos, onde suspiram pelas suas amadas, em versos sim, amorosos e sentimentaes, mas que só fallam de amor, de saudades, de ciumes e de ingratidão. Um só d'estes genios favorecidos das musas tem aspirado á gloria de rivalisar com Euripedes ou com Sophocles, de igualar a Plauto ou a Terencio, e aquelle que tem intentado dar alguns passos na carreira dramatica, tem sido com tão infeliz successo, que parou no principio d'ella. Muitas vezes tenho pensado sobre a causa por que os nossos poetas, sendo inspirados de um estro proprio a todo o genero de versificação, só pa-

ra o theatral não teem os talentos requeridos; e por resultado das minhas observações a este respeito, tenho colhido a idéa de que para compôr uma ecloga, um idyllio, uma epistola ou uma elegia, basta ao poeta exprimir os seus proprios sentimentos em bons versos e harmoniosos para ter um nome distincto no Parnaso: mas para compôr uma tragedia ou uma boa comedia de caracter, é preciso exprimir com elegancia, pureza e enthusiasmo os sentimentos dos outros, que é absolutamente necessario conhecer e aprofundar para os saber desenvolver pela acção. Ora este conhecimento não se adquire senão por um grande uso do mundo, e por um tacto particular do coração do homem e de toda a natureza humana em geral; mas este grande livro não se acha nas livrarias escripto, acha-se espalhado no tumulto da sociedade, onde os homens desenvolvem todas as suas idéas, todos os seus sentimentos, as suas paixões, os seus vicios, os seus crimes e o seu heroismo. É n'este livro que o poeta dramatico aprende a pintar na scena as virtudes de Catão e as ridiculas maneiras de um villão afidalgado; mas se o poeta, concentrado no fogo do seu amor, não conhece senão Damiana a quem dirige seus ais e seus queixumes, como ha de pintar as paixões dos homens e os seus ridiculos caprichos? Esta ignorancia me parece ser a causa por que os

poetas portuguezes não consagram as suas musas mais que simplesmente ao amor a que os chama uma natural ternura, e o conhecimento de uma paixão, que elles conhecem melhor que quaesquer outras, e que explicam com mais sensibilidade e doçura. Nunca sahindo dos seus lares, vivendo em um pequeno circulo, uma imaginação, por mais poetica que seja, não póde produzir grandes e brilhantes concepções; e por consequencia, se conceber o plano de uma tragedia, que, segundo a opinião de mr. de la Harpe, é a obra prima do espirito humano, onde ha de ir buscar a materia para os debates? Se quizer compôr uma comedia, apenas saberá ridiculisar os defeitos do seu visinho tendeiro ou sapateiro.

Para provar que o cothurno não é feito para os nossos poetas lusitanos, basta lembrar que o assumpto da morte tragica da rainha D. Ignez de Castro, assumpto dos mais interessantes que tem apparecido em scena, tanto nos tempos antigos como nos modernos, tem apurado o estro dos nossos poetas portuguezes, não só pelo interesse da acção, mas por ser a acção passada entre nós, e que para excitar a compaixão tem de mais a historia que a proclama verdadeira. Tres ou quatro tragedias temos na nossa lingua portugueza d'este infeliz successo, e uma só d'ellas o immortalisa pelas bellezas dramaticas, que pouco ou nada

correspondem a um assumpto igualmente sublime que pathetico. Não fallo da primeira e mais antiga de Antonio Ferreira, que passa aliás por poeta classico entre nós, e na qual se não acha a força de sentimentos, a violencia das paixões, postas em jogo para trazerem imminentemente a catastrophe que finalisa a tragedia. As scenas sem ligação, a intriga mal combinada e tão descoberta pelo dialogo, que todo o espectador conhece, desde o primeiro acto, qual será o fim da peça. Não fallo n'estes dialogos, em que as personagens que os declamam não tem bastante força para mostrarem todo o horror da inveja que instiga e anima os cortezãos orgulhosos da côrte de D. Affonso IV para sacrificarem ao furor d'aquella paixão o amor fino, legitimo e innocente de dous corações ternos, ligados pelos dôces e sagrados laços do hymeneu. Os córos que ó author Ferreira introduziu por intervallos dos actos d'esta sua tragedia, á maneira dos gregos, é o que ha n'ella de melhor, por serem compostos de uma bella poesia, e tão pathetica, que movem o coração á maior sensibilidade. Outra tragedia, que temos sobre o mesmo assumpto, composta por o arcade Alcino não tem merecimento algum: as regras do theatro não são observadas; a versificação é languida e sem elegancia; os sentimentos friamente exprimidos, e os actores sempre sustentando um cara-

cter forçado e não tirado da natureza da acção, d'aquella acção que deriva de paixões complicadas e violentas, que deviam ser mais energicamente desenvolvidas. Esta peça não tem regularidade nem entrecho de uma tragedia; é um drama feito á imitação dos de Metastasio, que não é poeta tragico, pois que além dos seus dramas interessarem geralmente mais pela musica do que pelo desenvolvimento da peça, este vem muitas vezes no segundo acto, e o terceiro é composto então de incidentes accessorios, quasi sempre insipidos e frios, porque n'elles não ha acção. Lembrame ha annos vêr representar no theatro do Bairro Alto uma tragedia de D. Ignez de Castro tirada de uma comedia hespanhola de Don Calderon de la Barca, intitulada *Reynar despues de morir*. Esta peça foi geralmente applaudida e gostada pela energia e força de alma, com que uma actriz, chamada Cecilia, representou o papel de D. Ignez de Castro; mas esta peça deveu ao genio e aos talentos d'esta actriz o bom successo que teve, pois que examinando a contextura da peça, ella tinha os defeitos da hespanhola, em que não havia mais que tiradas de bons versos; mas pouca ou nenhuma verdade na acção; pois que, depois da morte d'esta infeliz princeza, apparecia uma scena em que o seu cadaver, sentado debaixo do solio, era coroado e solemne-

mente proclamado pelo seu amante, já rei, e por todo o seu povo como sua legitima rainha, e isto muito tempo depois de ter sido a victima das paixões dos cortezãos, invejosos de verem a familia dos Castros sobre o throno de Portugal. Esta scena, que pela sua magestosa decoração fazia todo o interesse d'esta peça, não parece ser uma segunda acção, que se representa? onde está pois a unidade da acção tragica, que é o primeiro preceito da tragedia? A coroação da rainha na mesma peça é tão irregular, quanto é novo de sentar em um solio o cadaver de uma princeza, assassinada no seu proprio palacio, muito tempo depois de enterrada no silencio de um sepulcro. Passemos todas estas incongruencias, que sómente trago á lembrança para mostrar que a poesia dramatica não é largamente distribuida pelas musas aos portuguezes.

N'estes ultimos tempos appareceu entre nós, sobre o mesmo assumpto, uma tragedia com o titulo de *Nova tragedia de Ignez de Castro*. Esta peça observa melhor os preceitos do theatro; a sua versificação é em algumas scenas elegante e sentimental; mas em outras não conserva esta igualdade. O fim ou o desatado da intriga é a catastrophe, que vem um pouco precipitada e não trazida por um jogo de paixões, susceptiveis de modificações differentes, que levam o coração humano ao excesso da

paixão que agita e move os animos; o que faz que os dialogos são curtos e as scenas ainda mais. A da entrevista de Affonso IV com D. Ignez de Castro, que é uma das mais interessantes da peça, não póde satisfazer os espectadores, que vêem que um rei se occupa da sorte da infeliz Castro, de quem se separa, dizendo-lhe que vai para o conselho de estado, onde ella ha de ser julgada, e alli elle advogará a sua causa. Que enormes incongruencias! O rei tem no seu poder o perdoar-lhe; não é uma acção generosa salvar a innocencia das mãos que pretendem banhar-se no seu sangue? O conselho de estado não é um tribunal judiciario, que é só quem póde julgar e condemnar. E um ajuntamento de conselheiros, que o rei convoca para tratar da sorte de D. Ignez de Castro, como um negocio simplesmente politico. E então que triste personagem faz elle em advogar pela infeliz Castro, diante não de ministros que a julgam pelas leis, em que elle mesmo póde dispensar, mas diante de conselheiros invejosos, que verdadeiramente são algozes! Esta scena podia ser conduzida mais nobremente, conciliando a bondade do rei, que se mostra interessado a favor de Castro, com a dignidade da sua corôa, que póde ser enganada pelo artificio dos seus conselheiros, a quem é indigno da sua parte dar-lhes consentimento para serem os executores de um as-

sassinio. Estas delicadezas não escapariam a Racine nem a Voltaire, se tratassem esta materia, porque, exactos observadores de tudo o que é decente e decoroso, não atropellariam tão facilmente o respeito da magestade, fazendo-a instrumento de crimes odiosos em um theatro em que um monarcha, se pelas paixões é um homem como outro qualquer, pela soberania é sempre executor da lei.

Alguns outros poetas n'estes tempos posteriores teem ensaiado o seu estro n'este genero de composição. A condessa de Vimieiro compoz uma tragedia, que foi laureada pela academia das sciencias de Lisboa, mais por favor que por justiça. Um certo Francisco Dias, homem só conhecido pelos seus talentos litterarios que cultivou no lugar humilde de uma tenda, compoz outra, cuja sorte foi, segundo creio, ainda mais infeliz do que a da condessa; e tantos esforços juntos não tem produzido um bom poeta tragico em Portugal que possa pôr-se ao pé do grande Corneille ou do sentimental Racine, mas ainda junto dos mais mediocres poetas tragicos do theatro francez. Esta inopia não vem ella do principio que acima já apontei? Para Raphael pintar uma obra prima no inimitavel quadro da transfiguração de Christo, foi preciso que a sua imaginação sublime lêsse no grande livro do universo todas as bellezas da natureza, para as saber pin-

tar com propriedade, e conforme as suas primitivas creações; para um poeta tragico reproduzir o caracter de Catão, de Cesar, de Marco Antonio, de Brutus e da infeliz Dido, é necessario que entre com a sua imaginação no immenso theatro do mundo e contemple a variedade de successos que os interesses dos homens, as suas paixões, os motivos que as põem em acção, os progressos que fazem sobre as suas almas para virem a dominal-as com despotico poder, os crimes e as acções infames de que são causa, a degradação, em fim, da intelligencia humana, quando de todo se sujeita á perversidade do vicio e se entrega á corrupção dos costumes: sobre este quadro immenso a imaginação quer um campo largo para o contemplar, examinar e estudar; mas este campo falta aos nossos poetas, que levados do gosto dominante da nação, que tem por objecto o amor, não são pintores para retratarem grandes caracteres, nem teem imaginação bastante para darem aos grandes successos uma fórma que mostre todos os horrores dos vicios e todas as bellezas das virtudes, que é o principal objecto das tragedias.

Se este genero de composição não tem dado nome a poeta algum portuguez, menos se teem elles distinguido na comedia, pois que não temos uma, não digo boa, mas ainda muito mediocre. Parece que as musas são ainda n'es-

ta parte mais avaras com os engenhos portuguezes, que, sendo os primeiros que abraçaram logo as artes graciosas, que no seculo XV a fortuna transplantou da Grecia para a Italia, onde acharam um benigno acolhimento, foram aquelles que por meio d'ellas menos gloria teem adquirido. As comedias que os nossos poetas do nosso seculo de Augusto — que é o d'el-rei D. João III — nos deixaram, não merecem sequer o nome de comedias; o que me não faz espanto, pois que Portugal então não tinha um só theatro, mais que o dos campos de Marte, e onde não ha theatros não ha quem componha comedias. A nossa feliz época da boa litteratura passou, e Camões ficou conhecido pelo primeiro poeta das Hespanhas pelo seu poema lyrico e não pelas suas miseraveis comedias, e a mesma sorte tiveram os seus contemporaneos que molharam o seu pincel na paleta de Melpomene. Os castelhanos que se senhorearam de Portugal, se distinguiram, mais que nenhuma outra nação da Europa, na arte de Aristophanes e de Menandro; porém não nos passaram este gosto, ou os portuguezes o não quizeram seguir, talvez por ser de uma nação que aborreciam. Como quer que seja, a arte dramatica foi inteiramente desprezada em Portugal, e o bom gosto da litteratura tendo-se corrompido n'este paiz pelos successos politicos, por que passou, fez totalmente esquecer

aos poetas do tempo este genero de composição. Elle se limitava só a alguns autos sacramentaes, que se representavam popularmente em festas de igrejas e nos adros dos templos. As vidas dos santos davam assumpto para muitos d'estes autos, que correm ainda entre nós; e a piedade christã ia buscar n'estas representações mais estimulos para amarem a religião, do que motivos para cultivarem uma arte que, segundo Horacio, *castigat ridendo mores*. Não tenho idéa, nem pela historia nem por tradição alguma, que em Portugal houvesse um theatro em que se representassem comedias portuguezas, de que não appareciam authores, ou pelos embaraços da longa guerra, que houve n'esto reino para sustentar a corôa na casa de Bragança, que não deram lugar para a applicação das artes, ou porque os portuguezes não quizeram imitar os seus inimigos, exercitando as suas musas na poesia dramatica em que os hespanhoes excediam a todas as outras nações da Europa. Estes não tinham theatros fixos; companhias ambulantes de comediantes, de que lêmos na historia de *Gil Blaz* a descripção tão circumstanciada como critica. Corriam de villa em villa, a recitar as comedias de Calderon, Moreto, Solis, tres «Ingenios» que inundavam toda a Hespanha, em tanto que o espirito dos portuguezes se contentava com os seus autos sacramentaes de

Santa Genoveva, de Santo Aleixo e outros semelhantes, que se davam ao publico em espectaculo nos dias das maiores festividades da igreja. Assim não se sabia entre nós o que era uma boa comedia, e n'esta ignorancia vivemos até que no principio do seculo passado appareceu o judeu Antonio José, que compoz um theatro de operas, as quaes nem pela poesia, pois que são em prosa, nem pelos titulos, que são *Labyrintho de Creta, Encantos de Medêa* e outros iguaes podem chamar-se comedias, ou porque trazem misturada musica de recitados e de arias, á maneira dos italianos, ou porque lhe falta aquelle caracter que distingue a comedia, e que Molière só fixou em França na época feliz da sua mais brilhante litteratura. Aquelle engenho, porém, infeliz pela fórma das suas composições dramaticas e mais ainda pela miseravel sorte que teve de ser condemnado a morrer queimado pelo santo officio, foi comtudo, o primeiro que viu as suas operas representadas no theatro do Bairro Alto, o primeiro que houve em Lisboa e onde os representantes eram bonecos que se moviam por arame e que fallavam pelas vozes dos interlocutores, que se mettiam por entre os bastidores. Tal era o estado em que se achava a arte dramatica em Portugal, quando já Molière brilhava em França como o restaurador dos theatros de Grecia e Roma, pelas

suas admiraveis comedias e como um modêlo perfeito da mais decente, entendida, natural e agradavel representação que até então não tinha apparecido em algum theatro do mundo antigo e moderno.

Nem este excellente author, que deu tanta gloria á França como Aristophanes tinha em outro tempo dado a Athenas, nem o genio particular que a natureza lhe tinha dado para imitar na scena as differentes personagens, que como author era obrigado a representar, causaram o mais pequeno estimulo aos engenhos portuguezes para o seguirem na carreira dramatica. As suas musas ficaram mudas n'este ponto, até que el-rei D. José, apaixonado pela musica, logo que subiu ao throno, mandou construir um magnifico theatro; e mandando vir da Italia os mais celebres musicos para cantarem n'elle as peças de Metastasio, extinguiu de todo o gosto da nação pelas comedias em lingua vulgar. Quem poderá deixar de reflectir que houvesse theatro nacional em uma nação em que o rei não gostava, e, por conseguinte, o não protegia? Não o havia, pois — nem comedias para se representarem, no caso de o haver; porque, como já disse, a poesia n'este genero emmudeceu em Portugal. O theatro real era tão magestoso que não admittia mais que pessoas de qualidades superiores; e as que ficavam mais abaixo não indo a elle ignoravam

o que era uma comedia, uma tragedia e os mesmos dramas em musica, que se punham no theatro real. Succedeu o fatal terremoto de 1755; arruinou-se com a maior parte da cidade este sumptuoso espectaculo, e, até que a confusão d'aquella calamidade se ordenou, nem el-rei teve theatro nem o povo. Mas no anno de 1758 abriu-se o da rua dos Condes, que ainda hoje existe nas ruinas do palacio do marquez do Louriçal, com algum augmento que teve, depois da sua primitiva creação. As peças que ao principio n'elle se representavam eram as operas de Metastasio traduzidas em portuguez, *Artaxerxes, Alexandre na India, Demofonte em Thracia, Ezio em Roma,* etc. com relações á maneira hespanhola, e mil bufonerias, que d'aquelles bellos dramas faziam as peças mais ridiculas que se podiam pôr em scena; e, para tornar o theatro de todo desprezivel, eram homens vestidos de mulheres que representavam o papel de Erytrêa e das mais damas das peças e suas criadas, que os traductores introduziam para fazerem rir a plebe. Um só poeta appareceu com uma composição dramatica que fosse digna de apparecer em scena; e os directores d'este miseravel theatro pozeram em contribuição poetas hespanhoes e italianos para sustentarem o theatro.

Alguns annos depois um novo empresario estabeleceu um theatro no Bairro Alto, não

onde havia o dos bonecos em tempo mais antigo, mas nas ruinas do palacio do conde de Soure, cuja abertura foi com uma companhia de musicos italianos que foi buscar a Londres. Esta empresa não durou muito tempo, e aos italianos succederam os portuguezes com o mesmo successo que tinham os da rua dos Condes, que podiam chamar-se actores de arraial. Este theatro do Bairro Alto de todo acabou e succedeu-lhe o do Salitre, que se conserva sem melhoramento algum que possa acreditar os engenhos portuguezes, que, nem pelas suas composições, nem pelo jogo da representação, tem dado á sua patria a gloria de ter um theatro nacional.

N'esta curta narração historica dos theatros portuguezes tenho feito vêr o pouco progresso que a arte dramatica tem feito em Portugal. Não é de admirar, porque onde os talentos superiores não são apreciados com justiça e recompensados com a grande estimação que lhe é devida, nem podem produzir fecundos fructos na arte theatral, que fazem as delicias do homem de gosto fino e delicado das cidades mais opulentas da Europa, nem terem a esperança de vêr seus nomes inscriptos nos monumentos que os homens gratos lhes consagram. As artes não florecem senão quando são immediatamente protegidas e estimadas pelos soberanos; e quer seja poeta, quer seja actor,

se tem talentos distinctos, não merece a attenção e a estimação do seu principe, quem contribue para fazer a sua gloria mais brilhante? Os seculos de Augusto, de Leão X e dos Medicis de Florença, o de Luiz XIV em França não provam esta verdade? Não me detenho em amplificar estas minhas idéas com outras razões, porque não padece duvida que a memoria dos soberanos que se tem pronunciado protectores das bellas-artes vive ainda nos padrões que ellas lhe tem erigido, entretanto que a dos mais famosos conquistadores ficou confundida nos estragos que fizeram. Infelizmente os nossos soberanos portuguezes tem esquecido esta verdade, como muitas outras, e deixaram morrer Camões, que dá tanta gloria a Portugal, em um hospital. Desde esta desgraçada época tem sido os poetas n'este paiz tão pouco venturosos pela sua arte, que o nome de poeta só entre nós é synonymo de pobre e de miseravel. Que comedias, que tragedias boas podia pois haver em um tal paiz?

Se não podemos competir com as nações que cultivam as bellas-artes n'este genero dramatico, menos ainda os actores dos nossos theatros podem rivalisar com os das outras nações que tem formado já um gosto apurado e exquisito n'aquella parte que se chama representação. Ella não é mais do que uma simples imitação da natureza, que é o primeiro prin-

cipio que deve seguir todo o bom actor. Separar-se d'elle por acanhamento ou por excesso, não acompanhar de gestos correspondentes as expressões, não saber desenvolver pelas attitudes os sentimentos que tem para declamar ou recitar, deixar-se transportar por estes sentimentos sem faltar á dignidade e á decencia que exige a personagem que representa, pronunciar com clareza e energia o que lhe compete dizer, e mostrar pela physionomia que o que diz vem do fundo da sua alma, sem estudo nem affectação, são as circumstancias principaes que formam um bom actor. Ora examinemos quaes dos nossos as sabem pôr em uso. Os grandes artistas desenvolvem os seus talentos estudando a natureza e seguindo os modêlos que aprenderam a imital-a. Guido, Carrache, Albano devem a admiravel belleza dos seus quadros a este estudo singular de imitação; mas onde podem achar os nossos actores modêlos, a quem possam imitar e talvez exceder? Não fazem estudo algum da natureza; ensaiam os seus papeis como simples obreiros, que tem uma empreitada a fazer e que hão de acabar seja como fôr; e n'esta parte o povo que compõe a platêa dos nossos theatros é o mais tolerante povo do universo, pois que soffre com a maior paciencia todos os actores bons, maus, medianos e incapazes de apparecerem. Por isso

nunca aspiram áquella superioridade, em que o bom gosto, dirigido por um discernimento perspicaz e por uma critica sã e judiciosa, faz consistir a gloria do grande talento. Molière, o primeiro restaurador da comedia, como já disse acima, foi tambem o primeiro actor da França. Conta-se d'elle que os papeis que representava recitava-os antes a uma criada que tinha, que decidia, como intelligente, da sua boa ou má representação, e como bom juiz corrigia e emendava os seus defeitos. Um dia Molière, para melhor se convencer da intelligencia d'esta sua criada, recitava-lhe um papel de um author estranho, que fazia uma grande differença d'aquelles que eram composição d'aquelle homem inimitavel; ella conheceu logo o engano, e voltando-se para o amo lhe disse: «Vós representaes as vossas comedias como um exellente actor; mas essa que ensaiaes nem é vossa, nem vos fará applaudir.» Eis aqui como a applicação, o estudo e o modo de estudar secunda os dons da natureza: ora qual dos nossos actores tem imitado a Molière? Qual d'elles tem sido capaz de apurar o seu talento, se o tem, por um modo tão novo e tão extraordinario?

É difficil que um homem, que tem algum conhecimento de theatros, possa aturar a representação dos nossos comicos portuguezes, sempre affectada, sempre fóra do natural e

sempre exprimida em vozes altisonantes, e cujos dialogos acabam geralmente em um hiato desagradavel e musical, estylo que não é proprio de quem conversa, que é o que compete á comedia, a qual representa um facto, um caracter, uma intriga, que se explica por uma conversação natural e semelhante ás que se fazem nas sociedades. Se a este estylo declamatorio ajuntarmos o excesso com que os criados ou criadas que vem á scena desempenham os seus papeis em gracejos que divertem o publico e que pela maior parte são insipidos, e sem outro interesse mais que o da risota, acharemos que está entre nós tão atrazado o jogo da representação theatral, que os nossos actores em seguindo bem o ponto, que lhes indica o que hão de dizer, são proprios para todas as personagens, e por conseguinte bons para nenhuma.

Lembra-me ha annos ir ao theatro da rua dos Condes assistir á representação da tragedia intitulada *A Vestal,* que traduzira em portuguez com elegancia o celebre Bocage. Esta peça tragica, susceptivel da mais brilhante representação pelo seu assumpto e pelos grandes interesses que n'ella se tratam, foi desgraçadamente tão mal representada, que pela parte que me toca não me fez a menor sensação. Quantas vezes disse commigo mesmo: «Ah! fa-

moso Talma [1] que estiveste em Londres muitos annos com o fim de reunires os talentos da arte theatral dos dous paizes, que os sabem tão bem apreciar! se tu aqui estivesses, como verias esta excellente peça despedaçada por semelhantes actores?» Em uma das scenas apparece o grande pontifice que deve fazer executar a lei imposta ás vestaes sacrilegas e criminosas; reconhece que sua filha é a delinquente accusada; que conflicto de grandes e violentos sentimentos da religião e da natureza não devem combater a alma de um pai, que sendo igualmente pontifice ou ha de faltar á observancia da lei, primeira obrigação do homem, ou ha de calcar os estimulos quasi invenciveis da natureza, sacrificando o seu proprio sangue á vindicta da lei? Que genio, que talentos, que energia de caracter não são precisos para desenvolver toda esta opposição de sentimentos que combatem o coração humano de uma e de outra parte? O pobre miseravel actor era um automato no meio do theatro, e sem duvida eu tive tanta afflicção de vêr a sua insufficiencia pessoal, como aborrecimento de vêr a indifferença com que o povo portuguez soffre semelhantes actores, a quem

[1] Talma, primeiro actor tragico do theatro de Paris.

convém mais propriamente uma enxada, do que a profissão de uma arte para a qual lhes faltam todos os requisitos. Esta peça me desenganou inteiramente da mediocridade dos nossos actores portuguezes e do estado miseravel em que estão os nossos theatros nacionaes, que tem a desgraça de verem estropeados nos seus proscenios as mais admiraveis producções do espirito humano.

Tenho dado uma curta idéa do pouco que a poesia dramatica concorre n'esta parte para a gloria nacional, assim como do pouco que os nossos actores contribuem para fazer brilhar uma arte que os povos mais polidos amam com tanto excesso, porque n'ella acham uma dôce e agradavel distracção aos seus negocios civis, quando ella é cultivada principalmente por aquelles talentos sublimes que ennobrecem tanto as nações que os viu nascer e creou, como a mesma arte que souberam aperfeiçoar.

Os limites de uma simples carta não me permittiram que eu tratasse este assumpto com aquella extensão que elle requeria para desilludir os muitos ignorantes que se persuadem da boa direcção dos nossos theatros e dos grandes talentos dos nossos actores. Contentei-me unicamente com tocar este ponto pela superficie conforme convinha a uma simples carta, em que a casualidade quiz que o fizesse entrar, a fim de dar a conhecer o

nosso grande atrazamento n'esta parte; e creio que algumas das minhas observações não serão frivolas na opinião d'aquelles que tem frequentado os theatros estrangeiros, em que as peças que se representam n'elles concorrem tão poderosamente para a educação publica se ir aperfeiçoando cada vez mais, o que, a meu vêr, é o principal objecto da instituição dos theatros.

O povo de Lisboa não gosta com preferencia senão de farças e entremezes, por que só quer rir e divertir-se com as baboseiras que se dizem n'elles; mas é porque não conhece ainda 'a grande utilidade que poderia tirar de uma escóla de costumes e de maneiras que lhe quadrariam melhor que as muitas chalaças que ouvem, que lhes pervertem toda a inclinação que poderiam ter para aprenderem a ser polidos, decentes, modestos e virtuosos cidadãos — o que as peças theatraes que estão vendo representar, todos os dias, lhes não ensinam.

Adeus, meu bom amigo; perdôe esta matraca que lhe dou em favor do espirito com que a escrevi, que é o do bem publico, que se estende tambem a este ramo, que produz os fructos delicados do bom gosto, o qual se adquire nos theatros, e d'aquella urbanidade que não é filha da imitação; mas de uma intelligencia dirigida pela razão — tão util ao homem

na sua condição particular, como gloriosa para a nação a que elle pertence.

Sou sinceramente

amigo fiel e affectivo

M.

BIBLIOGRAPHIA

(Padre Senna Freitas — Cunha Vianna — Monsenhor Joaquim Pinto de Campos)

Padre Senna Freitas. No presbyterio e no templo, vol. i. *Livraria Internacional de E. Chardron. Porto. 1874.* — Este primeiro tomo comprehende dezesete artigos que se rivalisam na excellencia da doutrina e da linguagem. Alguns, sem destoar da seriedade do livro, movem o leitor a um sorriso complacente. N'este genero, estrema-se o intitulado *Asphyxia... pela imprensa.* Tem resaltos de graça e nervo epigrammatico. Faz lembrar as paginas felizes de Luis Veuillot nos *Odeurs de Paris.* «Livros, opusculos, livrorios, livrecos,

nacionaes, nacionalisados, *in folio, in quarto, in octavo,* em dezeseis; obesos, normaes, anemicos, succulentos, indigestos, aquosos; edicionados aos mil, aos dous, aos tres mil, de mais de dez a menos de dous tostões; impressos a capricho, moldurados, coloridos, iriados, rendilhados, casquilhos.» (Pag. 215 e 216).

Recenseia d'esta arte o snr. padre Senna Freitas as producções asphyxiosas; mas não se deprehenda que elle, o illustrado escriptor respiraria melhor oxygeneo em regiões onde escasseassem prelos e authores. O que o suffoca é o gaz acido carbonico das inepcias em dicção, em philosophia, e em moral. Contra as da linguagem protesta o snr. Senna Freitas, abrasado nas risonhas coleras do padre Francisco Manoel do Nascimento: «Pois ha nada comparavel em elegancia castiça de terminologia áquellas paginas e áquellas columnas arrebicadas de gallicismos, e anglicismos tão expressivos e engraçados que deixam a nossa lingua corrida? Travemos, por exemplo, d'uma gazeta (salvas, bem entendido, as que fazem honra ao jornalismo). A pouco fundo, já lá apparecem a boiar os «meetings», os «comités», as recriminações do articulista contra as «chicanas» parlamentares, e as «coalições» ministeriaes, e o estylo por demais «descosido» em que se exprimiu o deputado fulano de tal, etc... Passemos á revista inter-

na e noticiosa — prosegue o analysta bem humorado. — Acaba de dar-se um successo tristemente «remarcavel» que o noticiador conta «em detalhe» aos leitores, «tirando d'elle partido» para fazer uma discreta consideração moral. Em seguida, dá um leve «golpe de vista» pelo «high-life» da terra, e analysa o ultimo livro publicado por... que é na sua apreciação um verdadeiro «chefe d'obra.» (Pag. 219).

E assim, com razão e discreto sal, o esclarecido moço, que tão digna e exemplarmente allia o viçor da idade ao respeito do habito clerical, vai desfiando o ruim tecido dos maus livros, quer na fórma, quer na substancia.

Culpa os romances nimiamente realistas de perversores dos bons costumes: «Ha o romance serio, instructivo, philosophico, moral, espiritualista, da tempera do *Promessi Sposi* de Manzoni, que nos transporta a uma atmosphera salubre, onde se respira um ar impregnado de oxygeneo; que photographa todo o lado bello, puro e grande da humanidade. E ha o romance enervante, declinação insipida e interminavel d'*elles* e d'*ellas*; o romance bohemio ou cigano, composto pelo mancebo apaixonado, que come no *restaurante* de terceira classe, e morre etico aos vinte e cinco annos; e o romance realista ou positivista, ainda peor que o precedente, sem ideal algum; con-

densado de todos os miasmas da lama, de todas as corrupções do esphacelo, e de todos os sarcasmos e negações do atheismo, sem outra esphera por conseguinte mais que a materia pura, só por uma ironia de mau gosto chamado *a alma nova.*» (Pag. 227 e 228).

Acato a opinião do snr. Senna Freitas, quanto ás novellas descriptivas da vida contemporanea; mas desliso da severidade do seu juizo. Creio que assim como os bons e moralissimos romances não morigeram, tambem os immoraes não desmoralisam. Não são os romances que formam os costumes bons e maus; são os costumes que fazem os romances. E casos ha em que as novellas saturadas de virtude são inverosimeis e puramente phantasticas. Eu já escrevi algumas, nomeadamente as *Lagrimas abençoadas* e as *Tres irmãs*. Ninguem acreditou aquillo; e toda a gente aceitou como copias do natural *Os brilhantes do brazileiro* e *A mulher fatal* — dous livros miasmaticos, que só podem lêr-se com o interior do nariz plantado de alfadega e mangericão. Quando o marquez d'Urfé escrevia as suas novellas pastoraes, embrincadas de polidissima cortezia nos amores, vivia-se em França, pouco mais ou menos, como nos romances de Soulié, de Kock e de Feydeau. Ha de tudo. Ha muitissima gente honesta que lê a *Lelia* de Sand, e muitissima gente de ruins manhas que lê a

Fabiola do cardeal Wisemann. Sem embargo estes reparos não desluzem a efficacia das considerações do snr. Senna Freitas.

Da summa do seu livro direi, com sincera admiração e devida justiça, que se revela ahi um excellente escriptor, um padre illustradissimo, um homem de bem, um argumentador convicto e em grande parte irrefutavel. D'este modo ajuiza o author da sua obra: *É um livro christão que não fará ruim companhia junto ao lar das boas familias: nada mais.*

É muito mais; porque afervora as crenças tibias, alvoroça as almas marasmadas na indifferença religiosa, descondensa a escuridade que fez noite algida nos corações abatidos pela desgraça. O snr. Senna Freitas nobilita o clero portuguez e honra as letras patrias. Se não fosse a palavra *religião,* quem explicaria tão obscura vida em tão alumiado espirito?

Congratulo-me com o meu benemerito amigo Ernesto Chardron, quando vejo entre as edições da sua copiosa livaria a estreia gloriosa do snr. Senna Freitas.

Cunha Vianna. RELAMPAGOS, com um prologo por *João Penha. Livraria Internacional. Porto, 1874.* — O author está na primeira flo-

recencia dos annos. Reçumbra-lhe do rosto a branda tristeza dos que soffrem com o encontro da incerteza nos umbraes da vida. Nuta entre os parceis, quando as vagas descahem, e lhe abrem um vacuo onde as idealisações lhe não dão pé, nem o positivismo ancora. É um dos muitos, cuja salvação depende de pouco: a experiencia da vida, o entrar na inanidade das cousas, o acordar com a cabeça ferida na corrente que fecha a galé dos obreiros do ideal — especie de somnambulos que fallam comsigo proprios, como João Penha, o redactor do *Prologo*.

Este, ainda assim, tem momentos de apégar no commum da vida. O seu fechar dos sonetos conhecidos e decorados é sempre a zombaria das altas cousas, dos raptos á divindade que se esconde, e aos mysterios do céo que atira estrellas a milhões sobre os seus interrogadores. O paio de Lamego e o presunto de Melgaço raro deixam de testemunhar que o espirito de João Penha é escorreito, e que a poesia, quando lhe apparece, como as revoadas das andorinhas, passa, não deixando de si no azul um vestigio de saudade.

O snr. Cunha Vianna está ainda entre os poetas de consciencia e inspiração. N'estes seus poemas não ha os desmandos e dislates que individualisam a poesia ultimamente inventada. É muito moço, e a sua musa parece

filha da que floreceu em Portugal ha trinta annos. Não se dôa por isso o esperançoso escriptor. Do bom senso dos seus versos ha de derivar-se o bom senso da sua prosa. Quando as flôres fenecerem, e os fructos se desabotoarem, verá quanto proveitoso é ter sido, a um tempo, o interprete do vago da alma e o aprendiz do positivo dos bons diccionarios.

Entre as suas poesias escolho um fragmento da *Armada* para que o leitor se convença de que lhe não inculco no snr Cunha Vianna um arrolador de podridões, de anemias, de chloroses, e de tanta outra moxinifada com que intentam fazer-nos da imaginação hospital.

N'este poema, o oceano interroga Portugal algemado na grilheta do despotismo. Veleja ao longe a esquadra da Terceira que aprôa ao Mindelo. O grande Atlante pergunta á armada o seu destino:

— Somos a Liberdade!
a esplendida epopéa!
a voz da humanidade!
o sol da Nova-Idéa!
Somos, oh monstro aquatico,
o verbo democratico,
tão forte como Deus!
mais rijo que a tormenta!
Astros, descei dos ceus!
Nuvens, descei do espaço!
vinde beijar o traço
das nossas naus possantes!

Nós somos os gigantes,
os Cyclopes modernos :
vimos livrar os mundos
de horrificos infernos.
Vimos fazer a guerra,
bradar a Torquemada :
— pódes fugir da terra,
que o teu imperio é nada !
Somos a Liberdade !
a esplendida epopéa !
a voz da humanidade !
a luz da Nova-Idéa !

« — Eu vos saúdo, ministros
« d'uma idade d'esplendores !
« Expulsai corvos sinistros
« d'essa terra de condores !
« — aves d'arrojo inaudito,
« que muitas vezes s'elevam
« ás solidões do infinito !
« Que lindo paiz ! é vêl-o :
« por toda a parte boninas,
« e, mais além, do Mindelo
« as vicejantes campinas !
« E mais ao longe a cidade,
« que reflora ao Douro a estancia,
« a Ostende da liberdade,
« nova rival de Numancia !
« — o Capitolio altaneiro
« d'um povo livre e guerreiro,
« que, n'um heroismo ardente,
« unico, bello, e assombroso,
« roubou mais d'um continente
« ao meu reino tormentoso !
« Heis de vencer, porque a historia,
« a virgem que vos inspira,
« já vos prepara na lyra

« os hosannas da victoria!
« Vencerá ao retrocesso
« quem este abysmo venceu:
« tendes por guia o progresso —
« d'esta idade o Prometheu!»

.·.

Tempos depois a luz da nova aurora
illuminava os montes e a cidade!
A tyrannia, aniquilado o sceptro,
como lívido espectro
lá transpunha os umbraes da soledade;
e um povo inteiro, a quem a paz inflora,
salvava estrepitoso
o brilho radioso
da augusta Liberdade!

Eis aqui um poeta.

JERUSALEM, por *Joaquim Pinto de Campos,* etc. *Lisboa, 1874.*—Precede este precioso livro uma carta do snr. visconde de Castilho. Ahi se annunciam primores, quanto ao modo como a obra é escripta, e se dá de suspeito o snr. visconde quanto á substancia, ao contexto da idéa. «Creei-me semi-pagão entre pagãos millenarios do melhor engenho, sociedade minha ainda hoje», diz o grande poe-

ta, em quem reviveram as almas de Anacreonte e Ovidio.

Comprehende-se este retrocesso no rasto esplendoroso que nos leva até casa dos Mecenas; mas, se ahi nos convida Petronio para uma cêa de Trimalcião, dá-nos vontade de fugir para uma das ágapes lôbregas em que o bocado de pão se ungia de lagrimas.

Magestade, estrondo, alegrias, febris prazeres e infernaes delicias tudo teriam de seu as musas pagãs com que deleitar a inspiração e o officio dos seus dilectos; mas poesia, a sincera, a ideal, a que aformosêa a vida dentro dos abysmos das suas quedas, essa não nos vem herdada de Horacio nem de Catullo: deu-nol-a o christianismo.

Aos muito affeiçoados a reliquias do velho Oriente suscita o monsenhor Pinto de Campos as reminiscencias dos cyclos anteriores á sagração do local em que passaram os lances da divina missão de Jesus Christo. A cada passo, resaltam ahi recordações da Roma imperial, com todos os accessorios que lhe lustraram a prosperidade como contraste da voragem que de um hausto a sorveu para sempre apagada.

O livro é tão de molde para todos os paladares, cinge-se tão caroavel ao deleite do curioso, do sabio e do devoto, que a ninguem será estranho o prazer da leitura. Em duas

palavras qualifica um doutissimo critico fluminense o livro do snr. Pinto Campos: *para mim tenho que a opinião classificará esta obra entre as de mór vulto que este seculo ha visto em lingua portugueza.* (Reflexões de um solitario relativas ao livro *Jerusalem*, pag. 3).

Evidentemente, o snr. Pinto de de Campos conhece e exercita as menos communs bellezas da nossa lingua. Já o haviamos admirado nas fluencias descuidadas da conversação, antes de o reconhecermos no purismo d'este livro perfeitamente executado. O seu estylo tem a sobriedade, a parcimonia de enfeites que se adquirem quando a sã e alumiada razão os escolhe. As pompas e os recamos da dicção occorrem-lhe a ponto com rigorosa propriedade. A unção religiosa dos quadros nunca é prejudicada pelos estofos da rhetorica. As figuras cedem a sua luz ficticia ao brilho permanente da verdade. A relanços descriptivos da Terra Santa, resôa ás vezes o dizer chão e affavel de fr. Pantaleão de Aveiro, alternando-se com os raptos vehementes da piedade de Chateaubriand e do apaixonado lyrismo de Lamartine; mas tudo isto tão nosso, tão portuguez, tão condimentado do idioma de Sousa e de Bernardes, que não póde ser senão de monsenhor Pinto de Campos.

O leitor, que lê os telegrammas vindos do Brazil, já viu que lá se ergueu uma voz ca-

lumniadora acoimando de plagiario o author da *Jerusalem*. Sem interposição de tempo, sahiu pela honra e lealdade do calumniado escriptor um dos maiores sabios que hoje se contam viventissimos na rareada fileira dos sinceros homens de letras em Portugal. Parecenos ter entrevisto no *Solitario,* que tão egregiamente repelle os detrahidores de Pinto de Campos, o conselheiro José Feliciano de Castilho, o mais poderoso talento alliançado á mais tenaz memoria de que temos noticia, e, mais que noticia, lição aturada e incansavel.

Eis aqui a repulsão da aleivosia, que trasladamos textualmente :

« Li uns artigos em que, confrontando-se trechos da *Jerusalem* com outros semelhantes das obras de Pozada Arango e de Perinaldo, se qualificam essas transcripções de *plagiatos escandalosos, furto na mão, bocca na botija, acto proprio para fazer subir o pejo ás faces do culpado, motivo de indignação,* etc., etc. Assim enfeixadas as injurias, não se dirá que as attenuo; e quanto ao facto da reproducção d'esses e outros passos no soberbo livro, começo declarando que elle é real, licito; publicado, antes de o ser pelos censores, pelo proprio escriptor ; e que, nas circumstancias d'esta polemica, pouca prova de lealdade de quem occulta essa declaração com que o author de an-

temão desmorona todo esse castello de cartas. Ah! isso não convinha aos sinceros Aristarchos: esmerilharam tudo, mas fecharam olhos nada menos que sobre o peristilo do monumento, ao qual apenas fazem uma referencia vaga, passando como cão por vinha vindimada.

« O author podia, como grande numero dos seus predecessores em um assumpto d'esta ordem, reproduzir aquillo que bem entrasse no plano da sua obra, em materia de descripções, de averiguações e narrações dos successos, sem citar as fontes. Pois acaso inventa-se a religião? Inventa-se a historia? Inventa-se a natureza? Inventam-se factos? Sempre que em tudo isso se toca, é evidente que se repete o que já se ha dito; e todas as vezes que essas descripções estão bem feitas, que utilidade ha em alteral-as? Nada haveria mais facil que dar sempre as mesmas idéas por diversas palavras, mas n'isso então é que se daria manifesta má fé, porque transpareceria a intenção culposa, o que nunca póde imputar-se a quem, uma ou outra vez, traduz litteralmente de livros que andam em todas as mãos.

«Não desenvolverei este ponto em these, como tão facil seria; limitar-me-hei a demonstrar a candura com que monsenhor Pinto de Campos, logo ao romper o seu livro, nos denunciou... isso mesmo que hoje se lhe assaca? Completa elle o seu prologo (pag. XVI e XVII),

revelando a quem vai lêr, que transcreveu largos trechos de escriptores antigos e modernos; enumera os principaes d'esses escriptores; affirma, com inexcedivel modestia, que só a ess'outros (o que é descabido) deve ser restituida qualquer gloriola, que das suas paginas se possa colher; que se embrenhou na floresta d'esses authores; que das flôres d'elles sugou o mel. Transcreverei (com as almejadas aspas):

«Na averiguação e narração dos successos, tomei por norma *seguir os varões* doutissimos e diligentissimos, *citando lealmente suas palavras ás vezes, muitas outras suas sentenças;* assim como é certo que lhes addicionei outras muitas, que pelo proprio estudo alcancei... *Segui* de preferencia a Sagrada Escriptura, Flavio José, S. Jeronymo, e entre os proporcionalmente modernos, Quaresmio... Em muitos outros, antigos e modernos, *procurei flôres que em meu ramilhete ennastrasse, e a todos os quaes fiquei mais ou menos devedor; se n'este rescende alguma fragrancia, a elles e não a mim se deve.* Sem ordem nem de merito nem de idades, aqui apontarei Adricomio, Biagio Terzi, Calmet, Mariano Morone de Maléo, Chateaubriand, Lamartine, conde Marcellus, Valiani, Geramb, Poujoulat, MICHAUD, fr. Pantaleão d'Aveiro, MISLIN, fr. Lavinio, Renazzi, Gaume, POZADA ARANGO, Escrich,

Munk, Dupin, De Saulcy, Saint Aignan; e particularmente os padres Dupuis e PERINALDO me foram DE INEXCEDIVEL AUXILIO... Não se destina esta enumeração a ostentar pompa de erudição; serve, ao contrario, para *restituir a outros* qualquer gloriola que de entre estas paginas podesse ser colhida. Solícita abelha, embrenhei-me n'essa vasta floresta e sem estragar as flôres, *suguei-lhes o mel;* e se em alguma havia veneno, lá o deixei. »

« O que ahi fica (idéa que mais de uma vez apparece reiterada no corpo da obra), constitue um luxo de precauções, a fim de que nenhum mal intencionado ousasse attribuir-lhe a intenção de locupletar-se com a jactura alheia. « Eu segui varões doutissimos », « suas palavras ás vezes, muitas outras suas sentenças. » « Em muitos authores procurei flôres que em meu ramilhete ennastrasse, e a todos fiquei mais ou menos devedor. » « Apontarei entre estes Pozada Arango, Michaud, Milsin. » « Particularmente o padre Perinaldo me foi de inexcedivel auxilio. » « Se n'este ramilhete rescende alguma fragrancia, a elles, e não a mim se deve. » « Seja a elles restituida qualquer gloriola que d'entre estas paginas podesse ser colhida. » « Na vasta floresta dos authores citados, suguei o mel de suas flôres. »

« Santo Deus! É n'estas circumstancias que se imputa a um escriptor a perpetração de

(nada menos!) *plagios escandalosos!* O que ahi fica, se pecca é pela repetição, até á saciedade, do proprio facto com que os inimigos hoje o criminam. Foi innocentemente o monsenhor quem deu essas armas contra si. Lêram no prefacio os seus detractores que elle declarava haver transcripto numerosos passos de Michaud, Mislin, Pozada Arango; e que Perinaldo principalmente lhe havia sido de inexcedivel auxilio. O processo da malevolencia tornava-se, desde então, singelissimo.

« Ah! elle diz que ha um escriptor chamado Perinaldo, que lhe foi de inexcedivel auxilio? que ha um Pozada Arango, etc., de quem extrahiu as proprias palavras, ás vezes, ou sentenças? que para este ramilhete colheu d'esses livros muitas flôres, e as mais preciosas? Ora, copiosas flôres, colhidas de livros, não podem ser rosas, nem malmequeres, são forçosamente paginas. Toca a procurar esses livros, cuja existencia elle nos patentêa; a pesquizar ahi os trechos do que nos revela ter-se apoderado; e depois, lançando-lhe em rosto o que elle mesmo nos denunciou, tripudiaremos, e subindo ao capitolio, iremos render graças aos deuses! »

« Em tal procedimento, a lealdade pede meças á justiça. »

Delida a macula com que a malevolencia,

aborto de odios politicos, tentou denegrir a mais notavel obra modernamente escripta com os primores da lingua portugueza por um brazileiro — que entre os seus e os nossos a escreve como os distinctissimos — não temos senão a louvar o grande alento que tirou a salvo de tropeços esta obra perduravel com que monsenhor Pinto de Campos brindou os seus conterraneos e os da patria de seus avós. Já conheciamos e reverenciavamos o orador religioso e parlamentar. Agora lhe recebemos de sua mão um livro que vamos reler e collocar entre os que nos ensinaram a escrever.

QUE SEGREDOS SÃO ESTES?...

Fosse terror ou sentimento fosse
De mais occulta origem...

GARRETT.

A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

CAMÕES.

I

— Fui hoje vêr á casa da saude o Duarte Valdez.

— O nosso companheiro de casa em Coimbra?

— Justamente.

— Que tem elle?

— Os dias contados.

— Tisico?

— Perguntei ao doutor Arantes que doen-

ça era a do Valdez. Fez com os hombros um tregeito significativo de que a medicina nem sempre tem alçada para devassar das doenças que matam, e denominal-as com terminações inflammatoriamente gregas. Quando, porém, é a alma que mata o corpo, os medicos lavam d'ahi as mãos como o governador da Judêa.

Tive este dialogo, em Lisboa, ha hoje doze annos, e, seguidamente, fui á casa da saude no largo do Monteiro.

Quando, na ida, atravessava o jardim da Estrella, sentei-me a encadear as lembranças vagas e desatadas que eu tinha de Duarte Valdez.

Tres épocas me occorreram.

Primeira, a da nossa jovial convivencia em um casebre da Couraça dos Apostolos, em Coimbra, no anno 1845. Segunda, outra menos modesta e menos alegre camaradagem de quarto, no hotel Francez, do Porto, em 1851.

Antes de mencionar a terceira época, urge saber-se que nenhum de nós se formára. Elle contentára-se com um diploma de insufficiencia em rhetorica, e eu com a prenda não commum de arpejar tres varios fados na viola. Não rivalisavamos em sciencia. Formavamos da nossa reciproca ignorancia um conceito honesto. Não queriamos implicar com sabios, nem para os invejar nem para os detrahir.

A terceira época ou terceiro encontro foi em 1856. Vi-o em S. João da Foz, e ouvi-lhe revelar mysteriosamente que estava emboscado em uns arvoredos, entre Lordello e Pastelleiro, com uma extremosa e estremecida menina, fugida aos paes. Não me recordo os pormenores d'estes amores que elle me disse serem os primeiros e ultimos. Tenho, porém, a certeza de que me ri d'uns *amores ultimos*, aos vinte e cinco annos de idade.

N'aquelle tempo a fuga de uma menina qualquer não era successo por tanta maneira horrido, que eu devesse desmaiar na presença do meu scelerado amigo. Eu já contava então uns decrepitos vinte e nove annos, e conhecia varios acontecimentos impudícos, por exemplo, aquelle da D. Hermenigilda d'Amarante, que eu exhibi ás lagrimas do publico sensivel nas *Scenas da Foz*. Aquella especie de pellicula carmezim que assetina a epiderme do rosto, e se chama *pudicicia* nos droguistas da moral, tinham-m'a delido as aguas lustraes da nossa civilisação pagã, para o que tambem muito contribuiram as reuniões semanaes da Philarmonica, na rua das Hortas, onde os rabecões entravam cheios de cupidos e sahiam cheios de suspiros. Muitas senhoras portuenses, que hoje cedem a primazia da ternura ás filhas, viram n'aquellas salas da Philarmonica os anjos com quem se maridaram. Os annun-

cios das festas lyricas, enviados dos corações aos corações, rezavam assim: *Sabbado, ás 7 da noite, musica de Mozart, e Laços de Hymemeu.* Tudo antigo e bom.

Isto veio a proposito de eu não ter uma congestão de pudor, quando Duarte Valdez me segredou que se embrenhára nas selvas rumorosas do Pastelleiro com uma menina perdida de amor, e tão cega de alma que já não via na imaginação, sequer, as lagrimas da mãi, e o mortal abatimento do pai que a amaldiçoava.

II

O enfermeiro-mór da casa da saude conduziu-me ao quarto de Duarte. Com certeza, se eu o encontrasse desprevenidamente, não o conheceria. O espasmo dos olhos seria bastante a desfigurar-lhe as outras feições, quasi sumidas na desgrenhada cabelleira e nas barbas. Immobilisava-lhe o semblante a sinistra quietação da demencia contemplativa.

Tambem elle me não reconheceu a mim, sem que eu lhe dissesse o meu nome. Fitava-me com repulsão, como se a presença de um

desconhecido o molestasse fortemente; porém, depois que eu me nomeei, sahiu do torpor, levantou-se de golpe, e abraçou-me com transporte.

— Que tens tu, Duarte?... Estavas aqui, e não me participavas?

— Eu não sabia que estavas em Lisboa, nem tinha a vaidade de suppôr que ainda me conhecesses. Desde que te fallei na Foz, em 1856, nunca mais nos encontramos nem escrevemos.

— É verdade; mas nem por isso me eram estranhos os principaes passos da tua vida. Soube que casaste...

— Sim... casei...

— Com aquella menina que então... estava comtigo?

— Não... — respondeu Duarte com assombrado aspecto, e um sacudir de cabeça indicativos de azedume por tal pergunta.

Hesitei, á vista de tão subita mudança, se devia proseguir em tal interrogatorio. Foi elle quem interrompeu o silencio, repetindo:

— Não, não casei com essa... — e acrescentou, pondo-me no hombro a mão tremula — casei com outra... que já morreu...

— Morreu?

— Sim, morreram ambas; matei-as eu...

E, erguendo-se, travou-me do braço, levou-me comsigo para a janella, que abria sobre um

jardim, alongou a vista na direcção da cupula do convento de Jesus, fez um gesto com a mão direita apontando para o céo, e quiz dizer umas palavras que, abafadas pelos gemidos, pareciam rever-lhe nos olhos em lagrimas copiosas.

E eu, que poderia imaginar agora phrases muito apropositadas á situação do meu amigo, não as invento, porque não lh'as disse então.

E quem seria mais verboso que eu, em lance tão desusado? Se elle, com effeito, havia matado as duas mulheres, eu, na verdade, não devia ensaiar maneiras de o consolar, dizendo-lhe que, se as matou, fizera muito bem. Figurou-se-me que Duarte fallára figuradamente. Porque ha muitos sujeitos, ainda mal, que vivem penalisados com remorsos de ter matado certas senhoras, sem ao menos admittirem que os medicos collaborassem com elles. Ora eu que reputára, n'outro tempo, aquelle Duarte Valdez tanto ou quê desarranjado pelas novellas, attribui ao seu romanticismo a parte odiosa no assassinio das duas senhoras.

Passados alguns segundos, fiz-lhe esta vulgarissima pergunta:

— Como as mataste tu?

— Despedaçando-as uma contra a outra.

Póde ser que o leitor esteja sorrindo; saiba, porém, que o tremor d'aquellas palavras vibrava tanto do seio do afflicto moço que uns

calefrios me correram a espinha, e o turvamento das lagrimas me embaciou a vista. Situações analogas terá experimentado o leitor no theatro. Duas palavras, em uma ficção dramatica, exprimidas pelo actor que pintou os vincos da desgraça no rosto com fino pó de carvão, obrigam ás lagrimas pessoas que não chorariam, se a desgraça fosse com ellas.

— Chora, chora! — me disse elle, com vehemente exaltação. — Preciso que me chorem, porque... eu morrerei, adorando as duas mulheres que matei... e ninguem me ha de chorar.

— Pódes tu contar-me a tua historia? — perguntei eu.

— Posso... quero contar-t'a; mas receio que m'a não creias... A minha familia, e os medicos da provincia dizem que eu me deixo matar pela superstição, indigna da minha intelligencia... É um phantasma que me mata, dizem elles... Ah! se o vissem! se eu te podesse contar...

— Mas olha, Duarte, conta o que poderes... Eu hei de comprehender das tuas dôres alguma cousa mais que o vulgar dos homens. Até as superstições, se as tens, eu t'as entenderei; porque ha infortunios que não podem entender-se, sem a intervenção de alguma cousa sobrehumana.

— Pois então, vou contar-te a minha desastrada vida... Aquella infeliz menina que es-

teve na Foz, ha dez annos — começou Duarte com pausadas intercadencias — seria a minha bemaventurança, se eu não viesse a este mundo com a predestinação dos reprobos. Meu pai, desde que eu a tirei da casa paterna, ganhou-me entranhado odio; não por causa da culpa; mas com receio que eu remediasse a culpa com o casamento. O seu primeiro acto de vingança foi dar a casa a meu irmão, e reduzir-me a um patrimonio tão escasso que não chegaria ás minhas despezas de dous annos. Maria do Resgate era mais pobre que eu. Não desisti ainda assim de casar com ella. Pedi um emprego com a eloquencia da virtude desgraçada, já quando a minha subsistencia corria por conta dos paes de Maria. Estava eu em vespera de ser despachado amanuense do governo civil de Bragança, quando meu pai conseguiu inutilisar os esforços humilhantes que eu fizera para adquirir tão mesquinho emprego. Fui ajoelhar aos pés de meu pai: estava ao pé de mim, para me defender dos primeiros impetos da ira d'elle, minha mãi. Eu pedi-lhe simplesmente que não se oppozesse á minha collocação. Respondeu que se dava por aviltado, se seu filho fosse exercer tão ignobil occupação; e, sem me dar a confiança de questionar com o seu orgulho, disse que me dava recursos para estar dous annos em Lis-

boa, ou o tempo necessario para me es quecer da filha do procurador de causas.

Minha mãi chamou-me de parte, e aconselhou-me que annuisse; na certeza de que, no espaço de dous annos, se eu não esquecesse Maria do Resgate, ella conseguiria o consentimento de meu pai.

Cedi forçado pela extrema necessidade. Maria, tão confiada em mim quanto eu confiava no meu proprio coração, accedeu na ausencia dos dous annos. Assim que eu sahi para Lisboa, sahiu ella para um convento de Bragança.

Cheguei aqui, e encontrei dinheiro em abundancia, amigos, relações, mulheres, liberdade, distracções, theatros, cêas, um desafogo de vida tão agradavel quanto amargurado me tinha corrido o ultimo anno.

Ás vezes, em meio dos meus divertimentos, assaltavam-me remorsos. Era então que eu respondia ás cartas apaixonadas de Maria, e perguntava a minha mãi se já tinha conseguido amollecer o duro coração de meu pai. Respondia-me que esperasse, e Maria respondia-me que esperava uma de duas cousas, que ambas lhe serviam: sahir da sua cella para mim ou para a sepultura. Os meus amigos viam estas cartas, e riam-se da minha credulidade.

Ao cabo de um anno, os remorsos que me

incutiam as cartas, já nem a virtude tinham de as inspirar verdadeiras. Maria graduou por ellas o sentimento frio que as disfarçava, e disse-me que eu era tão ingrato que nem ao menos a deixava morrer enganada.

Aborreciam-me já as lastimas e a obrigação de as consolar. Sentava-me constrangido para lhe escrever. Já me queixava da sua pertinacia em me accusar de ingrato, quando ella mesma se acommodára á cruel necessidade da separação. Culpando-a de indiscreta, perguntava-lhe se quereria para marido um homem que teria de mendigar ou roubar para sustental-a. Aqui havia uma occulta infamia na mentira. Se eu pretendesse em Lisboa um emprego, tel-o-hia, sufficiente á sustentação de uma familia modesta; mas eu, desde que pisei os tapetes dos salões, pensava em ter salões com tapetes, e desde que as carruagens dos meus amigos me levaram aos theatros, desejei possuil-as para me desquitar de obrigações aos meus amigos. Eu estava perdido como meu pai me desejára; estava deshonrado bastantemente para desviar a imaginação da filha do procurador de causas, quando as titulares de Lisboa me perguntavam quem era a rainha dos bailes.

Ao fim de dous annos, minha mãi, quando eu já não perguntava o resultado das suas diligencias, avisou-me que meu pai vinha a

Lisboa, na companhia de um nosso primo e de nossa prima, chegados do Brazil, com o proposito de nos visitarem.

Estes nossos primos eram naturaes do Rio de Janeiro. Alli ficára meu tio, pai d'elles, quando meu avô, que para lá fôra com o principe regente na qualidade de desembargador do paço, voltou para Portugal. Eu sabia d'estes parentes, e muitas vezes meu pai dissera que seria convenientissimo casar um de seus filhos com a prima brazileira, cuja fortuna rendia mais n'um mez que toda a nossa casa em um anno.

Confesso-te miseravelmente que me sobresaltou o aviso da vinda de minha prima. Vi salões com tapetes, e vi as suspiradas carruagens. Quem eu não vi foi a imagem de Maria do Resgate.

Minha prima Olinda era adoravel, ainda sem riqueza.

Este conceito que formei ao vêl-a e ouvil-a, dispensou-me de o formar, de mim, de grande villão. Amnistiava-me com a idéa de que, sendo ella pobre, eu a quereria para esposa. Amei-a, é certo que a idolatrei. Não tenho outra virtude que contrabalance com os meus delictos na presença de Deus, e d'ella e da outra desgraçada.

Havia dous mezes que Maria do Resgate me não escrevia, quando aqui chegou Olinda,

e, passados dous mezes, sahia eu de Lisboa, casado com minha prima, a ir visitar minha mãi, para depois ir ao Rio receber os trezentos contos de minha mulher, e d'alli passarmos a residir em Lisboa, n'um palacio, com tapetes e carruagens.

Meu pai foi adiante preparar as festas da recepção, e ornamentar as salas para o baile, e a hospedagem para os convidados da nossa grande parentella.

Entrei profundamente triste na minha villa. As janellas da casa de Maria do Resgate estavam fechadas como se houvesse alli morrido alguem. Nas casas visinhas, havia senhoras e crianças que choviam abadas de flôres sobre o nosso carro.

Pouco depois que sahimos da mesa do jantar, atravessei com minha mulher a sala de espera, para descermos ao jardim. N'este transito, vimos sahir de um canto da sala uma mulher trajada de luto, que marchou de encontro a Olinda, sem levantar o véo espesso do rosto.

Não a conheci; mas mal podia suster-me de convulso.

— Que tens?! — disse minha mulher. — Esta senhora parece que tem alguma cousa que me dizer...

— Tenho, sim, minha senhora — acudiu a mulher de luto — v. exc.ª não me conhece

nas salas de seu marido, porque eu sou a viuva de um pobre procurador de causas que morreu ha quinze dias, quando perdeu a esperança de vêr remediada a deshonra de nossa filha. Em quanto ella teve pai, embora perdida no conceito do mundo, tinha o pão, que seu pai lhe ganhava; mas agora, reduzida á orphandade, á pobreza, e á deshonra, venho implorar a v. exc.ª que a receba como sua criada, visto que foi seu marido que a perdeu. V. exc.ª fará o que a sua virtude e caridade lhe aconselhar.

E sahiu sem esperar resposta.

Estas palavras ouço-as ainda como se a alma da mulher que as disse m'as estivesse escrevendo na consciencia com um estylete de fogo.

— Que é isto? — perguntou-me minha mulher.

— É uma desgraça que eu te contarei — respondi torvamente.

— Conta-m'a já, e remediêmol-a sem demora — tornou ella.

Escondi-me com Olinda no mais sombrio do jardim, e tudo lhe referi com a sinceridade de um penitente. Ella ouviu-me com semblante carregado, avincando a testa, e ás vezes com signaes de compaixão, que de certo não era por mim.

Depois, ergueu-se, repelliu com brandura

a minha mão que lhe acariciava o rosto e murmurou:

— Eu ignorava tudo isto. Desgraça irremediavel, já agora! Eu quero fallar com a mãi d'essa infeliz menina.

E assim que foi noite fechada, sahiu com um escudeiro, que a conduziu a casa da viuva do procurador.

Suspeito que a conferencia versou sobre a rica dotação de Maria do Resgate. A viuva repelliu a proposta, porque minha mulher voltando ao seu quarto, disse, como se ninguem a escutasse:

— As deshonradas... de certo não são ellas.

Até aqui — proseguiu Duarte Valdez — não ha nada maravilhoso na minha historia...

— De certo não; tudo vulgar — obtemperei eu que sabia centurias d'estas historias, cuja trivialidade nenhum romancista de tino hoje em dia aproveita da fardagem dos vicios communs.

— O horrivel maravilhoso começa agora — continuou Duarte. — Passados vintes dias, divulgou-se a noticia de estar moribunda no convento de Bragança Maria do Resgate. E em uma das seguintes noites, estando eu a dormir profundamente em um leito proximo do de minha mulher, acordei, sentindo no pescoço os apertões convulsos de duas mãos que me estrangulavam; e, abrindo os olhos,

vi distinctamente nas trevas o rosto macerado de Maria muito perto do meu rosto; e, ao mesmo tempo que as suas mãos me asphyxiavam, sentia que o joelho d'ella me esmagava o coração. N'este lance dei um grito, e ouvi o estrebuchar de minha mulher, que soltava uns gemidos afflictissimos, como se lá sentisse angustias de suffocação iguaes ás minhas. Saltei do leito, e fui á recamara buscar a lamparina. Quando voltei, minha mulher estava de joelhos á beira da sua cama, com as mãos postas, com as faces cobertas de lagrimas, e os olhos esgazeados de terror.

—Que é isto, Olinda?—exclamei.

E ella, escondendo o rosto entre as mãos, murmurou:

—Vi agora a desgraçada menina que tu abandonaste. Já estava amortalhada. Era formosa como as martyres, e bem mais linda do que eu... Disse-me adeus... Sabia que eu tinha chorado por ella... Veio dizer-me que estava remida das suas dôres.

Eu não disse a Olinda que tambem vira Maria do Resgate.

O meu terror abafava-me a voz na garganta. Recorri á oração...—eu que desde a infancia não tinha orado. Fui ao quarto de minha mãi; acordei-a; pedi-lhe que viesse commigo para o oratorio. Contei-lhe as torturas

da minha visão, e a visão de Olinda. Ella pegou de tremer e chorar. Se eu lhe dizia, sobre-posse, que a coïncidencia dos sonhos podia acontecer, sem intervenção do phantasma de Maria, minha mãi não achava isto possivel, e mais me trespassava de horror.

No dia seguinte, chegou a noticia de ter expirado á uma hora da noite antecedente a reclusa do convento de Bragança. A pessoa que trouxe a nova, era encarregada de me entregar o maço de minhas cartas. Em volta das ultimas, que eu lhe escrevêra de Lisboa, havia uma cinta de papel e um escripto interposto com estas palavras:

Quando receber isto, que lhe deixo, para se convencer de que não ha testemunho escripto da sua crueldade, a mais feliz serei eu, porque estarei morta. O senhor de certo nunca será feliz, porque infamia e boa consciencia não se encontram juntas. Perdôo-lhe o que me fez: mas não posso perdoar-lhe a morte de meu pai nem o desamparo em que fica minha mãi.

Resta-me dizer-te — ajuntou Duarte, arquejando de cansaço e commoção — que minha mulher desde aquella hora nunca mais teve um instante de alegria nem saude. Viemos, passados dias, para Lisboa. D'aqui par-

timos para o Rio de Janeiro. Ao cabo de oito mezes, eu estava viuvo, e rico, muitissimo rico, e cada dia, cada hora mais desgraçado, mais combalido de uma enfermidade indescriptivel. Voltei ao seio de minha familia. Já não encontrei minha mãi; e a presença de meu pai coava-me nas veias um estremecimento de pavor. Ha cinco annos que arrasto esta vida sem a coragem de a despedaçar. Sinto ainda na garganta a pressão dos dedos fincados do phantasma. Ajoelho-lhe, alta noite, e imploro-lhe que me deixe morrer socegado. Peço á alma de minha mulher que suavise com palavras compassivas a vingança da desgraçada que deve estar na presença de Deus... Em fim...

E não proseguiu, porque n'este momento entrava o doutor Arantes, o previsto medico da casa da saude, que, sem ouvir esta narrativa, sabia que aquelle enfermo devia morrer, pela mesma razão mysteriosa que muitos atacados de semelhante morbus engordam e porejam saude por todos os orificios da sua enxundiosa epiderme.

. · .

Duarte Valdez, que ainda vi na vespera da sua ida para a Madeira, foi e não voltou. As supplicas de Olinda lograriam que a misericordia divina o resgatasse da presa do seu remorso.

Que segredos são estes da natura?

Perguntaria Luiz de Camões.

FIM DO 9.º NUMERO